Amor Tecido

Marçal de Oliveira Huoya

Apresentado por

Meu Lado Poético

DedicatÃ³ria

Em 2015, mais exatamente no mês de Julho, iniciei a publicação de poemas no Facebook, postando um poema a cada sextas-feiras. Inicialmente minha preocupação era que os poemas que eu tinha escrito eram na maioria oriundos da minha juventude e não eram tantos, talvez faltassem poemas para tantas sexta-feiras. Mas o momento era mágico, subitamente passei a voltar a escrever sob a influência de um romantismo temporão. Então comecei a me preocupar que faltassem sexta-feiras para os poemas que escrevia.

Dedico esta coletânea de poemas em primeiro lugar a minha familia, minha esposa JJlandia, minhas filhas Ana Paula e Ana Carolina e meu filho Marçal. Aos meus pais Marçalo e Jacira além de minha tia Wanda que participou ativamente da minha criação.

Agradecimentos

Agradeço a Profa Marta Valéria Lima e Sra Maria Lúcia por terem lido e opinado sobre grande parte dos poemas aqui publicados.

Sobre o autor

Marçal de Oliveira Huoya é médico, poeta e escritor, tendo já publicado os livros Histórias da Lua, Estrela Minha e Quando nus, Vênus pela Editora Chiado. Toda sexta-feira publica um poema no Facebook e Instagram.

resumo

Súbita

Placebo

Espólio

Saudade

Nua

Cunhadas

A Vapor

Efemérides

A Lenda da Princesa Virgem

Arrebentação

Xadrez Chinês

Selfie

Pirlimpimpim

Multipla escolha

Teia

Sal de São José

Pintura

Pais&filhos

Nublado

Vira Lata

Quintal

Senhores

Imprevísivel

Promissórias

Açoite

Rosa

Na prancha

O Mal

Pureza

Comum

Gracinha

Trem

Super-Homem

Metanálise

Viajante

Cálice

Vinde a mim

Aridez

Passaro

Duas

Areia

Gatas

E?

Folhas

Vira-Latas

Convicção

O Sistema

Patinho Feio

Agora, o Amor

Se, se

Insônia

Testamento

Xubs

Trigal

Azáfama

Tutorial

Bem me quer

Doze

Procura-se

Febre

Na UTI

A pena

Epitáfio

O Livro

Sobre as dunas

Lágrimas

Revelação

Cativos

Nua

Rex

Cartas

Vidros

Meio Dia

O Primeiro sol

Eu comigo

Crise

Quando nus

Fuga

Dentro

Sampa Minha

Cúmplices

Senhora

Criação

Tabu

Fagulha

Meu Feliz Ano Velho

Calendas

Luas

Flagelo

Misturado

Óleo sobre tela

Nódoa

Voa

Tempo Perdido

Crisálida

Sofrê Sofrer

Suco Lento

Raio de Sol

Fração

Do Verbo

Fim de Caso

Logo

Insano

Só uma vez

Conto sem Fim

Noite e dia

Eis Vênus

Alemão

Banquete

Verde Novo

Meia Noite e Um

Pérola

Impermeável

Verborragia

O Bem

Astros

Miopia

Ciclos

Sem Dúvida

O Futuro

Cubo Mágico

Da Arte de Escrever

Busca

Feliz Aniversário

Mãos Vazias

Ira

Ainda Não

Passageiro

Crescer

Do que importa

O Primeiro Homem

A Cor da Morte

Tardio

Ter Filhos

Gueixa

Um Encontro com a Felicidade

Controle Remoto

Nos Dedos

Supremo

Original

Vésperas

Alisios

Caudal

Iceberg

Rescaldo

Amanhã

Desigual

Águas de Cheiro

E Depois?

Fair Play

La Lune

Guardiã

Nós Outros

Flecha

Exato

O Degredo da Ciência

Pesadelo

Sobre o Amor

Leitura

Sépia

Abismo

Nós

Risco

Colisão

Invento

Crepúsculo

Chá das 5

Adeus Pasárgada

Dèjà vu

Vigília

Breve

Encontro

Sal da Terra

Baú

Selva

Silencioso

Reverso

Raio de Sol

Abstrato

Sétimo dia

Vão

Superstição

Fama

Absurdo

A Carta

Recato

Gala

Ser

Já

Roteiro

A Queda

No dia seguinte

Tempos Modernos

Ad Verso

Estranho mundo novo

Marveja

Luto

Teorema

Semi Àrido

Abissal

Alquimia

Anfitriã

Encoberta

Passageiro

O Acaso

Dionisiacas

Cinzas

Dialética

Minha Mãe

Superficial

Humanidade

A Maldição do Neandertal

Atração

Medieval

Gourmet

César

Gourmet (continuação)

Da Arte de Escrever

Voraz

Suspiros

Em sucessão

Férias

Ítaca

Calendário

Súbita

Predador sorrateiro
Fera que vagueia silenciosa
Em caçada desatenta
Andar vagaroso e traiçoeiro
Caminha, para, olha, pensa
Escolhe ao acaso
De forma lenta e criteriosa
Passeia despercebida
Entre vítimas distraídas
Leves e despreocupadas
Ignoram inocentes
O que o destino lhes prepara
O inevitável momento
Que lhes espera
Roçando a todos
As presas dessa fera
Tudo é imprevisível lento
De súbito,
Ela escolhe um
Salta veloz
Como um raio decidido
Mau e feroz
Num apetite desabrido
Como rompesse
Um prolongado jejum
A vítima é pega de surpresa
Sente o hálito da morte
E se debate indefesa
Certa da sua sorte
Puxa o ar a sua volta
Mas a fera forte
Imobiliza sua presa
Morde, sufoca sua garganta

Frágil e delicada
Como uma planta
Firma, e não solta
A presa se debate ainda um pouco
Respira, suspira e resfolega
Num ruído agonizante e rouco
E então se rende,
Se entrega
Um silêncio...
Logo se ouvem lamentos
Em meio a sobreviventes silentes
E lamuriosos parentes
Magica dos laços do amor
E do nascimento
E o mundo todo sente
Nunca mais a luz do sol
Nunca mais a lua
Ascende sua alma nua
A terra será para sempre
O seu lençol...

Placebo

No Amor,
Entre a prática e a teoria,
Há uma distância imensa,
Muito mais do que a gente pensa ou desejaria,
Muito mais do que nossa vã filosofia,
Seria uma estratégia ou uma tática,
Demonstração de sabedoria?
Uma inofensiva alquimia,
Uma pretensa ciência,
A evidência de uma utopia,
Talvez o fruto da inexperiência,
Ou quem sabe uma apologia para a sua falta de ousadia,
Na presença da impotência a castidade não é uma virtude,
O amor celebra a saúde,
Pois quem ama, não se engana
Criar fama e se deitar na cama,
E não deixar que se apague a chama,
Mas as vezes ninguém sabe,
Das armadilhas que preparam a vaidade,
Essa tendência ao drama e a desigualdade,
Uma pitada de incoerência,
Achaques da humanidade,
Entre a prática e a teoria,
Há uma licença poética,
Vai de declamar poesia,
Simples ciência alfabética,
A estudar trigonometria,
Uma solução aritmética,
Que qualquer pessoa cética,
Sem dúvida me diria,
Que não há razão na paixão,
E que qualquer amante duvidaria
Que nas coisas do coração,

Há exatidão ou certeza,
O Amor não é só a pureza,
É meio atração, meio safadeza,
Quem ama tem que amar,
Amor tem que se praticar,
Sem ouvir mestre, guia ou doutor,
São só conselhos de castos mentores,
Que nunca sofreram de amores,
E não entendem nada de amor...

Espólio

Deixarei como espólio
Pedaços do meu coração
Para quem não fiz o suficiente
Os amores que não satisfiz
Mulheres que não fiz feliz
Pela minha indecisão
Mas que nunca fui indiferente
Se não fui de ninguém
De todas eu não fui também
Mas as que amei, eu sei
Eu o fiz com devoção
Sempre deixei ir na frente
Ou aproximadamente
Por instinto e convicção
A mulher primeiramente
Depois é que a gente sente
Que pode cumprir a missão
Mas amar não é só aquela hora
Se ama por dentro, se ama por fora
Tem que ter cuidado
E principalmente, ter atenção
Logo depois de feito
Deite-a sobre seu peito
Faça suaves carícias com a sua mão
Só durma se ela quiser
Ela não é igual a você
Quem sabe queira mais prazer
Vai saber, é mulher...

Saudade

Que algo faz falta ali
Bem se vê
Melhor assim
Aquela claridade forte
Que cegava
Aquele vento furioso
E desobediente
Ela amava
Fere, uma assimetria incômoda
Alguma coisa fora da posição
Um móvel que não combina
A aridez, depois da faxina
Uma solidão
Algo que chama atenção
A desarmonia da rima
A falta de um botão
Ah esse desconforto
Essa vontade de trocar a alma
Por outra não apertada
Alma pesada, cansada
Sob pressão
O fim
Mas é melhor assim
Eu digo que sim,
Mas finjo que não...

Nua

Nunca tinha visto antes uma mulher nua,
Uma mulher nua, totalmente nua,
Ah! Isso era novidade,
Tão crua, tão nua de verdade,
Sem vergonha ou sem pudor,
Do seu amor, da sua dor,
Da sua fragilidade,
Forte pela franqueza,
Amando sem ter defesas,
Suas incertezas,
Com feminina simplicidade,
Atraindo meu reparo, meu faro
Cativeiro da minha saciedade
Ah essa mulher pouco se dá conta,
Do magma que provoca,
Sua pele que me afronta,
Penugem que me toca,
Seu sorriso, Minha surpresa,
Seu beijo tão vivo,
Sua extrema felicidade;
Talvez viva dúvidas,
Pense incertezas,
Tenha saudades
de algum passado,
De algum sentimento vivido,
Ou não vivido,
Ou algum amor acabado,
Talvez sofra sem fazer alarde,
Chore a noite escondido,
Noites de sono perdido,
Mas quem vai saber?
Quem sabe?
O que eu não duvido,

É que vive despida,
De medos e de receios,
Simplesmente quer ser,
Seus sonhos, seus devaneios,
Talvez procure uma saída,
Talvez seja a mulher de minha vida,
Talvez venha inspirar pintores e poetas,
Talvez venha fazer o que ninguém fez,
Anunciar minha devoção secreta,
Acender uma paixão proibida,
Talvez, Talvez...

Cunhadas

Cunhada
Com cunhada
Estão dando risadas
Entrando no chuveiro
Quem vai se despir primeiro?
Há curiosidade no ar
Não dá mais pra parar
Tirando a blusa
E o soutien
O coração calouro
Disparando em mil tantantans
Chegando na calcinha
Avaliando o tesouro
A mais experiente
Orienta a jovem inocente
Quer comandar sozinha
Primeiro eu tiro a sua
E depois
Você tira a minha
Cunhada
Com cunhada
Já estão todas molhadas
Estão todas molhadinhas
Estão encharcadas
Dedinho apontadinho
Arranhando devagarzinho
Beijando o pescoço e a nuca
Sem nenhuma vergonha
Ou alguma culpa
Engolindo com gula
Línguas e peitos
De tudo que é jeito
Desce a boca pelo riacho

Entre os seios
Até o céu pinguinho
Fazendo o papel do macho
Já bem durinho
Enfiando a língua
No meio
Depois em suaves lambidas
De um lábio a outro
De baixo pra cima
Devagar e decidida
Morde e chupa mais um pouco
Agradando a sua menina
Gostoso mel agridoce
E com gosto
Mais chuparia
Se mel não fosse
Ouvem um marido
Lá fora
Vambora, já tá na hora
Ouvido na porta colado
Mistura da pressa
E do desconfiado
Chega a pressentir a festa
Mas se acha exagerado
Afasta a ideia do chifre
É só palpite
Deixa de lado
Cunhada
Com cunhada
A virgem
Não pensa mais em nada
Pensamento concentrado
No gozo
Vendo luzes piscar
Um lugar maravilhoso
Um céu de brigadeiro

Debaixo do chuveiro
Um mar de almirante
Num gozar flutuante
Cunhada
Com cunhada
Depois de tudo
E do que fez
Olha a outra cunhada
Relaxada
Que mal se refez
Depois de chupar a língua
Não quer ficar a míngua
E comanda
Cunhada,
É a sua vez...

A Vapor

Não há
Como fazer
E acontecer
Para aumentar
O que já é enorme
Cresce e costuma doer
Como uma criança cresce
Enquanto dorme
Vem a dor do crescimento
Que incomoda por ser amor
Para a qual não há alivio
Nem unguento
A não ser seu cobertor
Para aumentar o aquecimento
Para lhe esquentar lá dentro
Então lhe sobe tal calor
E é tal o inquietamento
Que de longe
Vêem-se os eflúvios do vapor
Dos calafrios congelando o tempo
Ah! Então isso é amor
Sem tirar nem pôr
E não um simples
Encantamento...

Efemérides

Ando
Com muitas saudades suas
Coisa de ensimesmar
E esquecer de mim
E errar de rua
De ver sinais de sim
Em todas as coisas de rotina
Nuvens femininas
Cores de carros apostados
Apostando o futuro
De olhos fechados
E eles passam
E eu conto, e reconto
Até o melhor resultado
Viés de quem está apaixonado
Sem grande esforço
Revejo cenas dos últimos capítulos
Capricho nas partes preferidas
Enquanto espero o almoço
Pago a conta,
Esqueço o troco
Coisa de alma distraída
E juízo pouco
Esqueço das chaves
E da carteira
Penso que terça
Já é Sexta-feira
Lunático que perdeu a nave
Sim, ando com saudades
Em todo por do sol
E fim de tarde
E porque tanta maldade
Da gente se ver só

Nas efemérides

Efemeridades...

A Lenda da Princesa Virgem

Chovia,
E como chovia,
Mas ela nem percebia,
Com um sorriso demente,
Fingindo que não sabia,
Saltitava indiferente,
Assustada com a mão na boca,
Com um ar inocente de louca,
Presa de seus sonhos e fantasias,
Em um braço trazia um ramalhete,
Branca de Neve cantando em falsete,
Deslumbrada e surpresa,
Consciente de sua própria beleza,
Importunava toda a floresta,
Com um barulho ensurdecedor,
Para ela tudo era festa,
Mesmo avisada que a festa acabou,
Com um ar infantil de santidade,
Se acreditando em eterna virgindade,
Casta, perfeita e sem sabor,
Poderia até ser uma linda gata,
Mas é chata, chata e muito chata,
Nunca sabe se pode, mas empata,
Perseguindo coelhos e passarinhos,
Com a intenção de feliciantes carinhos,
Pondo todos em desesperada fuga,
Até mesmo a lenta tartaruga,
Fugia na companhia do caracol,
Alheia a realidade ao seu redor,
Onde para ela tudo era alegria,
Cabelo arrumado na ventania,
Não sabe onde perdeu o simancol,
É porre de noite, é chata de dia,

Todo esse encanto é puro tédio,
Talvez um segredo da farmacologia,
Esqueceu a receita e a posologia,
E dobrou a dose do remédio...

Arrebentação

Então
Aquela chuva miúda
Dessas chuvinhas contínuas
Que esfriam o coração
Uma melancolia turva
Mal se vê o que
Uma cerração
Combinando com o tempo
E o seu pesar
Seu arrependimento
Seus olhos subitamente
Enchiam como poças d'água
Em cálices de lembranças
Para secar rapidamente
Ao se obrigar interromper
A nascente das mágoas
Fonte do seu chover
No entanto
As águas retornavam constantemente
Como ondas na contenção
Ressaca consciente
Soluços na arrebentação
Mas disso ninguém sabia
Dormir, acordar, viver
As coisas do dia a dia
Lá fora,
Agora pareciam obrigação...

Xadrez Chinês

Ah
Como o negro é belo,
Aliás, diga-se de passagem,
Sem nenhuma margem de erro,
Assim como o branco,
O vermelho e o amarelo,
Pois não existem raças,
É só uma trapaça,
De quem lucra com isto,
Ou para o louco,
Pra quem o outro é o anticristo,
Racismo, segregação,
Nenhuma cor é exceção,
É coisa da cabeça de humanos,
Para se tornarem estranhos,
Entre si,
Uns aos outros,
Lá e aqui,
Alemães e judeus,
Hebreus e filisteus,
Sunitas e Xiitas,
Egípcios e hititas,
Tutsi e hutus,
Podiam ser verdes ou azuis,
Inimigos mortais,
Mas de cores iguais,
Têm sangue da mesma cor,
Mas que pena, mas que horror,
O Homem nunca vai mudar,
Sempre vai desejar separar,
Mas um dia, em muitos anos,
Estaremos no mesmo plano,
Mortos ou misturados,

Todos do mesmo lado,
Um mundo só de mestiços,
Frutos do mesmo feitiço,
Da mistura de todas as cores,
Do amor de todos os amores...

Selfie

O medo do medo
A vergonha da vergonha
Sonha um pesadelo
E vem uma ideia medonha
A de uma morte de brinquedo
Uma lâmina fria
A última ceia
Escoando pela veia
Lágrimas, hemorragia
O brilho do aço
Reluz num estampido
Última luz, último traço
Último som ao seu ouvido
O sucesso do seu fracasso
O silêncio após um gemido
Sobe, procura
A desesperança da altura do céu
Seu pecado onde ele é réu
Seu flagelo é sua cura
Hesita e salta
Agora já não há mais tempo
Inútil seu arrependimento
Quando o chão lhe falta
Alma em estilhaços
Corpo de vidro
Tanto peso por ter vivido
Sucesso do seu fracasso...
...

Pirlimpimpim

De mim
Não espere
Esquadrias e simetrias
Nem entalpia de genes
Espere que eu sempre ria
Quando todos solenes
Vou brincar de reinventar a roda
Nem espere gravatas
Uma para cada dia
A elegância da moda
Soldado em troca de guarda
De mim não espere nada
De que alguém combinou
Ser mais uma zebra listrada
Mais um gnu na campina
Não me contem doutrinas
Nem certezas absolutas
Nem que eu brinque de luta
Que eu reverencie totens
Adotados por cupins
Nunca espere de mim
Que eu seja eco
Ou citação
Serei grito ou serei mudo
Vou me aventurar no absurdo
Viver e praticar a criação
E no fim
Quando terminar tudo
Que as estrelas
Se orgulhem de mim
Pois nasci pó e morri pó
Mas quero voltar ao Sol
Como pó de pirlimpimpim...

Multipla escolha

Colegial compenetrada,
Concentrada
Na sua prova anual,
Mil pensamentos
Lhe passam nesse momento,
Voce não sabe o que sente?
O dia está tão quente,
Mas ela não está em paz
Com sua mente,
Que anda pra trás,
Anda pra frente,
Andando em círculos,
Como um animal enjaulado,
O mundo é um cubículo,
Em um tempo que anda muito parado,
Aí vem a novidade,
Algo lhe desperta a curiosidade,
Olha lá para fora,
A dúvida lhe assalta agora,
Um quadradinho não riscado,
Ele é casado?
Uma pergunta eliminatória,
Uma questão matemática,
Numa prova de História,
Olha pro lado,
Não tem de quem pescar,
Não tem mais outras perguntas,
Pra perguntar?
As outras respostas,
Não lhe interessam,
O Professor avisa,
O tempo vai acabar,
Todos se apressam,

E a pergunta está lá,
Vai ser reprovada nessa matéria,
Não vai passar de ano,
Por uma pergunta tão séria,
Uma gota no oceano,
O professor vai recolhendo os testes,
Ô raiva da peste,
Qual a resposta correta?
Na cadeira se mexe irrequieta,
Na cabeça,
A pergunta está viva,
Só são duas alternativas,
A gritar o tempo inteiro,
Ele é falso ou verdadeiro?

Teia

Ela vem
E pede seu corpo
E ele faz sua vontade
Então volta e pede de novo
Então, outra vez
Ele lhe dá saciedade
Então ela volta novamente
E vai ficando sério
De verdade
Agora já é diferente
Ele sente o peso
De uma corrente
Ela já se sente leve
E à vontade
Lhe conta com regularidade
Já estão falando da gente
Depois,
Mostrando contrariedade
Reclama ouvir censuras
Entre dentes
E ele, sem novidade
Ela reclama impaciente
Da sua crueldade
De ser indiferente
Da sua insensibilidade
E então vai ficar assim?
O que você quer de mim?
Ele tenta retrucar timidamente
Alma angustiada, corpo cliente
Tenta fugir com habilidade
Mas a teia treme, e ela sente
E ele pressente
Que agora é tarde...

Sal de São José

Nem
Lembra muito bem,
Por que ela voltou,
E quando isso aconteceu,
Lembra que foi numa manhã turva,
Um vento úmido trazia o verde,
Adivinhando a água quem tinha sede,
A terra seca pedindo chuva,
Coincidiu de ser este o dia,
Em que ela abriu a porta,
Mal se virou do sal de Santa Luzia,
Junto a imagem de São José,
E ela estava de volta,
Sorriso escabreado, a boca torta,
Parada, persignada, ali em pé,
A fé no que já tava pronto,
Coincidiu de ser este o dia,
Em que o açude se fartou,
Se encheu tanto e tanto,
Que no fim do dia sangrou,
Assim como pedira pro Santo,
E seu Santo não negou,
Coincidiu de ser este o dia,
Em que se aproximava a colheita,
A luta e a labuta finda da semeadura,
Quem plantou, agora se deita,
Imaginando dias de fartura,
A meninada satisfeita,
Coincidiu de ser este o dia,
Que tudo se pintou de toda cor,
Vermelho paixão, verde de vida,
Azul de sedução, amarelo de amor,
Tudo junto numa feira colorida,

Festa do interior,
Coincidiu de ser este o dia,
Em que tudo virou bonança,
Será que a coincidência adivinhou,
E ela voltou por esperança,
Assim que o estrume virou flor?
Pois mais coincidência foi o dia,
Que quando arrumou sua cachorra,
Pouca roupa, quase vazia,
Toda criação sofria magra,
Partiu maldizendo o mundo,
Lançando pragas e porras,
Que ali não era o seu lugar,
Ele viu tudo e respirou fundo,
E mais uma vez, na aridez,
Ela prometeu nunca mais voltar...

Pintura

Saltimbanco,
Vagabundo,
Preto no branco,
Segue querendo conhecer o mundo,
Buscando a beleza,
Onde ela vive e mora,
Chegando, ficando e indo embora,
Com alegria ou tristeza,
Vivendo o aqui e o agora,
Seguindo a correnteza,
Dormindo em outras camas,
Comendo em muitas mesas,
Paleta, cavalete e pincel,
Sem noção de tempo sequer,
Parando em um campo qualquer,
Cheirando a terra, olhando o céu,
Pintando a alma de uma mulher,
A grama verde, a terra roxa,
Seios fartos e belas coxas,
Grandes lábios, beijos quentes,
Não existe cor suficiente,
Para pintar o que ela sente,
O mundo todo em um corpo só,
E quando tudo acabar finalmente,
E se um dia eu for virar pó,
Não quero velas, nem quero flores,
Quero lá, as mais belas cores,
De tudo que já colori,
E que não faltem todos os meus amores,
Os que amei, os que sonhei
E os que eu vivi...

Pais&filhos

Todos nós
Somos pais
E somos filhos
Somos trem
E somos trilho
Somos espelhos
De alguém
A imagem
De quem foi
E a idéia
De quem vem
Somos século
Somos círculo
Anos que falam
Mil histórias
Contadas de um a cem
Somos choro
Somos circo
De emoções que sobrevém
De modo
Que não há um inicio
E nem um fim
Nem um não
E nem um sim
Nem um mal
E nem um bem
Tudo é ciclo
Tudo é círculo
É balanço
É vai e vem
É cansaço
E é descanso
É o recomeço

Do princípio
E do fim
Que nunca tem...

Nublado

Hoje
Amanheceu chovendo
Pelos cantos
Pelos cântaros
Acho que por culpa minha
Daqueles dias
Que o corpo acorda
E a alma discorda
E se deixa sozinha
Chuva que verão
Em dias de se esconder
Inverno que ninguém vai ver
Em companhia da solidão
Pingos de chuva
Em um aguaceiro, açoite
Quando já é dia
Mas ainda é noite
Todo esse céu contido
Um peso sem sentido
Em que nada se contém
Sem horizonte visível
O sol é impossível
E então a chuva vem...

Vira Lata

Eu não sou uma fórmula
Nem uma constante
Sou tantos eu
Quanto o incompreensível
Quem lhe faz chorar e lhe faz rir
Impossível de calcular
Como o valor de pi
Não sou quem você esperava
O igual ao seu desejo
O mesmo de sempre
O lugar comum de um beijo
O cotidiano, o habitual
Seu porto e enseada
Seu sonho de conforto
O trazer do pão e do sal
O retrato três por quatro
Sua noite iluminada, sua charada
Serei sempre seu
O Amor e os seus sobressaltos
E ainda sim
Estarei sempre só
E com você
Porque busco
E ainda sempre me falta
O que nunca vou encontrar
Curioso e irrequieto
Como um solitário vira-lata...

Quintal

A vida segue
Os portões enferrujam
O mato toma conta do jardim
As folhas mortas sujam
O que já foi algazarra
Brinquedos no capim
Gritar, brincar e sorrir
A inocência do porvir
Hoje é silêncio
Ideia perene de um fim
A criança que ali vivia
Ainda se agarra aos vultos
Aos rostos ocultos
Pela névoa da disforia
A decorada coreografia
De tudo presente sem ninguém
Todos em seus lugares
No entra e sai, no vai e vem
Arrependido pelo não feito
Sussurra entre dentes
Ah no meu tempo
Não foi desse jeito
Ah no meu tempo não era assim
Nada eternamente será perfeito
E mais pois agora
Que para ele
Não há mais jardim...

Senhores

E então
Chegou o chamado
Anunciando a boa nova
Boa demais para um condenado
A sua zênite ou a sua cova
Cavaleiros do Apocalipse
Anunciaram o eclipse
E a criação
A esperança
Com a segurança
Que só os Deuses tem
E um largo sorriso de satisfação
Todos então lhe disseram Amém
Inclusive ele também
Com certa perturbação
Lhe consentiram sonhos azuis
E ordenaram: Faça-se a Luz
E trouxeram as trevas
A escuridão...

Imprevísivel

Intimidade
É o espaço
Entre a distância
E a proximidade
O que estou fazendo aqui?
Era onde eu queria estar?
Mas por que não quero sair?
Não é por falta de vontade
Mas porque flutua no ar
Um não sei que
Não sei que lá
Do que irá fluir
Do que não irá rolar
Nem mais cedo
Nem mais tarde
Sente-se o medo
Marés de quem vai se entregar
Sente o beijo gostoso
Com gosto de desconfiado
Os corpos colados
Que parecem não estarem aqui
E bebe-se o vinho
Arrisca-se um carinho
A pelica começa a aluir
Um orvalho no peito
Ele retribui com proveito
No meio do caminho
Tempo que vai e vem
Ele chegou, ela também
Meio sem sal, meio sem jeito
Juntos saíram sozinhos
Ele sob efeito do vinho
Ela o julgando refém...

Promissórias

Ainda voam
Com dificuldade
Como os aviões
Asas com grilhões
Correntes da afetividade
Que arrastam os corações
Amores credores
Promessas são promissórias
O peso das flores
De densas ixórias
Melhor seria
Ter entrado e saído
Ter vivido, ter sentido
Esquecer
E depois ser esquecido
Melhor seria
Ignorar suas fotografias
Enterrar suas confidências
Tirar o peso da consciência
Ao vestir minhas fantasias
Seria?
Não há mais como voltar
Nem também como sair
Seja prazer, seja sofrer
Seja sentir
O que tiver que acontecer
Agora, não vou embora
O amor vai ter que dividir...

Açoite

No sono
No silêncio
De noite, de dia
Quando paro e penso
Versos murmuram
O tempo todo
Em meus ouvidos
Vozes da nostalgia
Mortos profanados
Amores vividos
Completamente
Ou mal resolvidos
Tudo o que pretende
Ser lembrado
Ou o que não quer
Ser esquecido
Sons do passado
Gritam, chovem
Enfurecidos
Gotas furiosas
Tamborilam nos vidros
Não esqueça
Não esqueça
Dançam na sua cabeça
Coalescem
Se dissolvem na vidraça
Lágrimas se abraçam
Descem, efervescem
Escreva, crie, verse
Faça...

Rosa

Espanta a fera
E segue pela vida,
Destrói pontes atrás,
Abre as saídas,
A fera é o teu desejo;
Se resistir,
Não será fraqueza?
Talvez um sonho,
Talvez um tempo
E a natureza,
Se completarão num beijo...
Espanta a fera,
E volta arrependida!
Não sabes que a fera,
Assim ferida
É mais perigosa?
Se hesitar
Te mostrarás mais dividida,
Espanta a fera de uma vez por todas,
Ou então fica
E goza!...

Na prancha

Toda vez
Que lhe faziam
Andar na prancha
À ponta de espada
Em meio a águas infestadas
Aos tubarões
Aos tubarões
Ele cai, mergulha
E nada
Engole água
Os Deuses das marés
Espíritos das correntezas
Puxam seus pés
Lhe carregam a revelia
Com despreocupada leveza
Para alguma tranquila baía
E nem há tempo
Pra tristeza
Ah seus carrascos benfeitores
Lhe pretendem dores
Ele responde com seu riso
Aos leões! Aos leões
Gritam os Imperadores
Atiçando a multidão
Ele nem ouve o aviso
Acostumado com o leão
Transformar o inferno
Em Paraíso
Continua a sua missão
Retribui fogo com sorriso
Revés com obstinação...

O Mal

Como vai o Mal?
Ele passa bem,
Obrigado!
Que bem passa ao Mal?
O Mal é tão descolado,
Pois então,
Eu vi o Mal,
Usava branco,
Como um vestal,
De gravata,
Impoluto,
Com um ar resoluto,
Num pedestal,
Estátua imaculada,
Estando ali para ser admirada,
Eu vi o Mal de perto,
Tentou enganar Jesus no deserto,
E se deu mal,
Cabelos brancos,
Já meio grisalhos,
Do tipo não falho,
O Mal é muito educado,
Faz cara que estou preocupado,
Tem jeito que faz o bem,
Que não faz o mal a ninguém,
É do tipo que vai a Missa,
Para que todo mundo veja,
Adora um rito,
Contrito e compenetrado,
Se ajoelha e beija,
Querendo ser perdoado,
E se confessa,
Se levanta depressa,

Está sempre com pressa,
Não tem nenhum tempo a perder,
Ainda tem muito mal por fazer,
Ah sim,
O Mal acredita em Deus,
Mas só para os seus,
Se o Bem quiser vencer,
Pois o Bem é um menino ousado,
Valente e endiabrado,
O Bem vai se arrepender,
O Mal tem amigos e coligados,
Até Juízes togados,
Em todo local,
Até no Supremo Tribunal,
Quem sabe no Federal,
Então, que mal existe,
Em manipular o resultado?
O Mal é brilhante,
Como um propaganda de alvejante,
Branco total radiante,
Ofusca, cega, seduz,
É cheio de luz,
Um brilho constante,
Um arca do tesouro,
Sempre é bom tomar cuidado,
Nem tudo que reluz é ouro,
A cor preferida do Mal
É o dourado,
O Mal não dá o braço a torcer,
Ele vai tentar te convencer,
Que não há nenhum mal,
Em se vender,
Desde que o preço seja justo,
Você não vai ter
Nenhum custo,
O Mal nunca se conserta,

Sempre tenta se defender,
A explicação é natural,
Para o Mal, ele não é mal,
A Maldade sempre está certa,
Acredite no que ele vai dizer,
Não dá bolas para a crítica,
E justifica,
O que eu faço é política,
Nada mal para o Mal,
Sua alma tão valorizada,
Nas mãos do Mal,
Não vale nada,
O Mal olha pra você,
E dá risada,
Ele sabe que vai vencer,
Sim, eu vi o Mal,
Mas ele não era mal,
Por sua vontade,
Ou por necessidade,
Não, não pense mal,
Do Mal,
Ele só é Mal por maldade,
Assim que é a sua felicidade,
Viver para fazer o mal,
Uma maldade imortal,
Maldade pura,
Fingindo que sara e cura,
Por pura vaidade,
O Mal está por todo lado,
Com sincera falsidade,
O Mal te espera com ansiedade,
O Mal é o Diabo...

Pureza

Nem
Tira os sapatos
Para pisar na areia
Em noites de lua cheia
Se benze em mil pais nossos
E ave marias
Interpreta o belo
Como heresia
Escova os dentes
A cada beijo
E cospe na pia
Se entrega ao seu marido
Envergonhada
Em sentir desejo
Gritar é artigo proibido
Tem que amar
Sem nenhum gemido
O que ele vai pensar
É a puta do vilarejo
Vê na frente sua consciência
Censurar festejo
Sua mãe a lhe pregar decência
Ai vem o fim dos tempos
O dia final do julgamento
A vinda de todos os satãs
Evas impuras
Que morderam a maçã
Sacode a alma com cuidado
Tudo aqui é sujeira
Se limpa de toda maneira
Todo vestígio de pecado
Enquanto a vida
Desfila na janela

A solidão lhe atropela
A sombra da vida passa
E foge ligeira...

Comum

Hoje
Não tenho
Inspiração para nada
Nem para bruxas
Nem para fadas
Amanheci
Seco como um deserto
Com a umidade de uma caverna
Se penso existo
Se isto, flerto
Breu, Breu, Breu
Eu, eu, eu
Refém e recompensa
Com a inocência dos culpados
Como cheguei aqui?
Escravo destes elos
Tão apertados
Vejo uma bússola enlouquecida
Onde nada é norte
Onde tudo pode ser
Pra onde ir?
Sem passes
Ou salvo condutos
Só o preço da passagem
O vício dos vultos
Algo qualquer que me leve
Me jogue, me empurre
Porque não vou a lugar nenhum
Sou eu sempre
No mesmo lugar
E em lugar algum
Sem nenhuma originalidade
A mesma dança

O mesmo canto

Solenidades

Poemas que tecem armadilhas

Cativo da criação

Em planos de fuga

Sempre da mesma ilha

Para outra sensação...

Gracinha

Quem é o seu Romeu,
O dono do seu Amor,
Aquele que aviva sua cor?
Bem que poderia ser eu,
Ora veja,
Mesmo que eu não seja,
Quem você sonhou,
Todos os dias,
Te alimentarei de versos,
Eu sei que não basta,
Só viver de poesia,
Mas já é uma boa energia,
Só pra começar.
Se quiser,
Pode me guardar,
No seu armário,
E me vestir quando for sair,
Posso ser o feriado,
Do seu calendário,
Seu final de semana,
Se você permitir,
Vou fazer qualquer coisa,
Pra ver você sorrir.
Pode me deixar na geladeira,
E de manhã,
Depois de sonhar,
Uma noite inteira,
Vai poder ir lá e abrir,
Pegar e me consumir,
E quando a noite,
Você fizer uma prece,
Vê se não esquece,
Por favor, de Lhe pedir,

Que esse Amor nunca acabe,
Pois nunca se sabe,
Mas meu amor,
Não feche a porta,
Se você for sair...

Trem

Meu destino
Não faz concessões,
Não adia prazos,
Não negocia, não regateia
Meu destino cobra, fatura
Dá deferimento
Executa, despeja, cumpre
Meu destino ignora os autos e a defesa
Não pede vênia
É rude e ignorante
Tem a sutileza de um elefante
Meu destino surge de repente
Meu destino chega
E não se apresenta
Entra sem ser convidado
Destampa na reta
Atropela e não dá socorro
Meu destino é um trem desgovernado
Meu destino bebe sem limite,
Dirige sem controle
O que tem controle não é destino
Meu destino é menino e inconsequente
Meu destino é indiferente
E não desiste...

Super-Homem

O Homem bonito,
É um mito,
E é um drama,
Vive do sacrifício,
Da fama e do suplício,
Da auto flagelação,
Da injeção dolorida,
A solução de sua vida,
Em um músculo colorido,
Em cicatrizes e tatuagens,
Suas tribos inventadas,
Clones da sua própria imagem,
Cabeças raspadas e peitos esculpidos,
Se sente forte e temido,
Mas é tão desprotegido,
Num futuro atrofiado,
Um Universo contido,
Sua saúde espartana,
Lhe engana, em comprimidos
Mesmo aos espartanos,
Ás gregas e aos troianos,
As cegas e aos paisanos,
Para quem a inteligência,
Não basta,
E a aparência é uma casta,
E a consistência,
Não chega
Crente e fiel,
Ao Deus Apolo,
Ama ardentemente,
De maneira solo,
Ama sua própria self,
De costas e de frente,

De lado e de perfil,
Posta irreverente,
"hashtag" partiu
O Homem bonito,
Tem os ritos de seu próprio mito,
Esconde seus dramas,
É o espelho mais cobiçado,
De quem vive,
Para ser desejado,
Mania estranha,
De não saber bem,
Quem se é,
Um Super-Homem sem fé,
Um Semideus desesperado,
Com suplementos selecionados
E um tênis importado,
Em cada pé.
O Homem bonito
É um mito
Mas quem não é?

Metanálise

Com licença,
Mas como posso saber,
O que você pensa,
Debaixo dessa névoa indevassável,
Dessa neblina tão densa,
Onde tudo é possível,
Onde tudo é provável,
Nada tem nível de evidência,
Como tratar essa variável,
Esse amor que já é ciência?
Se você gosta ou não gosta,
Se eu entrei no cálculo da sua amostra,
Talvez eu não seja normal,
Uma variável ordinal,
Será que estou lá no final?
Quem sabe uma hipótese alternativa,
Ou uma hipótese nula sem perspectiva,
Uma variável não paramétrica,
Uma relação assimétrica,
O que diminui nossa probabilidade,
Mas o que dizer da saudade?
Uma variável quantitativa ou categórica?
Já sou uma analise retrospectiva,
Ou uma coorte histórica?
Será não ou será sim,
O que você sente por mim,
Ou será que você nada sente,
Ou sente e esconde a verdade?
Será que sua metodologia mente?
Será que é medo ou fragilidade?
Ou será que é cedo pra realidade?
Será que sua distância é timidez,
Ou será indiferença,

À minha presença?
Talvez excesso de sensatez,
Talvez não ou sim, talvez,
Serei seu maior erro alfa,
Fruto de um simples acaso,
Ou serei seu gênio da garrafa,
Uma adolescência fora do prazo?
Tudo que é dúvida ou hesitação,
Lhe cai perfeitamente como uma luva,
Serei só um desvio padrão,
Ou sua margem de erro,
Ou um valor fora da curva?
Quando escrever sua conclusão,
Quando você publicar seu artigo,
Vou saber qual a definitiva decisão,
Se você me deseja como um amante,
Um amor, uma paixão,
Ou serei só o seu amigo?

Viajante

Olha
Eu vou partir
Demorei muito tempo por aqui,
E não posso me demorar,
Tenho que seguir,
Descobrir o que tem pra lá,
Olha,
Não estou reclamando,
É que o horizonte está me chamando,
De quando em quando,
Eu vejo,
Aquele astro brilhante,
Mandando eu seguir adiante,
Eu vejo, eu juro,
Não posso me fixar,
Me dá um beijo,
Não é fácil ter alma de viajante,
Vou buscar o que procuro,
Se é que algum dia eu vou achar,
Guarde pra mim,
Todos os momentos felizes,
Lá de onde vim,
Não se criam raízes,
As pedras mudam de lugar,
Se movem o dia todo,
Não criam limo nem lodo,
Também não posso te levar,
Aqui não tem mais novidade,
Era tão bom sonhar,
Mas quando sonho encontra a realidade,
Então é melhor despertar,
Foi tudo tão bom,
Não faço nenhuma queixa,

Olha a luz brilhou,
É a minha deixa,
O espetáculo já terminou,
Vou sair de cena,
Enxuga a lágrima,
E seca esse nariz,
Guarde bem todos nossos poemas,
Fique bem e seja feliz...

Cálice

Não sou Jesus
Mas estive no deserto
E vi a luz
Uma epifania
O Outro por perto
Estava tão certo
Da minha idolatria
E que as minhas fragilidades
Eram a porta para o mal
E na sua maldade
Pensava eu ser igual
Primeiro
Me chamou pro seu lado
Amistosamente sorriu
Disfarçando o seu ardil
Em expor o meu pecado
Depois me impôs
Em veladas ameaças
A posição de joelhos
Seus olhos bem vermelhos
Me ofereceu uma taça
Taça de ouro
Diamantes cravejados
Em detalhes prateados
Num estojo de puro couro
E disse beba
E será como nós
Vai viver eternamente
Ontem, hoje e após
Aceite e se contente
Ordenou aumentando a sua voz
Beba, beba
Ou vai se queimar

Na labareda
Beba e se curvará a mim
Beba ou então será
Seu fim
Beba e diga sim
Não, você não é Deus nenhum
Pois Deus só existe um
Só existe o Deus do bem
Você não é ninguém
Não, não me curvo
A falsos deuses
Pode me castigar
Todas as vezes
Seu espírito turvo
Um dia vai apodrecer
Ah, se ele desistiu?
Você quer saber?
Não, ele nunca desiste
Destrói a quem lhe resiste
Mas isso não vai acontecer...

Vinde a mim

Eu,
Anjinho divertido,
Anjinho brincalhão,
Andava muito distraído,
E sem nenhuma obrigação,
Conversando com os Anjos
Meus amigos,
Anjinhos, Serafins e Querubins,
Anjos da Guarda,
A postos, de farda,
Todos zoando de mim,
Por meu tempo de Anjo,
Nunca chegar ao fim,
Parças, coligas,
De brincadeiras e brigas,
Todo mundo já nasceu,
Até aquele anjinho pigmeu,
Foi mais rápido do que eu,
Foi quando um Anjo me chamou,
Um Anjo coordenador,
Compareça imediatamente,
Vai lá rápido e se apresente,
O chefe tem uma missão pra você!
Meu Deus! Não pode ser!
Que alegria!
Enfim chegou o meu dia!
Cheguei até mudar de cor,
Nunca vou me esquecer,
O dia de falar com Nosso Senhor,
Comecei a ficar nervoso,
Encontrei na porta São Pedro,
Com aquele jeitinho amistoso,
Sorriu pra mim,

Disse, não tenha medo,
Anjinho, a sua hora chegou,
Entrei,
Lá estava Deus,
Um cenho sério e sisudo,
Um rosto velho e barbudo,
Mas sorriu e me desarmou,
O sorriso mais doce do mundo,
Nem era sorriso de Pai,
Era um riso de Vô,
Me pôs no colo,
E me acomodou,
Me olhou muito sério,
Como nunca antes
Ninguém me olhou,
Como se fosse revelar um mistério,
E me revelou:
Hoje você vai descer,
Vai nascer como um bebê,
Vai ocorrer sua mudança,
Daqui só terá uma vaga lembrança,
Mas sempre estarei por perto,
Disso pode ficar certo,
Olha, um dia você vai crescer,
Vai se tornar um adulto,
Vai ter tantos problemas,
Dúvidas, dilemas,
Mas tudo isto faz parte do poema,
Não desanime, nem tema,
Mas ouça este conselho,
Quando ficar mais velho,
Sempre que se olhar num espelho,
Procure lá dentro, escondido,
O que pensou estar desaparecido,
Aquela energia inocente,
Que um dia te dei de presente,

Vai encontrar
O seu lado mais bonito,
Onde reside,
Onde mora a esperança,
Lembre-se sempre disto,
A sua eterna criança,
O que a gente chama de espírito...

Aridez

Como se tornou
Seca, a boca que lhe beija
Uma fruta peca
Acre cerveja
Árida paisagem
Amargo esse sabor
Ácido humor
Que despeja a dor
Tão bruta estiagem
Folhagem ressequida
Cenho sem vida
Exposta ferida
Sob um céu assustador
E se não há brisa
Só raros oásis
Luas sem fases
E mais nada ameniza
Este cenário sem cor
O que falta
É o que precisa
Olhar onde se pisa
Para não machucar a flor...

Passaro

Ela tinha tudo,
Tudo que desejava,
Tudo que queria,
Sol, sombra, água,
Comida três vezes por dia,
Mas o que ninguém sabia,
Era que isto não bastava,
Não satisfazia,
Precisava de sonho,
De fantasia.
No seu apartamento,
Uma gaiola dourada,
Suspirava a cada momento,
Transbordando de vontades,
De quereres e de saudades,
Andava de um lado pro outro,
Presa no próprio corpo,
Seu pensamento voava,
Sua alma fugia,
Sim, tinha um dono,
Que fechava a gaiola,
Mas não abria,
Vivia no abandono,
Asas cortadas,
Nem cantava,
Porque nem podia,
Pela janela olhava,
Pássaros soltos,
Gente com alegria,
Procurou bem longe
O seu amor,
Onde estaria?

Duas

Eu
Tenho a razão
Eu tenho a paixão
Todas as duas
Fazem das suas
Todas as duas
Cuidam de mim
Uma me acelera o coração
A outra me cobra o boletim
Ambas são belas
Ambas são elas
Ambas são flores
E eu me desdobro
Para regar esse jardim
A paixão explode
A razão não pode
Uma é profana
E a outra reza a missa
Em latim
Ambas me amam
Ambas me chamam
Eu ouço as duas
E para as duas
Eu digo sim
Eu preciso da razão
Eu não vivo sem a paixão
Eu só consigo viver assim
E no meio dessa confusão
Eu já tomei a decisão
Eu escolho as duas
Para amá-las nuas
Mas eu só não sei
O que vai ser de mim...

Areia

Hoje te procurei na praia
Hoje eu procurei na areia
Minha sereia de longas pernas
De natureza tão terna
Hoje te procurei
Como um menino aventureiro
Procurando coisas do mar
O dia inteiro
Sem parar
Sem a mínima preocupação
Com o tempo da sua missão
Olhando pra todo mundo
Procurando em todo lugar
Conchas, seixos, peixinhos
Olhando tudo pelos caminhos
Só faltando perguntar
Ou estipular uma recompensa
Para poder te encontrar
E premiar minha insistência
Ah! Como sinto sua ausência
E para poder suportar
Me consolo num universo paralelo
Num mundo mais belo
Onde você sempre está
Suas mãos nas minhas
Chutando marolinhas
Eu nunca mais só
Você nunca mais sozinha
Andando para um tempo melhor
O mundo todo contente
Iluminados pelo sol poente
Em direção ao por do sol...

Gatas

Ela muda
Meio sem jeito
Resignada com a vergonha
Não pode contar a alguém
Não pode contar com ajuda
Enquanto uma mão
Que vai e vem
Passeia por seu peito
Enquanto ela sonha
Com o que já está sendo feito
E vem o desejo
Resiste ao ser varrida
Pelo hálito e pelos beijos
Suspira ao ser despida
De panos, trapos e pejos
Ele vai bem na ferida
E não lhe dá ouvidos
Provocando o insuportável
Retesando os seu sentidos
Pelos ritos da culpa e do medo
Num tempo incalculável
Vai usufruindo o seu brinquedo
Uma súbita palidez, um arrepio
Seguida de um rubor
O cheio se sentindo vazio
Quis dizer que ela chegou
Amor de uma gata no cio...

E?

O silêncio
Soa a minha voz
Em tudo ter ficado
À toa
Como ontem
Como antes
E agora após
Então pra que?
Qual o motivo?
O que gostaria de saber?
Por que ainda vivo?
Então
Ninguém diz pra que?
Pra que arrumar a mesa
Pra que desnudar a beleza
Qual era a intenção?
Só sei da coragem
De ter chegado à margem
Mas sem entender a razão...

Folhas

Eu
Não quero ir
Diz a folha à correnteza
Mas a natureza é surda
E não ouve
A folha não tem defesa
Não nada
Contra a corrente
Porque águas passadas
Não trazem surpresa
E já vão lá na frente
Levando as folhas
Em levas
Com leveza
Seguem a sina
Para quem tanto faz
Um rito frio
Ofício do rio
A folha imagina
Olha pra trás
A viagem termina
Saudade
Da paisagem
De nunca mais...

Vira-Latas

Eu não sou fórmula
Nem constante
Sou tantos eu
Quanto o incompreensível
Que lhe faz chorar e rir
Impossível de calcular
O valor de pi
Não sou quem você esperava
O igual ao seu desejo
O mesmo de sempre
O lugar comum
O cotidiano
Seu porto e enseada
Seu sonho de conforto
O trazer do pão
O retrato três por quatro
Sua noite iluminada
Serei sempre seu
Amor e os seus sobressaltos
E ainda sim
Estarei sempre só
E com você
Porque busco
E sempre me falta
O que nunca vou encontrar
Curioso e irrequieto
Como um solitário vira-latas...

Convicção

E

Se só
Lhe resta a morte
Ao fim de uma vida inteira
Carimbado o passaporte
Até lá
O que fazer?
Viver, Viver, Viver
Estar ou não
Na brincadeira
Mesmo que você não queira
Chegar até a beira
De qualquer maneira
Até a morte
Acontecer...

O Sistema

Não querem mais
Só querem tudo
Porém tudo, tudo completamente
Ainda é pouco
E não satisfaz
Por isso sempre voltam
Com escadas nas muralhas
Canalhas da sofreguidão
Cigarras que vão tocando violão
E invadem o formigueiro
Ocupando o lugar inteiro
Expropriam o trabalho das formigas
Empurrando o seu trabalho com a barriga
Metástases preguiçosas
Cultivam espinhos e despetalam as rosas
Vão em frente
E massacram os resistentes
Apontam o dedo para os inocentes
Tomam mesmo o que nem é necessário
Quem não lhes serve é adversário
Sobrevivem vivendo no ócio
Hunos que espalham o mal
Ferem e sangram
Mas nada disso é pessoal
A maldade é só um negócio
Verdadeiros milagres da ciência
Fenômeno incomum da reticência
Estão em todo lugar
Não estando em lugar algum
A quintessência da esperteza
Do nada surgem de surpresa
Senhores de clones vazios
Derretem com um elogio

Um cala boca, um faz-me-rir
Adoradores do alheio
A carne é fraca, o bolso é cheio
E o Paraíso é aqui...

Patinho Feio

Não
Quer ser cisne
Nem patinho feio
Deve ter um ganso
Aí no meio
Em que a classificação
Lhe caiba em cheio
Um pato sem graça
Mas é gente boa
E é boa praça
Mas seu canto sempre é original
Não canta a toa
Nem repete o canto alheio
Já assumiu ser patinho feio
Daí achar pela granja
Galinhas virando canja
Galos cantando de galo
Ainda pintos de pêlo ralo
Perus se sentindo especiais
Entre palavras de ordem
Só para os que podem
Hashtags motivacionais
Sacués ou galinhas d'Angola
Alguns pássaros ariscos
Que poderiam estar na gaiola
Pássaros nobres e ricos
Astúcia em voô que faz escola
Superfaturam o valor dos insetos
Traficam todo o alfabeto
Tanta ave narcisista
Candidato a cisne e artista
De uma fauna tão variada
A granja vive sempre animada

E o patinho feio ali no canto, tão quieto
Como um observador indiscreto...

Agora, o Amor

Agora
Ela era casta,
Assim que ele apareceu,
Ela se olhou no espelho,
E disse que agora basta,
Tirou fora,
O vestido vermelho,
E mandou o passado embora,
Mas acontece que casto,
Ele nunca fora,
Claro, não a queria,
Como uma professora,
Nem queria ser seu mestre,
Queria os dois no mesmo teste,
Cúmplices numa misturadora,
Não que ele fosse uma vassoura,
Nem tinha experiência tão vasta,
Mas porque então mudar,
Pensou que tinha chegado,
Numa boa hora,
Chegado bem a tempo,
E justo agora,
Ela resolveu entrar prum convento,
Deixando lá atrás,
Farras, baladas,
Filmes e fotografias,
Folias, orgias,
E tudo mais,
Histórias arquivadas nos anais,
Tragadas como uma magia,
Pois agora ela quer paz,
Adeus,
Um pas de deux,

Ménage a trois,
Swing, voyeurismo,
Já fez tanto fuá,
Já fez sexo por turismo,
Dormiu nua a luz do luar,
E crua viu o sol nascer,
De manhã numa praia de nudismo,
E por causa dele quer recomeçar,
Agora, justo agora,
Justo na sua vez,
Resolveu ser do lar,
Nem quer lembrar do que fez,
Agora, que finalmente era amada,
Precisava ser recatada,
Para se fazer respeitar,
Tudo de que havia abusado,
Sem antes nunca ter amado,
Agora a ele era proibido,
Porque para ela,
O Amor lhe era sagrado,
E ao pobre coitado,
Por ter sido o escolhido,
Tudo lhe fora vedado,
O que mais havia desejado,
Qualquer forma de amor divertido...

Se, se

E já nem sei
Se bem te fiz
Ou se mal te fez
Ter me conhecido
Você não teria sido
Mais feliz
Se o impossível
Não tivesse te ferido?
Porque ninguém sabe
Não quis
Não seria melhor
Ser insensível
Ou desenhar com giz
Em vez da pele tatuada?
Talvez melhor
Sonhar anestesiada
Em vez de padecer acordada
Intumescendo seu nariz
Não seria melhor
Se você vagasse pela estrada
Sem nenhuma cicatriz?
De que valeu
Provar o mel
Ou mesmo o fel
Em doses intercaladas
Para que preencher
O branco do papel
Melhor não teria sido
Nunca ter sentido nada?

Insônia

Noites
Em que se é
Fácil presa
De uma luz interna
Acesa
Em que se acende
E se apaga
Constantemente
Em que o sono
Somente afaga
Chega, cheira
Mas não traga
Superficialmente
Noites de incerteza
Se a imagem
Era um holograma
Pairando sobre a cama
Porque a fronteira
Entre sono e sonho
Engana
Noites que todo o mundo
Dorme
Mas a sua noite
É enorme
E só começa de manhã
Corpo cansado
A mente chã
Mil vezes
Muda de lado
Os olhos teimosamente fechados
Se recusando a aceitar
Que naquela noite
O amigo sono

Não virá lhe visitar
Noites que se olha
Ao redor
Mas não há salvação
E que a chegada do sol
É o problema
É a solução
Morfeu entra em cena
Figurante inoportuno
E sem noção
É expulso
Como um huno
Pelos claros ruídos do dia
Mas agora sem servidão
Visitante que teria dado
Tanta alegria
Se não fosse
Um convidado temporão,
Com sua aparição tardia...

Testamento

Ela afundou
Nas águas profundas
Do esquecimento
Se foi por amor
Ou afogamento
Não houve testemunhas
Nem testamento
Ele se inclinou
E olhou pela murada
Viu a sua face esbranquiçada
Se turvar claramente
A medida que afundava
Soltando bolhas de agonia
Lágrimas de ar que flutuavam
E choravam a medida que subiam
Seu rosto pálido
Trêmulas ondas de refração
Esquálida visão
Tudo túrgido e macilento
Se distanciando a cada momento
Até desaparecer nas profundezas
Ele ainda esperou por mais um tempo
Mas depois se levantou com tristeza
E seguiu na direção do vento...

Xubs

Ela anda saltando amarelinha,
Rindo sozinha, só de lembranças boas, ela ri à toa,
Feliz com ela mesmo, pois não tem memória infeliz,
É o que sua alma diz
Tem lembranças de pets, de cães fofinhos,
De Marleys tão bonitinhos,
Tem amigos e xubs, seja lá o que isto seja,
Mas o seu olhar sempre festeja
Tem fama de gulosa, já com uma ficha criminosa,
Sem que ninguém a veja,
Trafica brigadeiros, querendo comer primeiro,
Mantendo vários como reféns, bem antes dos parabéns,
Ficando ali no lado da mesa, seguindo a sua natureza,
Talvez tenha uma imensa lombriga, o olho maior que a barriga,
Isso com certeza!
Sem descuidar do bolo um só instante,
Empurrando a aniversariante,
Pouco gentil, mas confiante,
Com desejos de doces e sobremesas,
Se impondo com firmeza,
E por naturalmente se achar a mais bela,
Ela pensa meio sem jeito, que é o seu direito,
E somente dela, o privilégio de ser a primeira
A assoprar a vela...

Trigal

Não faz mal
Estar em perigo
Navegar
Em um mar de trigo
Olhar de folha
Um sopro, um vendaval
Eu sonho, eu digo
Beije, colha
Leve contigo
O vento penteia
E serpenteia
A brisa alisa,
Murmura, avisa
Sol da manhã
Maçã imprecisa
Vem a lua clara
A noite cheia
A luz que cura
A cor que sara
A sua teia
Sacerdotisa...

Azáfama

Abelha que voa
A toa
Para beijar a flor
Escolhe sua cor
Experimenta seu perfume
Aprende seu costume
Sofre seu ciúme
Conhece seu sabor
É tanta flor bonita
Que a abelha visita
Ela nem acredita
A fina flor
Da flora
Flor Senhora
Flor Senhorita
Vai semeando
Amor
De flor em flor
Acaricia benvindo
Faz poesia
Zumbindo
Amar é seu labor
Com uma flor
Se entende
Com outra flor
Se rende
Mas com toda flor
Aprende
E se desinibe
De vôo em vôo
A cada flor
Progride
E logo já divide

Com uma outra flor...

Tutorial

Primeiro,
Retire a pele,
Exponha o nervo,
Deixe o vento bater,
Até arder, doer, queimar,
Sentir prazer,
Tente sorrir, tente chorar,
Experimentar cada um dos sentimentos,
Traga à tona,
Lembranças de todos os momentos,
Suas pequenas e grandes felicidades,
Amores, conquistas, nascimentos,
Suas pequenas e grandes tragédias,
Suas perdas, tristezas, falecimentos,
Misture tudo e faça uma média,
Feche os olhos e solte a imaginação,
Pense numa mulher bonita,
Que você já amou, tocou ou teve paixão,
Mulher é a minha escolha,
Mas pode ser,
Qualquer sexo que seu coração acolha,
Comece a tocar seu corpo,
Agora você está distante, absorto,
Beije sua boca devagar,
Depois loucamente,
De maneira repentina,
Sem que ela possa esperar,
Agora seu pensamento está sensível,
Afaste aquele pensamento horrível,
Que alguém vai lhe condenar,
Continue seus carinhos,
Continue a viajar sozinho,
Registrando toda sua emoção,

Seja fiel ao seu coração,
Tome mais um gole de vinho,
A outra fidelidade,
Vai mentir sua verdade,
Pois a fidelidade na criação,
Mata a criatividade,
E a inspiração,
Se ela te ama,
Quem quer que possa ser,
Ou quantas você possa ter,
Vai ter que estar preparada,
Para compreender,
Não vai precisar aceitar,
Mas se você quer mesmo criar,
Nada vai poder fazer,
Ou então vai abortar todo dia,
Até seu útero secar,
Vai viver uma longa agonia,
E no fim você vai morrer,
A morte mais triste,
Que um homem pode ter,
A morte das ideias,
Então você vai virar geleia,
E aí vai envelhecer...

Bem me quer

Por que
Você vai e volta
E como onda
Se comporta
Ora tá frio
Ora tá quente
Ora se importa
Ora está indiferente
Por que não te vejo
Quando te busco
Olho prum lado
Olho pro outro
Enxergo pouco
E você chega
Sem que eu perceba
Me dando um susto
Um sussurro,
E ouço um oi
Mal te vejo
Te dou um beijo
E você já foi
Meu coração a mil
Dispara, e para
Você já partiu
Sério mistério
Da moça desconhecida
Perfume de rosa
Mulher misteriosa
Dilema da margarida...

Doze

Você é minha namorada,
E acabou,
Você goste ou não goste,
Eu poste ou não poste,
Sua foto no Instagram,
Pois já será o meu amor,
Quando acordar amanhã,
Pode avisar pra "aqueles" amigos,
Que eles agora correm perigo,
Pode avisar para "aquelas" amigas,
Para pararem de fazer intriga,
Agora sua solidão chegou ao fim,
E a minha solidão também,
Pode acreditar em mim,
Eu não quero mais ninguém,
Agora nós não somos mais uma ilha,
Pode me chamar de meu bem,
Eu vou te chamar de minha filha,
Ou vamos nos chamar,
Como nos convém,
Agora não quero mais ser dois,
Eu te quero agora,
E te quero depois,
Não quero te perder de jeito algum,
Nem que nunca você vá embora,
Agora nós seremos dois em um...

Procura-se

Tenho pra mim,
Que ela foi abduzida,
Há muito que não fora mais vista,
Nem falada, nem ouvida,
Sumiu sem deixar uma pista,
Estava lá escrito, "desaparecida",
Procurei sua boca pintada,
Seus olhos vivos, bem abertos,
Segui seus passos, suas pegadas,
Procurei pelos lugares mais desertos,
Pelas cidades mais povoadas,
E nada, nada e mais nada,
Nem sinal da sua pele clara,
Nem vestígios da minha jóia rara,
Com saudades de suas súbitas aparições,
E das suas inspirações infantis,
Fui a um parque de diversões,
Em circos, em pet shops, em canis,
Ninguém sabe, ninguém viu,
Pois então, ela sumiu,
Nem disse mais obrigada,
Pelos versos que eu lhe fiz,
Aliás, nem me disse mais nada,
Nem mais nada me diz,
Espero que esteja bem a minha Fada,
Espero que esteja feliz,
Em outro distante planeta,
Viajando em algum brilhante cometa,
Está sim, meu coração me diz...

Febre

Antes
Era sede,
Imagem e necessidade,
A angústia da novidade,
Perdido entre quatro paredes,
O corpo faminto,
A alma com febre,
A chama do instinto,
Uma febre incomodada,
Agoniada, abafada e esfumaçada,
Fogão de lenha em um casebre,
Febre terçã, febre quartã,
Suores de impaludismo,
De noite e de manhã,
Temores do sismo,
Tremores na beira do abismo,
Amores de fã,
Era uma premência,
Era uma urgência,
Que beirava o desespero,
Era sal demais,
Era muito tempero,
Há muito tempo atrás,
Mas então passou um dia,
Depois mais outro se sucedeu,
E mais uma noite foi companhia,
Até que o dia amanheceu,
Sem placas, sem pruridos,
Até mesmo a febre cedeu,
Agora era outra pessoa,
Não passara por tudo a toa,
Estava forte, com imunidade,
A febre levara a saudade,

A dependência do remédio,
Nada mais com intensidade,
O superlativo era médio,
A vontade de ver e de ter,
Agora poderia adormecer,
Sem nenhuma ansiedade,
Se testando se levantou,
Se teria alguma dificuldade,
Não, aquilo não era amor,
Fora sonho, não era verdade...

Na UTI

Acho que a poesia
Está morrendo,
Internada na UTI.
Já foi intubada,
Depois de dias na VNI;
Tentei uma elegia,
Um acróstico, um epitáfio,
"A última vaidade de um homem",
Tentei os versos brancos,
Um monólogo, uma alegoria,
Inventos ainda sem nome,
Ungüentos, medicamentos,
Que já foram tantos,
Que transferiram da enfermaria;
Fez ultra som,
Fez eco e tomografia,
Deu nada bom;
Agora que está em choque,
Muda todo o enfoque,
Volume, desafios volêmicos,
Antibióticos e vasoativas,
Sangue pros meus versos anêmicos,
Placebos, terapias paliativas,
Remédios do desespero,
Drogas de angústia criativa,
E tome - lhe soro com albumina,
Que o auditor vai glosar,
Aumenta a noradrenalina,
Ver se a pressão vai aumentar,
Associa dobuta e vasopressina,
Intubação orotraqueal,
Mesmo sendo um paciente terminal,
Vamos salvar este poema,

Porque se tiver uma sobrevida,
Mesmo que seja pequena,
Acho que este amor valerá a pena,
Acho que ainda tem uma saída...

A pena

Não vale ter pena,
De quem tem a pena,
De ter apenas,
A sua pena,
Para se proteger,
Condenado a ver beleza,
Mesmo onde não tem,
A sorrir quando está triste,
A chorar quando não convém,
A fingir que ama ou é amado,
Ou suportar fingimento,
Por outro lado,
Amar sem querer vantagem,
Amar por coragem,
Ter a pena como espada,
Sangrar e perfurar a alma,
Se estiver angustiado,
Manter a calma,
Viver amando o nada,
Fazer das tripas coração,
Porque cupido, bruxas e fadas,
Hoje são seres em extinção,
Em vias de desaparecer,
Expressar emoções negativas,
Em cores aberrantes e vivas,
Buscar se surpreender,
Usar letras e versos,
Sendo gentil, sendo perverso,
Como praticasse esgrima,
Entrar na alma feminina,
Dizer coisas sem nexo,
Entrar bem fundo lá,
Para poder se encontrar,

Viver do som, do ritmo e da rima,
Aprender amor, nunca ensinar,
Pois esta é sua sina,
E se algo tem a lamentar,
É não poder mais praticar,
É não poder ser muito mais livre,
Exercer o ofício de viver,
Pois quem ama mais,
Muito mais vive,
E mais pode lembrar,
E mais pode escrever...

Epitáfio

Sei
Vou morrer cedo
Mas isto não me preocupa
Não sinto medo
O que ainda hoje assusta
Se tudo não passa de um brinquedo?
Partirem, eu sei
Em eterno degredo
Para algum lugar que desconheço
Absolvido ou não de minha culpa
Liberto ou não de meu segredo
Para um inferno eterno de desculpas
Ou para um exílio
Eterno de sossego...

O Livro

Agora,
Não tem mais tanta importância,
São outros tempos,
Outras circunstâncias,
Um livro na cabeceira esquecido,
No criado antes mudo,
E agora surdo,
Sem novidade ou sentido,
A chuva parou,
Secou lágrima, secou tudo,
De longe,
Dá pra se ver um novo amor,
Urgem novos cuidados,
Mantendo o livro fechado,
Já foi leitura obrigatória,
Porém está todo mundo
Muito ocupado,
Tudo muito mudado,
Agora já é outra história,
Passa, se arruma com capricho,
Se perfuma e se surpreende,
Como se ouvisse um ruido,
Um cochicho,
Uma lembrança acende,
Ao perceber um olhar perdido,
Algo que só ela entende,
Sai lentamente do banheiro,
Senta na cama,
Recostada no travesseiro,
Põe no colo com carinho,
O antigo companheiro,
Que agora dorme sozinho,
Alguma coisa lhe provoca,

Mas o interfone toca,
Ela se apressa,
Devolve o livro ao criado,
Põe ele de lado,
Mais uma vez abandonado,
Tem pressa em pegar o elevador,
Um outro amor que começa,
Uma página que virou...

Sobre as dunas

Às vezes a gente
Está muito longe
Às vezes
Está quase perto
Na busca de um oásis
Em um deserto
Às vezes a gente desiste
Muito, muito cedo
Às vezes a gente desiste
Por medo
Ás vezes a gente desiste
Quando já está chegando
Então como saber? O que fazer?
Continuar caminhando?
Mudar a rota?
Mas em qual direção
Seguir em linha torta
Ou linha reta
Qual a dúvida mais certa?
Voltar sobre seus passos
E assumir como um fracasso?
Ficar parado onde está
Viver no mesmo lugar
Por não ter como optar?
Ficar deitado na rede
Ignorar a fome e a sede
E deixar o tempo passar?
Talvez um dia tudo se cure
O tempo sempre tem a arte de curar
E o oásis é quem te procure
Então seu deserto vai terminar...

Lágrimas

Na janela,
A chuva goteja,
beija o vidro frio,
escorre transparente,
e límpida a gota,
e molha a grama,
lindo orvalho!
Olho,
e na janela eu vejo,
a gota que me olha,
triste,
molhada e fria,
parece me fitar
por alguns instantes,
para rolar depois,
desesperada,
para sempre;
E eu triste,
na janela acompanho,
as gotas que se vão pela murada,
e no vidro transparente sua imagem,
Desaparece,como a gota
que cai desesperada...

Revelação

Palavra
Que revela
Mas não desvela
Deixa o mistério
No ar
O assassino da novela
Cada um com seu critério
Para decifrar
Vai da vida de cada qual
Tiradentes ou Silvério
Nem todo bem
É do bem
Nem todo mal
É do mal
Tudo pode ser acidental
Cada um pensa
O que lhe convém
Nada é de ninguém
E por isso poesia é vital
Deve ter sangue nas veias
A palavra deve ser total
A sensação
Não deve ser meia
Pulsar com as artérias
A vida num sinal
Ritmo, som, fluxo,
Sopro de vida da matéria
Num vendaval
Não deve cultivar rima escrava
Só para agradar o Senhor
Tem que ser lavra
Pois o Poeta é lavrador
Tem que saber usar a palavra

Com sentimento e calor
Mas o Poeta é um enganador
Parece ser quem não é
Para confundir
E intrigar o leitor
Que lendo
Pensará no que quiser
Interpretará o que for
Mas sem emoção
Não tem ilusão
Sem a alma de menino
E o ofício de ator
O mundo inteiro ficará albino
E sem ter paixão
Nenhuma tela tem cor...

Cativos

Estes laços de elos tão belos,
Singelos, feitos de aço,
São quase correntes,
Amarrando seus passos,
Ligações permanentes, temporariamente,
São marcas e traços tatuados eternamente?
Até onde beberão da mesma placenta?
De quem será a iniciativa de uma última tentativa,
Ou de uma discussão violenta?
Ou ele continuará prisioneiro
E ela permanecerá cativa o tempo inteiro?
Até quando a escravidão aguenta?
Lembram onde os caminhos se cruzaram,
Mas saberão em que parte da estrada,
Eles se separaram?
Em que trecho da jornada os laços se desataram?
E agora? São tantos os caminhos,
Quem vai embora, com alguém ou sozinho?
Quem é que ri, quem é que implora,
Quem vai chorar baixinho?
Logo irão encontrar quem quiser se arriscar,
Com algum sentimento, por sorte e por acaso,
Por erro ou experimento, no avanço ou no atraso,
O ponto exato de um outro cruzamento,
Outra história, outro relato,
Almas de outro temperamento,
Gatos lambendo seus ferimentos,
Todos tendo de aceitar o fato,
Que as feridas se fecharão com o tempo...

Nua

Nunca tinha visto antes uma mulher nua,
Uma mulher nua, totalmente nua,
Ah! Isso era novidade,
Tão crua, tão nua de verdade,
Sem vergonha ou sem pudor,
Nua do seu amor, da sua dor,
Da sua fragilidade,
Forte pela franqueza,
Amando sem ter defesas,
Suas incertezas,
Com feminina simplicidade,
Atraindo meu reparo, meu faro
Cativeiro da minha saciedade
Ah essa mulher pouco se dá conta,
Do magma que provoca,
Sua pele que me afronta,
Essa fina penugem que me toca,
Seu sorriso, minha surpresa,
Seu beijo tão vivo, tão impulsivo
Em busca da felicidade,
Talvez viva as dúvidas,
Pense em incertezas,
Tenha saudades de algum passado,
De algum sentimento vivido,
Um sonho partido,
Ou algum amor acabado,
Talvez sofra sem fazer alarde,
Chore a noite escondido,
Noites de sono perdido,
Mas quem vai saber?
Quem sabe?
O que eu não duvido,
É que vive despida,

De medos e de receios,
Simplesmente quer ser,
Seus sonhos, seus devaneios,
Talvez procure uma saída,
Talvez seja a mulher de minha vida,
Talvez venha inspirar aos pintores e poetas,
Talvez venha fazer o que ninguém fez,
Anunciar minha devoção secreta,
Acender uma paixão proibida,
Talvez, Talvez...

Rex

Dócil, dócil
Como um cão
Uma servidão fóssil
Vem comer na mão
Pau pra toda obra
Que seu dono lhe cobra
Vai, corre e pega o graveto
Volta, devolve,
Pronto, está feito
Para sobreviver
A sua alma se dobra
Rola no chão
Se finge de morto
Pra não morrer
Dobra a patinha
E pede o biscoito
Abre a boquinha
De língua pra fora
A um comando da mão
Se tem vergonha, ignora
Afinal Rex é seu nome
Se não obedecer
Não come
Lambe a mão que lhe acalenta
A submissão lhe alimenta
Só late se for mandado
Só rosna se ensaiado
Cão sem honra e sem raça
Sombra de si próprio
Minúsculo ao microscópio
E assim sua vida passa...

Cartas

Ah, é o tempo,
Triste e engraçado,
Tudo é o mesmo lado,
Alegrias, emoções e contratempos,
O mesmo experimento,
A imagem empoeirada do passado,
Em cartas e cartões ressuscitados,
Cômicos retratos de nossos sentimentos,
Cartões de datas, de doces e ramalhetes,
Amores incrustados nos bilhetes,
Marcas amareladas de um testamento,
Tudo que era para ser eternamente,
Agora manchado em documentos,
Esquecidos e sepultados para sempre,
Todo o jurado e prometido,
Agora é só um riso entristecido
Uma lágrima que rola inutilmente,
Sangue de quem feriu ou foi ferido,
Pelo amor a quem amou intensamente,
E dizem, o tempo é o melhor remédio,
O tempo é o tédio e a emoção,
O tempo é um remédio imaginário,
Uma dolorosa e inevitável injeção,
Um acontecimento diário,
E é inútil se negar ou resistir,
Um remédio que nos obrigam a ingerir,
Mal aplicou e já é um novo horário,
Mal chegou e já está querendo partir,
Ah o tempo,
Esse Senhor extraordinário!

Vidros

Quebrou
E bem quebrado
Estilhaços de vidro
Despedaçados
Atirou no chão violentamente
Mas sem raiva
Ou cabeça quente
Quebrou deliberadamente
Sem pena, com crueldade
Para que não consertassem novamente
Bateu a porta com vontade
Queimou as caravelas
E a sensibilidade
Trancou as janelas
Nem luz nas frestas
Nada passou a claridade
Destruiu pontes e possibilidades
Para evitar remorso ou arrependimento
E se lançou na festa
Sem receios ou responsabilidades
Sem constrangimentos
Só prazeres e divertimentos
Dormindo de manhã cedo
Acordando bem tarde
Na esperança do esquecimento
Sufocando a saudade
Fez o que foi necessário
Nem mais nem menos
Nem adeus e nem acenos
Incinerou o relicário
Mas nem sorriu e nem chorou
Como se achasse amor na feira
Meia dúzia ou dúzia inteira

Daí desdenhar o amor
Mas amor é ave,
Bicho imortal
Fênix que de cinza não tem nada
Ressuscita no final
Queima enquanto bole
Sangra para ser lembrada
E quando do sono é despertada
Não há nada que console
E mesmo que cole
A mágica já foi quebrada...

Meio Dia

Era meio seu,
E meio,
Não era tanto assim,
Quando tudo estava bom,
Logo, logo,
Estava ruim,
Então quando a chuva caía,
Tudo se alegrava,
Mas a chuva também molhava,
E o que crescia,
Logo, logo,
Se afogava,
E logo amanhecendo o dia,
Assim que o sol saía,
Vinha o prazer,
Da luz e do calor,
Mas logo, logo,
Queimava e vinha a dor,
E ela agora torcia,
Para o sol se por,
E se ela dormia,
Rapidamente sonhava,
Que seu amor chegava,
E lhe trazia alegria,
Mas logo, logo,
De novo o sol nascia,
E ela acordava,
E seu amor fugia,
E se ela esperava,
Que ele apareceria,
E enfim sua esperava acabava,
Logo, logo,
Ela descobria,

Que seu amor lhe enganava,
Que ele não lhe amava,
O que ela sempre soube,
O que ela já sabia...

O Primeiro sol

Deu um salto,
Como uma brincadeira,
E bem ali estava,
A sua boca inteira,
Pintada e decorada,
Como uma Sexta Feira,
Pedindo para ser beijada,
Ou minha boca pensou assim,
Pobre de mim,
A luz que o Sol me traz,
No primeiro dia do ano,
Linda demais,
Como um poema de Caetano,
E eu olhando,
Só olhando,
Virando o pescoço de lado,
Rindo, sorrindo,
Um sorriso safado,
Uma vontade maluca,
Sua pele, sua boca, sua nuca,
Alegria incontida,
Alma clara e transparente,
Minha alma não sabe de nada,
Beleza comovente,
Andando meio estabanada,
Amante quente?
Quem sabe se bem amada,
E o dia segue,
E o Sol não vai embora,
Estou em poesia entregue,
Tudo se resume,
No aqui e no agora,
E mesmo que esse Sol,

Me cegue,
Ainda assim haverá luz,
Lá fora...

Eu comigo

Sempre me fiz só
Viajante distraído
De paisagens previsíveis
Dentro de mim mesmo
Foi onde encontrei a companhia
Na solidão que eu procurava
Quieto e enevoado
Ilha paradisíaca do pensamento
Inventava passatempos
Jogos onde honestamente
Eu sempre ganhava de mim
Opiniões obstinadas
Que prevaleciam sobre as minhas
Dúvidas que meu algoritmo resolvia
Dormia comigo mesmo
Correndo riscos
Em páginas de livros
Eu mesmo me animando,
Seguro e confiante
Com a coragem
Do amanhã não passa
Para o amanhã ser introvertido
Nós dois veja bem
Não é bem assim
Seguimos juntos o tempo todo
Eu comigo, um com o outro
Em diálogos silenciosos
De um egoísmo confortante
Ou em gritos mudos
De uma severidade excessiva
Mas crescemos
Com a tolerância dos casais
Eu dentro de mim

Sendo dois em um
Do mesmo jeito
Buscando um tempo só
E um deserto de consciências
Para almas eremitas...

Crise

A Crise chegou na poesia,
Como há muito tempo não se via,
O Reino do Conto de Fadas
Está fechado,
Fadas, Gnomos, Duendes,
Todos desempregados,
Em busca de um circo mambembe,
Onde possam usar sua magia,
Sem perder a sua fantasia,
Disfarçam uma falsa alegria,
Para distrair minha tristeza,
Solidários comigo,
Meus leais amigos,
Encantada gentileza,
Abatidos, desconsolados,
Estão entristecidos assim como eu,
Pois o livro fechou,
O Príncipe não beijou,
Mas ela acordou,
E o sonho não aconteceu,
Um Gnomo se entusiasma,
Numa ilusão fantasma,
Tenta fazer um discurso,
Mas a vida segue seu curso,
Aqui e ali vão se dispersando,
Resenha, rumores, conversas,
Tem algum outro Reino que está contratando?
Parecem que não têm pressa,
Esperando algo acontecer,
Talvez se ela voltasse a sonhar...
Quem sabe? Pode até ser,
Me impaciento, me irrito,
Com esses seres sobrenaturais,

Não veem? Não veem? Não adianta mais!
Se assustam com meu grito,
Foi tudo sonho, embriaguez,
Ela era só um mito,
E eu sou igual a vocês,
Para ela eu não existo
Tudo foi insensatez...

Quando nus

Quando nús,
Vênus,
Seus olhos grandes,
Seus beijos,
Venenos,
Que me tiram o capuz,
Meus drenos,
Uma beberagem,
Mágica viagem,
Quando nús,
Vênus,
Cores azuis,
Em tudo que vemos,
Seres humanos,
Extremos,
Nada serenos,
Sem remos,
Nunca acabamos,
O que começamos,
Vivemos,
Amamos,
Nós somos,
Apetites supremos,
Obscenos,
Quando nús,
Vênus,
São corpos crus,
E morenos,
Ao abrigo da luz,
Contra luz,
São plenos,
Quando nús,
Vênus,

Suculentos umbus,
Ácidos, pequenos,
Tomando sereno,
Sertaneja andaluz,
Delicioso cuscuz,
Provemos,
Quando nús,
Vênus,
Sua mão me conduz,
Seus acenos,
Pantanosos terrenos,
O olhar que seduz,
Bem mais,
Que o menos,
Quando nús,
Vênus,
Quandos nos
Vemos,
E nos amamos,
Somos eu e tu,
Venusianos,
Extraterrenos...

Fuga

Quando anoitecer,
E a alma abandonar meu corpo,
Cansado e insatisfeito,
Percorrerei a noite,
Procurando por teu sonho e sua alma fugitiva,
Do mesmo modo;
Algum vigilante insone,
Algum anjo casual,
Flagrará nossos sorrisos do encontro inconsciente;
Nos amaremos em silêncio, na escuridão,
para que ninguém nos julgue,
ou nos aprisione, ou nos castigue,
O Amor nos purifica.
Assim,
Quando a manhã chegar ,
E chegará depressa,
Cegando nossos olhos,
Lembrando nossa fuga,
Retornaremos aos nossos destinos,
Antes que dêem por nossa falta,
Cheios de temor e ansiedade,
Para que a noite volte brevemente...

Dentro

Amor.
Sonhei com você de madrugada
Estava dentro de você
Dentro de ti amor
Eu não queria mais nada
Vi seu coração sorrir
Vi sua boca gemer
Ao imaginar que eu estava aqui
Dentro de você
Amor, foi demais
Nem queira saber
Seu suor brilhava
Sua pele chorava
Um desejo voraz
Luz, pura luz,
Vi seu sangue ferver
Vi sua alma em paz
Ao pensar que eu estava enfim
Dentro de você
Amor, através de seu olhar
Eu consegui me ver
Fiquei tão aflito
Vendo por você
Eu estava tão bonito amor,
Mas não sou tão bonito assim
Mas voce estava tão em mim
Que via meu espírito
Ao pensar que eu estava sim
Dentro de você
Amor quando acabou
Estávamos cansados
Pernas misturadas e ansiosas
Corpos espalhados

Almas preguiçosas
Amor acredite em mim
Nunca vou esquecer
Aquela noite proibida
A noite da minha vida
O dia que eu entrei por fim
Dentro de você...

Sampa Minha

Cinza é a cor que predomina,
Cinza é o tempo,
Cinza é a menina escura e bronzeada,
Cobre em revoada como um véu,
Nuvens de pombos,
Nimbos pesados,
Tudo acinzentado,
Cinza é o céu.
Cinza é a cor que permanece,
De cinza se cobre,
De cinza se tece,
Teias de fumaça,
Muralhas de concreto;
Cinza é o sono, a noite que não passa,
O sol que não aparece.
Cinza é o teto.
Cinza é a cor que se veste.
Cinza é a meia e o vestido,
Cinza é a moda,
O gosto, o ruído,
Cinza é o rosto dos que sentem frio.
Cinza é o vazio
A cor que te cobre,
Cinza do pobre,
Do trapo e do feio
Cinza é o meio.
Cinza é a cor e a tua marca;
Cinza que suja e que invade,
Cinza é o frio,
Que corta a pele,
Que queima e que arde,
A solidão e a saudade,
Cinza é a multidão,

Cinza é a Cidade,
Cinza é o dia,
Cinza é a noite,
Cinza é a tarde..

Cúmplices

Eu te amo tanto,
Tanto, tanto, tanto,
Que acho que esse amor,
Já passou do ponto,
Como um abraço bem apertado,
De quem quer se misturar,
Estando já misturado,
Em um único ser,
Sem deixar de ser,
Sendo nós eu e você,
Um abraço de afogados,
De quem quer se afogar,
De quem quer se salvar,
Mas que não naufragam,
E vão viver abraçados,
Não,
Não vão morrer naufragados,
Como eu posso dizer,
O que não posso explicar,
O que não pode se ver,
Em cada gota de suor,
Em cada lágrima ou humor,
E se isso não for amor,
Alguém tem uma explicação melhor?
O corpo tendo a necessidade,
De o outro estar presente,
De olhares de cumplicidade,
Algo que dói,
Sangra invisivelmente,
Fere e incomoda,
Profundamente,
E que não sai de moda,

Esse amor é foda,
Perdoem os moralistas,
Lembra quando respiro,
Que se esquece de ser egoísta,
E seja pra que lado me viro,
Ele está aqui, ele está lá,
Ele está em todo lugar,
Aqui e agora,
Querendo se chegar,
Um amor que nos implora,
Vai, me deixa viver,
E se a gente não deixar,
Ele nunca irá embora,
Mas vai precisar de mim,
Também de você...

Senhora

De fato,
Não há leveza no seu ser,
Tudo em você é intenso,
Seu querer, seu não querer,
Sua avaliação e seu bom senso,
Aliás,
Nada pode acontecer,
Sem o seu consentimento,
O crepúsculo e o alvorecer,
A simples mudança do tempo,
Seja o que possa envelhecer,
Ou que cause o rejuvenescimento,
Tudo que seja bom ou ruim,
Para você ou para mim,
Todo e qualquer sentimento,
Todo começo e todo o fim,
Vem da sua cor e do seu pensamento,
E meu coração se alegra assim,
Pois nada me alegra mais,
Do que ver seu coração em paz,
Mesmo que você não seja minha,
Mesmo que eu não seja seu,
Mesmo que já não esteja sozinha,
Ou nem lembre o que aconteceu,
Mesmo que outras venham depois,
Mesmo que permaneça a amizade,
Ainda que tudo separe nós dois,
Ninguém pode tirar a saudade,
Que a realidade impôs...

Criação

Ouço vozes
Falo com Deus
Ou melhor, Ele é quem fala comigo
Claro, eu discuto mas não brigo
Acredito Nele, não sou ateu
Deus é meu amigo
Aliás, ninguém discute com Deus
Nesta esquizofrenia criativa
As palavras passeiam constantemente
Pelos labirintos da minha mente
Vejo as palavras vivas
No hipotálamo, no hipocampo
Em todo lugar, sei lá, em todo canto
Em Pasárgada, em Shangri-lá
Marcam encontros secretos
Nos versos e poemas
Falam de todos os temas
Combinam todas as letras do alfabeto
Sem que eu possa sequer interferir
Me exalto, com as palavras reclamo
Ei seu lugar não é aí!
E lá se vão mudando meus planos
Criam o que eu já não tenho certeza
Eu já não brigo mais agora
Salvo como, deleto tudo e jogo fora
Longe da mesa, com a poesia concluída
Vejo tudo com clareza
Vejo a beleza criada e desenvolvida
Nas letras que eu duvidava
Elas agora todas de mãos dadas
Mais uma vez ganharam vida
E com uma cumplicidade divertida
Piscam e dão risada para mim

Então minha mão agradecida
De forma determinada
Encerra e digita
Fim...

Tabu

Eu queria
Te dizer eu te amo,
Mas você sabe,
Tem menos de um ano,
Não cabe,
Salvo engano,
Existem regras estabelecidas,
No livro dos relacionamentos,
Tem que respeitar o tempo,
São coisas da vida,
Temos que respeitar as regras,
Que alguém criou lá no passado,
Talvez alguém,
Que foi mal amado,
Pondo limites na entrega,
E no amor;
Desde então a frase virou tabu,
As pessoas tremem só de pensar,
Só de imaginar,
Tudo bem,
Pode - se dizer meu bem,
Mon amour,
Mas eu te amo?
Eu poderia dizer,
Mas não vou,
Embora já dizendo,
Embora eu já disse,
Como voce pode ver,
Ou já tenha dito,
Quebrando todo rito,
Mesmo querendo esconder,
Ah meu Deus eu não queria dizer,
Mesmo que faça você sorrir,

O que eu duvido,
Acho que vai confundir,
O que já está confuso,
Por isso me recuso,
A dizer o que já disse,
Sua testa, pele e cenho,
Tudo vai franzir,
Por causa desta tolice,
Dá pra imaginar o desenho,
Que vai mudar a sua face,
Mas amor nem que eu disfarce,
Dá para esconder o meu carinho,
Que as vezes demonstro distraidamente,
Por isso declaro em poemas,
Denunciando a mim por acidente,
Um amor em quarentena,
Um gato que comeu o passarinho,
E deixou de fora as penas...

Fagulha

De longe
A brasa carece de vento para virar chama
Peleja da distância contra o tempo
Um sonho, dois hologramas
Para queimar em fogo lento
Reacender o lume
Assoprados pelo bafejo do desejo
Uma brisa de ciúme , vagalume agonizante
Desmaiado, desmaiando, quase morto
Parecendo se apagar no horizonte
Querendo virar cinza, farol do porto
Mas ela vem e ele vai
Na exata ordem da incerteza
De ventos errantes, de extravagantes marés
Trombas d'agua de surpresa
E basta um roçar das almas buliçosas
A vida numa esquina, duas peles ansiosas
Pororoca de vontades febris
Misturando tudo, um sorvedouro de sinas
Lucidamente sem juizo e sem juiz
Insensatos felizes
E então a brasa arde e incendeia num sorriso
Se acende, se revigora, luminosa dedicatória
E mesmo já não sendo tão cedo
Nunca ainda será tão tarde
Para escreverem suas histórias...

Meu Feliz Ano Velho

Ah o ano terminou,
O ano em que tudo mudou,
O ano em que eu,
Não sou mais quem eu era,
E quem eu era,
Já não é mais eu,
Aliás, nem sei mais quem sou,
A pessoa se modificou,
A alma se desenvolveu,
Se melhorou ou piorou,
Não sei,
Só sei,
Que nada se perdeu;
Só sei que vou sentir saudade,
Mudei meu manequim,
Minha alma cresceu,
Não cabe mais em mim,
Em tamanho e novidade,
Nem sei como aconteceu,
Mas a verdade,
É que ficou melhor assim;
E agora o que me espera?
O que será do novo ano?
Sei que vou acertar,
Vou continuar a mudar,
Seja o que eu fizer,
Vou cometer enganos,
E se Deus quiser,
Eu vou ficar mais forte,
Afinal acertar é sorte,
E errar é humano...

Calendas

Peço desculpas,
Mas esse mês,
Estou sob magia,
Sob efeitos de mil sortilégios,
Macumbas, mandingas e simpatias,
Sacrilégios sangrentos,
Sacrifícios do tempo,
Amor e desejo rubros,
Nada cor de rosa,
São as Calendas de Outubro,
Lua enfeitiçada,
Lua maravilhosa,
Uma Bruxa encantada,
No seu mágico caldeirão,
Me ofereceu uma poção,
Uma mistura envenenada,
De amor, saudade e paixão,
E agora todo ano,
Nesse mês,
Uma alegria vem e vem,
E toma o coração,
E o meu amor também,
E toda vez,
Que isso acontece,
A imagem da minha linda bruxa,
Reaparece,
Em mil formas variadas,
Nos sonhos,
Nas noites insones,
Nas madrugadas,
Sempre andando na minha frente,
Aliciando minha alma cativa,
O mesmo jeitinho indiferente,

Cabeça baixa e pensativa,
Altiva, viva e atraente,
Pois é nesse mês,
Que a Lua vai nascer,
O mês,
Que em algum lugar,
No dia do seu nascimento,
Em qualquer momento,
Alguém irá se apaixonar,
Um grande amor,
Irá acontecer depois,
Mas o que fazer?
Não serão nós dois,
Nem eu e nem você...

Luas

Já foi Lua Nova,
Já foi Lua Cheia,
Triste Minguante,
Uma Lua a cada instante,
Distante,
Sempre,
Uma Lua diferente,
E agora,
É minha Lua novamente,
Suavemente,
Brilhante,
Crescente;
Sim,
A Lua voltou,
Foram tantas noites sem Lua,
Minha Lua de vermelha cor,
Sua pele crua e nua,
O meu Amor,
Sumida por tanto tempo,
A Lua do meu sentimento,
Não estava perdida,
A Lua da minha vida,
Estava guardada aqui dentro,
De um coração congelado,
Batendo conformado,
Sem força,
Sem enchimento,
Desde o último anoitecer,
Em que ela partiu,
Pra nunca mais aparecer...
Até ontem,
A Lua era passado,
Mas hoje é o meu presente,

Meu futuro todo embalado,
Iluminando minha noite,
Eternamente,
Seu beijo de olhos fechados,
Minha língua abrindo seus dentes,
Nunca mais serei inocente,
Cada noite,
Ela será meu pecado,
Desejando urgentemente,
A intimidade e um lençol,
Então o mundo todo ficará encantado,
Vendo estes dois astros entrelaçados,
A Lua convidando o Sol...

Flagelo

Por que
Se imola em flagelos
E pra que chora
Lágrimas ardidas
Com estes olhos
Tão belos
Com a alma anoitecida?
Por que se perde
Em pesadelos inúteis
Assustada por fantasmas
Tão fúteis
Almas esquecidas
Ilusão de ótica
Sua distração
Ou erótica perversão?
Por que, Por que,
Seu amor quer sofrer?
Não vê que se corta
Com essa faca cega
Você não enxerga
Que essa carne está morta
Não sangra
Já está apodrecida
Coração que bate sem vida
Nudez de tanga
Personagem toda vestida
Acaso tem prazer
De arrancar o carnegão
Para sangrar a ferida
E ferir o coração?
Pra que? Pra que?
Seu amor
Precisa disso pra viver?

Misturado

Um e outro
Tão indistintos
Juntos e soltos
Se insinuando
Pelo mesmo labirinto
O que um exala
O outro inspira
Simbiose de ar
Tudo conspira
Cúmplices
Da mesma fala
Sem mesmo
A necessidade de falar
E porque seus olhos
Dividem a mesma claridade
Nem há mais necessidade
Que se vejam
Para serem um
Para serem par
Lugar comum
Dormem distantes
Como siameses
Sonhos semelhantes
Em lugares diferentes
Amores sempre presentes
Todas as vezes
E não se vê hiato
Ou ressalva no contrato
Onde a separação
É um mesmo coração
Em dois a bater
De mãos dadas
Linhas da vida quebradas

Borrões e adivinhas
Difíceis de prever
Mas é amor
Diz o resumo
Seja onde
Ou qual for o rumo...

Óleo sobre tela

Outra mulher
No espelho
Posam valetes
Deitadas num mar vermelho
Imagens contorcidas
Se movem serpentes
Nesgas alvas de suor
Vivas bebendo água
Sem anáguas
Carnes de sol
Eu pintor
Em óleo sobre tela
Escolho a mais bela
Em luz e cor
Espátulas e escápulas
Em movimento
Rebuscando o invento
Onde encontrou seu sustento
E se afogou
Em meio à claridade
Da escuridão de prata
Escolho duas elas
Rosas na lapela
Em tudo novidade
Soma inexata
A cena é forte e suave
Tão aves que voam bailarinas
E eu busco ver mais
Por indisciplina
Mas, a realidade é capataz
O feitiço acaba
O dia desaba
Descem as cortinas...

Nódoa

Não descansa
Em escavar infortúnios
Completa, ainda lhe falta
Aliás sempre vazia
Seja de noite, seja de dia
Uma sina tão ingrata
Inexplicável
A plenitude lhe é insuportável
Arranha a pele
Da ferida quase cicatrizada
Numa aresta abrasiva
Para que fira, sangre, doa
A carne maltratada
Para que arda em carne viva
E à toa
Seu fardo é um sorriso
Aprisiona a alegria ao seu redor
Acorrenta alheios pecados
Pois claro, é preciso
E é melhor
Criar corvos em dias alternados
Julga e condena
E determina o castigo e a cena
Seu réu deve ser acorrentado
Modelo perfeito da humanidade
Juíza plena
Deseja ser feliz
Perseguindo a infelicidade
Que pena...

Voa

Era uma vez
Muito antigamente
Quando os aniversários
Marcavam calendários
Antecipadamente
E quando o tempo voava pra frente
Lento e lentamente
Mesmo sendo empurrado
Por um menino apressado
E impaciente
Não imaginava que o tempo passava
Em incontáveis formulários
Muito mais que aniversários
Contando os dias em saldos diários
E em extratos de conta corrente
Era uma vez, ainda esse mês
Quando os aniversários
Já lhes são desnecessários
Um tempo em que o tempo
Nunca se atrasa, e é pirracento
Onde os anos já nao são mais inocentes
Grilhões em vagas cativas
Ponteiros urgentes, irreversivelmente
Batimentos monótonos
Em contagem regressiva...

Tempo Perdido

Queria ter de volta
O tempo que eu nunca tive
Queria que naquele tempo
Tivesse sido eu
Mas duas vezes
É que não se vive
E aquele tempo
Não era meu
Queria ter de volta
O tempo que o tempo
Nunca me prometeu
Mas temo que isso
Seja impossível
Porque não há mais
Tempo disponível
Para aquilo
Que a gente não viveu
Queria ter de volta
Aquele tempo
Que se perdeu
Estar aonde eu não estive
Para obter
O que não obtive
Para esquecer tudo aquilo que a vida
Se arrependeu...

Crisálida

Tem hora,
De virar casulo,
Um sentimento nulo,
Um esquecimento de si,
Sorriso que não sorri,
Num espaço
Que não calculo,
Tempo de murici,
Tem hora,
De virar crisálida
Hibernação de flor
Uma rosa pálida
Embaçada pelo dissabor
Em meio a um inverno
Sem cor
Qualquer coisa é válida
Se encolher lá no fundo
Nessa caverna sólida
Para se esconder do mundo
Para se proteger de um amor
Ou de uma tristeza
Ou de uma beleza
Ou do que for
Uma trincheira cálida
Numa ventania gélida
Com os pés debaixo de um cobertor
Sua mente atribulada e grávida
Uma cocção de dúvidas
Vontades tão vividas
Experiências úmidas
Das gotas que derramou
Pingos num imenso vazio
São todas as dívidas

Do que nunca conseguiu
De tudo aquilo que desejou...

Sofrê Sofrer

Sofrê, Sofrê
Alma de raro colorido
Canto de ser
Isto é um pranto ou um gemido?
Cantar Sofrê
É a sina do indivíduo
Sofrê, Sofrê
Bicando a fruta da caatinga
Seiva da flor
Bebendo a lágrima que pinga
Ser Beija-flor
Tomar água na moringa
Sofrê, Sofrê
Distraído nem percebe
O oculto alçapão
Da cobiça que o persegue
Sofrê lição
A prisão que se assucede
Sofrê, Sofrê
Sua beleza na vitrine
Aprisionado no chão
Que maldade, isto é crime
Sofrê prisão
Em mil gaiolas de vime
Sofrê, Sofrê
Seu cantar é seu martírio
Som da saudade
O sereno é seu colírio
Sofrê vontade
A liberdade é um delírio...

Suco Lento

Foi nessa terra árida,
Em meio a vegetação sêca,
Em meio a frutas,
Podres, maduras e pêcas,
Chupou a fruta mais suculenta,
Para uma boca ávida e sedenta,
Polpa macia, polpa molhada,
Tenra, rósea, acinzentada,
Bicadas ora suaves, ora violentas,
Espantando as aves barulhentas,
Um sabor meio doce,
Meio avinagrado,
E ele ali concentrado,
Sorvendo a seiva e o sumo,
De sucos selecionados,
Degustando em meio a viagem,
Sem rumo, de olhos fechados,
Mil línguas e mil paladares,
Mil contrações musculares,
Na mais divertida massagem,
Uma sugadinha de leve,
Uma lambidinha que ferve,
Um olhar acima do horizonte,
Admirando a indescritível paisagem,
Um suspiro acima do monte,
Avaliando sua aprendizagem,
A árvore de onde veio a fruta,
Sacode, treme as suas folhagens,
Parece que dói, parece que luta,
O resto de tudo é bobagem,
Capricha na gula,
Sem dó e sem culpa,
Agora é sensação de chuva,

Em meio a estiagem...

Raio de Sol

Ela entrou
Com tudo paralisado ao redor
Era estrela
Estava Sol
Como se um diretor invisível
Tivesse criado um mundo
Se isso fosse possível
Para ela só
Caminhou impassível
Ignorando o ambiente
Leve e determinada
Pairando suavemente
Gravidade nenhuma
Flutuando plena
Como pluma, como pena
Em meio a uma imaginária bruma
Roubando a cena
Mais bela que o luar
Mais toda que o lugar
Beleza que encanta
E que envenena
Um coração que quis chorar
Ferido por aquele olhar
Frêmitos em gotas
Sensação mais louca
Sonho em movimento
Lentificando os batimentos
Soluçando por dentro
Olhares elementais
Tudo parado no tempo
Ébrio de seu aroma
Toda razão em coma
Linda, linda, demais

Tudo em mim paralisado
Bobo e apaixonado
Tudo agitado, e em paz
A coisa mais bonita que já vi
E talvez não veja nunca mais
Então meu corpo todo
Agora ironicamente ri
Pranteando o beijo que não sofri
Ah, os amores desiguais!

Fração

Ninguém imagina
Se dividir ao meio
Metade vontade
Metade receio
Um passo pensado
Para outro estabanado
Ninguém sabe, ninguém sabe
O desejo de seguir
Com a ideia de voltar
Estando por aqui
E estando em outro lugar
Ninguém sabe, ninguém sabe
Necessidade de ser dois
Vivendo o agora
Pensando no depois
Ficar e ir embora
Ninguém sabe, ninguém sabe
Ser singular sendo plural
Infinitivo do verbo amar
Intensamente parcial
Presente querendo se ausentar
Ninguém sabe, ninguém sabe
E se alguém soubesse
Se apenaria do poeta
Teias que o destino tece
Pleno numa vida incompleta
Refém do que possa acontecer
Mas ninguém sabe,
Ninguém sabe
Ninguém nunca vai saber...

Do Verbo

Rosas e rosas
Não existem duas rosas iguais
Em conjugações atraentes
Rosas aquietadas, rosas impacientes
Rosas urgentes, rosas acostumadas, rosas surpreendentes
Rosas que versam, rosas que prosam
Rosas no presente do indicativo, no mais que perfeito
No subjuntivo insatisfeito
Que rosam de menos, outras que rosam demais
Rosas diferentes, rosas tradicionais
Rosas de um rosar atrás do outro, rosam de pouco em pouco
Outras que rosam intensamente
E depois a paz
Rosas que rosam sozinhas em solidão mesquinha
Mas que depois rosam com a gente
Rosas que trazem o verbo conjugado
Rosam de cór e salteado
Rosam na ponta da língua, rosam na conta dos dedos
Rosam em silêncio ou com alarde
Rosas que quando eu penso já foi, é tarde
Rosam que rosam tão cedo
Rosas que pedem concentração e exigem paciência
Até uma explosão ou desistência
Rosas da indecência, rosas que arranham
E mordem travesseiros, deliciosos espinhos traiçoeiros
Rosas que rosam afogadas no orvalho e exalam seu cheiro
Rosas que dão tanto trabalho
Mas como é bom ser jardineiro...

Fim de Caso

Então está acabado?
Você nem me confirmou,
Se está tudo terminado,
Mas assim que você se for,
Não esquece meu amor,
Me devolve por favor,
Todos os beijos que lhe dei,
Quantos, eu nem sei,
Mas um de cada vez,
Devagar e lentamente,
Vamos beijar novamente,
Até fechar a conta:
O beijo do começo,
O que eu não esqueço,
O beijo da saudade,
O de maior intensidade,
O beijo escondido,
Aquele mais proibido,
O beijo carinhoso,
O que foi mais gostoso,
O beijo de amor,
O beijo que me conquistou,
O beijo de tesão,
O que teve mais emoção,
O beijo do seu ciúme,
Que eu nunca tive costume,
Vai amor, vai devolvendo,
Tudo que eu te beijei,
E você tá me devendo,
Os beijos, que eu estou querendo,
E assim que tudo acabar,
A conta dos beijos devolvidos,
Assim que a gente

Parar de beijar,
Amor,
Eu duvido sinceramente,
Que você vá me deixar...

Logo

Depois
Já mulher
O vento vai acariciar
Seu rosto
Vai despertar
O sabor e o gosto
A chave do seu corpo
Ser dona da vontade
Da curiosidade
Como um novo brinquedo
Vai montar
E desmontar
Sem o receio de quebrar
Não há amor
Que vá lhe controlar
Vai brincar em segredo
Filmes que ela mesmo
Irá censurar e guardar
Viver e misturar
Amor e medo...

Insano

Beijo sua boca umedecida,
Minha língua ferindo seus dentes,
Invado sua barreira, insistente,
E resgato sua língua escondida,
Num jogo de morte e vida,
Uma luta indecente;
Desço e beijo o seu pescoço,
Você suspira sem fadiga e sem esforço,
Vira os olhos e diz meu nome,
A timidez se apaga e some,
Agora é pura cupidez,
É sim e não, talvez;
Seus seios empinados,
Duas cabeças femininas,
Olham para mim e para cima,
Olhares arrepiados,
Parecem estar com frio,
Ou será só o arrepio,
Do seu corpo animado?
Deixam minha ânsia empunhada,
Determinada, agora em plena guarda,
Um soldado apressado,
Querendo se abrigar numa trincheira,
E ali passar uma noite inteira,
Justo, aquecido e molhado,
Até soltar o seu fardo,
Numa morte derradeira...

Só uma vez

E depois,
Que Lázaro ressuscitou,
Que Lázaro é agora,
O mesmo Lázaro de sempre,
Ou um Lázaro diferente,
Não o que foi embora,
O Lázaro necessário,
O Lázaro da necessidade,
O Lázaro imprescindível,
O do pensamento diário,
O que era sempre visível,
Pois quando Lázaro morreu,
O mundo todo escureceu,
Parecia que o nunca mais,
Seria todo dia,
Lázaro não morreu em paz,
Foram espasmos e tremores,
Muitas lágrimas,
Muitas dores,
Lázaro sofreu demais,
E seu corpo baixou a sepultura,
Aquela cova funda e escura,
Mas então Lázaro reviveu,
Voltou dos mortos mudado,
Lázaro já nem era mais notado,
Lázaro passava e não causava,
Lázaro dançava sem atenção,
Lázaro não era mais Lázaro,
Era uma simulação,
Então Lázaro foi murchando,
Até ser esquecido,
Lázaro que havia morrido,
Lázaro que fora ressuscitado,

Lázaro que havia mudado,
E agora estava esquecido,
E vivo Lázaro estava morto,
Só faltava morrer o corpo,
E a lembrança de Lázaro se desfez,
Então Lázaro morreu,
Pela última vez...

Conto sem Fim

Dizem que era saudade,
O que ele sentia,
Mas não era verdade,
Ele mentia, se convencia
Toda noite quando dormia,
Ele acordava todos os dias,
Com o mesmo pensamento,
Ela, ela, ela,
Buscava através da janela,
Tinha toda manhã,
A impressão por um momento,
De que morava num sonho,
Fazia muito tempo,
E mesmo andando tristonho,
Bastava repetir o seu nome,
Que nem tristeza, sede ou fome,
Reduziriam seu contentamento,
Vivia em eterna fantasia,
Mas não podia,
Mas era feliz assim,
E se toda a história tinha começo,
Essa nunca teria fim,
Porque ela não dizia sim?
Talvez pelo medo do preço,
Ou por não estar mesmo afim,
Mas quem se importa,
Se o cachimbo já lhe pôs,
A boca torta,
Pois a amava e pronto,
E ele a amaria pelos dois,
Depois,
Escreveria um verso,
Talvez um conto,

E de volta a realidade,
Comer feijão com arroz,
Sentir saudade,
Depois é depois,
Será muito tarde?

Noite e dia

A medida
Que o seu olho via
Tudo ficava mais claro
É claro
Com a fraca
Luminosidade do dia
Alvorecer avaro
Dizer que foi um sonho
Seria um clichê
Talvez não tivesse dormido
Ou fingisse dormir
Meio acordado
Meio adormecido
Vendo e ao mesmo tempo
Não querendo ver
A noite é uma mulher
Uma lufada de vento
Pelos em pé
Desnudada em um negligê
Negro, vazado e sugestivo
Sobre um branco vivo
Insinuando o que está escondido
O que pode acontecer
Silhueta que oferece
Mas logo esquece
Sombra que só faz prometer
Mal se vê, só se adivinha
Luz em balé
O que é, o que não é
E tudo fica sem saber
Sua incerteza é o mistério
A natureza do adultério
Noite e dia em arrebol

Lua e Sol

No amanhecer...

Eis Vênus

Ela era densa
Densa e misteriosa
Era nebulosa
Nebulosa e tensa
Era minha rosa
Cheia de espinhos
Que me arranhavam
Com carinho
O orvalho era seu pranto
E seu encanto
Gotas sulfurosas
De uma pesada atmosfera
Primavera dengosa
Com a impaciência da espera
Desprezando a redoma
Desdenhando sua fragilidade
Achando que delicadeza
Era sintoma de fraqueza
E não sinal de sensibilidade
Então segue sua sina
Em noites e dias
Em terríveis ventanias
Em tempestades femininas
Espalhando poesias
Varrendo a superfície
Em montanhas e planícies
Recheada de vulcões
Prestes a explodir
Em belas e maravilhosas
E quentes erupções
Planeta selvagem que desperta
E logo depois quer dormir
Iluminando seu rosto afogueado

Vênus, um planeta apaixonado
Com quem Marte
Com sua arte
Quer se unir...

Alemão

Que coisa estranha
Aqui sentado nesta cadeira
Uma montanha
Não, não, uma ladeira
Mas não me lembro desta rua
Onde a curva continua
E agora
Nem sei a hora
Sempre entre desconhecidos
Que me olham
Como velhos amigos
Falando coisas sem sentido
Como se fossem minha família
Justamente eu
Com lembranças de uma ilha
Sem laços, nem raízes
Solto no espaço
Sem lembranças
De dias tristes ou felizes
Justo eu
Que nem sabe quem sou
Do que aconteceu
Ou onde estou
Que há pouco estava perdido
Na porta do elevador
E todos falavam comigo
Gentis demais pro meu gosto
Me tratando como um mendigo
Ah, mas aquele rosto...
Eu já senti esse toque
O cheiro deste perfume
Me envolve, me atrai
Vai me abraçando

Vai me chamando de pai
Me carregando a reboque
Desfio os meus queixumes
As queixas de costume
Mas que quarto bacana!
O mundo vai diminuindo de volume
Então entro em outro sonho
A solidão do sono
Deitado na minha cama...

Banquete

O dia que vc vem,
É o dia que como bem,
E almoço mal,
Dia do meu Carnaval,
Carnaval dos meus sentidos,
Em todos os sentidos,
É o meu prato principal,
Toque, cheiro e paladar,
Ouvindo e vendo você me amar,
Tendo você minha iguaria,
Queria te comer todo dia,
Poder repetir e repetir,
Você servida numa bandeja,
Gostosa e bem arrumada
Com um bom copo de cerveja,
Suave e bem gelada,
Depois pedir você de sobremesa,
Exagerar,
Me fartar na sua beleza,
Meu prato preferido na gastronomia,
Abrindo o apetite,
Para poder fazer a melhor poesia,
Pimenta que queima e faz arder,
Um beijo temperado com canela,
Ponha tudo dentro de uma panela,
E bote pra ferver,
Depois coloque numa travessa,
E sirva a luz de velas,
Coma sem pressa,
Amor,
Como quero comer você...

Verde Novo

Mesmo
Quando ela foge
Como bruma da aurora
Mesmo quando ela vai embora
Ela ainda fica impregnada
Na pele arrepiada
Nem a toquei
Nem a beijei
Nem fizemos nada
Mas ela está aqui agora
A noite toda
Até a madrugada
Pois não adianta
A sua esquiva
Ela vive, ela está viva
Em cada coisa
Em cada movimento
Do mais violento
Ao mais discreto
Ela está tão perto
Ela é meu tempo
Para que eu não me esqueça
Para que não saia da minha cabeça
Para que toque e me desperte
Que tudo é só um sonho
E que eu me aquiete...

Meia Noite e Um

Até a meia noite e um,
Esperei,
Com um relógio comum,
Mas não houve sinal algum,
Da sua lembrança,
Ou do seu cuidado,
Só um silêncio indelicado,
Em misturar alhos com bugalhos,
O verdadeiro ato falho,
Um vento parado,
Flores caídas no chão,
Rosas sem nenhuma serventia,
Largadas na minha mão,
Restos de inacabadas poesias,
Rascunhos sem servidão,
Arco íris envergonhado,
Só e desacompanhado,
Sua única cor é o rubor,
Sangue sem nenhuma dor,
De uma constrangida sensação,
De um sentimento sem jeito,
De estar sem teto e sem chão,
Sem a mínima noção,
Debruçado em um parapeito,
Pensativo, aturdido pela decepção,
A natureza pede desculpas,
Pois não foi sua culpa,
Do dia não ter amanhecido,
A noite não ter anoitecido,
Um poema curto sem inspiração,
Estrela fria sem emoção,
Escuridão de um breu entristecido,
Onde não se ouve sequer um ruído,

Nem vida, nem grilos, nem passarada,
O cheiro de terra molhada,
Um sorriso meio sentido,
Torna tudo mais divertido,
A sensação de não sentir mais nada...

Pérola

Indecisa?
Não me parece,
Que ela seja,
Muito menos quando ama,
Muito menos quando beija,
Talvez seja indecisa,
Porque quer ser exclusiva,
Uma fêmea tão cobiçada,
Uma menina desconfiada,
Talvez não precise,
Por ser tão desejada,
Por ter fãs e ser famosa,
Por ter tantas opções,
Por escravizar corações,
E ter que ser misteriosa.
Seu coração tem algum segredo?
Alguma senha para decifrar?
Quer amores como brinquedo,
Ou será que tem medo,
Receio de se entregar?
Mas porque dentre tantos,
Ela não escolhe nenhum,
Ou até se escolhe algum,
Ela oculta, ela esconde,
Se alguém pergunta, não responde,
Talvez na dúvida,
De ter sido seduzida ou sedutora,
Da ter sido caça ou caçadora,
A presa iludida ou predadora.
Mas quem não deseja,
Ser seu escravo e prisioneiro,
O seu amor derradeiro,
A liberdade desta armadilha?

O mapa para esta ilha,
As correntes desta prisão,
Que libertam o coração?
E quem não vai querer,
Ser apanhado nesta teia?
Indecisa de barriga cheia.
Quem ela vai escolher?
Uni,duni e tê,
O escolhido foi você?

Impermeável

Posso gostar de alguém,
Sem precisar ser refém,
Tenho esta capacidade,
De entrar e sair da cidade,
Sem me sentir culpado,
Nem infeliz ou abandonado,
Posso até estar apaixonado,
De mentira ou de verdade,
Um Poeta é exagerado,
Mas já não sofro tanto,
Sou impermeável a encanto,
Alguém pode me dizer,
Ah um dia você vai ver,
Mas já sangrei demais,
Até ficar chocado,
Coração ferido e machucado,
Há muito tempo atrás,
Talvez menos, talvez mais,
De modo que agora espero,
Com paciência,
O que ardentemente quero,
Perdi toda inocência,
Minha tolerância é zero,
Nada tenho a ganhar ou perder,
Nem alegria,nem tristeza,
Somente o beijo que não vou ter,
O "brilho do olhar que não vou sofrer",
Pelos canteiros,
Vou colhendo as framboesas,
De nada tenho mais certeza,
A não ser este medo ancestral,
A sempre impiedosa natureza,
Que aguarda todo mundo no final...

Verborragia

Vermelhas são suas rosas
Da cor do seu toque
Rosas não são
Nem rosa choque
Pois sem emoção que nos provoque
Não rola inspiração
Nem cola moderação
Nem meio lhe cabe
Você sabe
Na sua opinião
Nada é moderado ou mediano
Nem o eu te amo pode ser atenuado
Não basta nem é suficiente
Nem pode ser engano
Tem que ser urgente
Tatuagem de dolorosa coragem
Sem adiar os seus planos
Nem cancelar a viagem
Mas vai cada um em sua margem
Cantarolando Caetano
Uma joia tão rara
Tão fino diamante
Ulceração que não sara
E o que daqui por diante
Poderá ficar Odara?

O Bem

Ele faz o bem
Não importa a quem
Assim é o bem
Ele chega
Pede licença, diz obrigado
Não deseja recompensa
Tem muito cuidado
Ele é de todo mundo
Mas não é de ninguém
E ainda se sente culpado
Já cometeu enganos
Já agiu mal também
Nada mais humano
De fazer noventa e nove
Mas não fazer cem
O Bem somos todos nós
Em determinados momentos
Pois não estamos sós
Nem somos o centro
Em só olharmos pra dentro
E desatarmos os nós
Ignorando os eus e os meus
Bem, já aí
O Bem aconteceu
E quando a gente olha pra fora
Não tem hora nem tempo
Para se fazer o Bem
Ao contrário de fazer o Mal
Que em alguns
Só em alguns
Gera algum constrangimento
Fazer o Bem de forma natural
Não gera nenhum arrependimento

O bem vai logo dizendo
Foi mal
Se ele pisa na bola
Ele se desculpa
Ele consola
As vezes nem dorme direito
De ficar atormentado
Se sentindo culpado
A bem da verdade
A culpa não lhe cai bem
Mas é só a culpa que ele tem
Com o peso de uma tonelada
O que para o Mal não pesa nada
O Bem vai vivendo então
Mal e mal, fazendo piada
Até tudo voltar ao normal
Mas insiste no Bem
A bem da solidariedade
Não desiste
Claro, ele se mantém
Dentro da sua capacidade
mas uma certeza ele tem
No final de tudo
Se o continente tiver conteúdo
Então tudo, tudo,
Tudo acabará bem....

Astros

Eu já passei na sua vida
Fui remédio e fui ferida
Fui meteoro e Astro-Rei
E agora sou somente o seu passado
Eu sou seu saldo
Ou já não sou
E eu já nem sei
Em tempo de estio
As vezes rio
As vezes choro
As vezes eu peço
As vezes imploro
O animal no cio
Sai pelos poros
Um coração vazio
As vezes volto
E te namoro
Sou réu confesso
As vezes cesso
As vezes coro
Eu me despeço
Mas te decoro
Ousado
Lhe fiz de lado
E pela frente
Em pé, deitado
Ou indiferente
Fui recebido
Como um convidado
Sendo julgado e absolvido
Sendo beijado
Sendo lambido

Vendo de noite
O sol corado
Chuva de açoite
Que me fez chover
Luz indiscreta
Tragar o poeta
E alimentar você...

Miopia

Tráfico de horrores
Em todos os modos e posições
Em todas as cores e situações
Machos e suas diversões
Mulheres e seus pudores
Dependendo dos seus humores
Risos ou censuras
Pelo olho da fechadura
Debaixo dos cobertores
Tem gente objeto
De modo abjeto
Todos animais
Nos seus pecados capitais
Coletivamente secreto
Quebrando regras sociais
Tudo muito fácil e muito rápido
Lépido e discreto
Num zap de segundo
Ids que saem do seu abrigo
Imagens do fim do mundo
Compartilhadas com seus amigos
Convenientemente míopes ou cegos
Mas basta um dedo na ferida
Que a moralidade revida
Então a festa acaba
Tudo desaba
Adeus férias do superego...

Ciclos

Agora ela dorme
Olhos passeiam na escuridão
Já foi amada
E mesmo desligada a televisão
Um filme precede o sono
Mas como?
Chegam os murmúrios
Do passado
Suores, suspiros e cheiros
Em gestos apaixonados
Trazem as refregas
Memórias da sua entrega
Quem sabe um outro convidado
Quantas vezes
Os olhos fechados
Respiração ofegante
Um personagem a cada instante
Cavalo ou amazona
As vezes dominada
As vezes dona
Sempre entregando seu corpo
Com prazer ou desconforto
E de novo
A novidade sorridente
Anuncia a alegria de um porto
Enquanto o tempo passava
Em formas e volumes diferentes
Pesos, corpos e almas
Que ela recebia e acomodava
Ora como um costume
Ora como um presente
Amores transitoriamente
Coleção de perfumes

Então seria eterno
Se não fosse passageiro
Os últimos
Sempre serão os primeiros
Mas este será diferente..

Sem Dúvida

Para ela,
Era tão fácil matar a sêde,
Bastava deitar na rede,
E esperar com confiança,
E com paciência,
Com segurança,
Pois na sua experiência,
A água poderia demorar,
Mas sempre estava por perto,
Era certo,
Poderia atrasar um pouco,
Mas certamente a água viria,
Um caso raro da ciência,
De uma invertida dependência,
Um desejo necessário,
Da água sentir vontade,
De molhar uma boca,
E não o contrário,
Na sua consciência,
Era cristalino e transparente,
Que a água,
Era totalmente dependente,
Da sua dipsia,
Uma água sem orgulho,
Sem vaidade,
Sim as vezes demorava,
As vezes passavam dias,
Mas ela sabia,
Que bateria a saudade,
Passava a língua nos dentes,
Adivinhando com saciedade,
A água limpa e transparente,
Mas qual,

E o tempo passou,
Então ela esperou e esperou,
E a água não voltou,
Um pouco arrependida,
Um pouco indignada,
Surpresa, se levantou num salto,
A fonte secou,
Isso era um fato,
Estava na hora de procurar
Outro regato...

O Futuro

O futuro é um lugar escuro
Mesmo porque
A gente não pode ver
Não me aventuro
Em adivinhar o que irá acontecer
O futuro começa já
Aliás, chegou ainda agora
Mas ele mal chega e já vai embora
Aliás nem tem meia hora
Que o futuro é passado
Mal cheguei
Onde marquei o encontro
E ele sempre apressado
Que de pressa passou do ponto
Tinha corrido mais para frente
Olhou para trás, todo afobado
Fica aí com o presente
E eu correndo atrás
E ele indiferente
Gritei, vem cá rapaz
E ele fugindo de mim
Na distância do horizonte
Sempre mais adiante
Parecendo que chegava ao fim
Eu sempre para frente
Ignorando o presente
Um relógio que não colabora
O tempo não passa
Mas o relógio anda toda hora
Faça o que eu faça
O futuro sempre demora
Mas o futuro continua fugindo
Viajando no tempo

Foge de mim, vai sorrindo
Por que você não aproveita o momento?
Não olhe para trás
Não perca um minuto
Viva se for capaz
O presente não tem substituto...

Cubo Mágico

A poesia
Não é meramente
Um jogo de palavras
Servos versos
Letras escravas
Caprichos, impulsos
Surtos de vaidade
A poesia é o que tem cheiro
Que tem viscosidade
Consistência de lágrimas
Ou de suor,
Leveza e intensidade
Deformidade e beleza
Simplicidade
De um gesto só
São humores
Dos amores
A saliva do beijo
O sangue do rubor
A cor e a secreção
Do desejo
Exala perfume
Ou odor de decomposição
Faca de dois gumes
De convite
Ou provocação
Se não lhe toca
Nem lhe rasga
Nem lhe afaga
Nem lhe choca
Não tem emoção
É um monumento inútil
Ao sentimento fútil

Um forasteiro
Surdo, cego e mudo
Embaralhando tudo
Sem comunicação...

Da Arte de Escrever

É como se a pele ardesse, constantemente,
E de repente, sentisse tudo ao redor,
Ao mais leve movimento,
Na mínima fração de tempo,
Ao primeiro raio de Sol;
Cada coisa que brilha,
Cada ser vivente que se move,
Tudo que alegra e maravilha,
Cada sentimento que comove,
Tudo que é lágrima ou sorriso,
Tudo que parece um aviso;
Cada vento, cada brisa,
Tudo, tudo que a alma precisa,
Tudo que dança ou que celebra,
Tudo que é desejo ou repulsa,
Tudo o que ilumina ou que cega,
Tudo, tudo que sangra e que pulsa,
Tudo que afirma e que nega
Tudo que esfria ou que esquenta,
Tudo que esconde ou que revela,
Tudo que resiste ou não agüenta,
Tudo que é sagrado ou é profano,
O que acende ou que apaga uma vela,
Tudo que é divino ou é humano,
Tudo que morre, vive e se reproduz,
Tudo que é breu ou que é luz,
Tudo que é Terra ou Universo,
Deus criou e abençoou,
E disse, tudo isto é Amor,
E que seja cantado em prosa e verso..

Busca

Vivia flertando
Com o precipício
Desde o princípio
Nunca acreditou
Que a sua busca acabara
Tanto tempo se passara
Fizera tanto sacrifício
Que encontrar o amor
Era para ser tão difícil
E então encontrou
Mas como?
Alguma coisa estava errada
Ele sempre dizia
Eu te amo
E ela continuava inconformada
Achava que não merecia
Mantendo a alma fechada
Recusava ajuda
Se abrigava na poesia
Conversando com Neruda
Todo dia uma prova
Buscando uma contradição
Sempre e sempre
Sempre a mesma questão
As vezes uma pergunta nova
Mesmo ouvindo o que gosta
Não conseguia uma boa resposta
Que lhe desse satisfação
Em busca da resposta perfeita
Não encontrará a receita
Nem descobrirá solução
Pois nunca estará satisfeita
Até se reencontrar com a solidão...

Feliz Aniversário

Mais um ano se passou,
Algo mudou,
Tanta coisa aconteceu,
Ou pareceu,
Ou só quem mudou foi eu?
Parece que o tempo não passou,
Mas passou,
Será que alguém percebeu?
Olha no espelho,
O sorriso está igual,
As vezes desconfiado,
As vezes radiante,
Mas não está nada mal,
Isto, tem que estar autoconfiante,
Ainda tem tanta juventude,
Agora é torcer que nada mude,
Mas certamente um dia vai mudar,
Esta parte melhor esquecer,
Mas até lá, vamos viver,
Solta os cabelos compridos,
Devo cortar?
De repente ouve um ruído,
Coração dividido,
Quem poderia ser?
Quem eu queria que fosse?
Serão os bolos e os doces?
A festa já está preparada,
Mas não estou nem arrumada,
Será que ele virá?
Como eu iria gostar...
Se admira novamente,
Nem se acha tão bela assim,
Mas tem um poeta,

Que faz tanta poesia pra mim,
Então, não sou tão mal enfim.
Mas quem será sua paixão secreta?
Ah, agora sim,
Os convidados estão chegando,
Tudo, tudo vai acontecer,
A noite só está começando,
Parabéns pra você!

Mãos Vazias

Eis me aqui
Para o acerto de contas
Coração na balança
Você séria
Com a sentença pronta
Chora com pena de mim
Pelos meus olhos sem cor
Pela dor do meu cenho
Já pressente
Que as minhas mãos
Não trazem nada de valor
Mas ainda e mesmo assim
Pede que mostre o que tenho
Que eu traga minha proposta
Em vão
Só tenho o meu coração
E é de mim
O que você mais gosta
Mas também trago aflição
O medo que você me vire as costas
E que decrete o fim
Trago meus conflitos
O meu olhar no infinito
Distante, muito distante
Longe para os seus sonhos
Lonjura sem tamanho
Um pontinho brilhante
Lembrando em todo instante
Que sou um astronauta sem nave
Diante de uma porta sem chave
Amor demais
Mas que já não é o bastante...

Ira

Ira

Monstro
Sem face
Sem forma
Enxerga com clareza
Monstro que cega
E chega de surpresa
Sabotando os freios
Ocupando, sujeitando
A sua presa
Despeja a razão
Numa fração de tempo
Se alastra como fogo
Espalhado pelo vento
Rompe as regras do jogo
E sem nenhum arrependimento
Convertendo o seu hospedeiro
Em fúria e tempestade
Devastando a civilidade
Lobo que fora cordeiro
Gestos sem piedade
E se a vítima
Se olhar no espelho
Não reconhecerá sua imagem
Um borrão de olhos vermelhos
Sem rosto
Um animal selvagem
A sua alma de joelhos
E quando depois de saciado
A boca seca
Sem gosto
O monstro vai se embora

Tudo ao redor transformado
O hospedeiro exausto
E arrependido agora
Então o leite já está derramado
E de longe o monstro
Comemora...

Ainda Não

Vaidade inútil
Em atender a um aceno fútil
Em ser chamado pelo nome
Sendo apenas um homem
Romeu, o que compartilhou o veneno.
Somente o dedo da posteridade
Poderá acusar um poeta
De ter sido poeta
Poderá contar a verdade
Somente o tempo
Terá o dom do julgamento
Porque essa é sua sina
Essa é sua sorte
Ser despertado do sonho da morte
Só e apenas;
Somente quando estiverem seus poemas
Espalhados e insepultos
Ignorados e pouco lidos
É que se erguerão monumentos
Ao soldado desconhecido
Acossados pelos versos e seus vultos
Somente com seu silêncio absoluto
Se ouvirão seus pensamentos
Seus corpos estarão mortos
Mas seus tormentos e seus livros
Estarão vivos
E viajarão além do tempo...

Passageiro

"O absurdo é a razão lúcida que constata os seus limites." (Albert Camus)

Passageiro

Não quero aplaudir

Nem ser aplaudido

Só quero ser

Enquanto sou

E basta

Quero rir e fazer rir

Não quero viver iludido

Vim para ser iconoclasta

Porque há que se resignar

A ser lembrança

Até ser esquecido

Porque a memória cansa

Um mundo que não verei

E nunca mais me verá

Viver sem esperança ou melancolia

Só quero viver todo dia

Sem procurar explicação

Ou cantar litanias

Sem porque sim

Sem porque não

Sem uniformes ou fantasias

Sem esperar salvação...

Crescer

Há um sentido maior
Do que ser agradável
A arte exige uma continua semeadura
Insensível às estações
Sem expectativas e muito menos obrigações
Da retribuição da colheita
Fere numa lavoura imperfeita
A bonomia de sedas rasgadas
Sementes de niilismo pueril
O espelho constante do vazio
Limões e sempre a mesma limonada
O artista que não pode aprender
Não tem outra opção além de ser egoísta
E andar em círculos pelo nada
Se não se angustia com sua bondosa verdade
Que lhe justifica e lhe afaga
Pela simples vaidade em não se render
Salvos pelo dedo do imperador
Do corte profundo da própria adaga
Entende o verdadeiro gladiador
Que os leões mastigam com absoluta sinceridade
Porque devoram com saciedade
Eis um poeta ranzinza
Que ora renasce, ora se esconde nas cinzas.
A ser admitido na arca sem valia
Prefere o dilúvio ou o exílio
E continuar a escrever poesias
Como um eterno andarilho...

Do que importa

Esperam que os poetas falem de amor
Porque no amor há sempre esperança
Alguém ama, outro deseja amar,
O amor é um novo coração de criança
Ai vem o poeta com outros assuntos casuais
Fala do fim, fala do sim, do não, do talvez
Das matemáticas acidentais
Que às vezes um mais um é três
Que meia dúzia não é seis
E traz suas questões existenciais
E todos esperam, e o amor?
Pois não viu? Está lá subentendido
Disfarçado de outra cor
Com acento circunflexo no til
Bem escondido
Pois há quem já tenha amado
E mesmo já tendo passado
É do amor que se quer lembrar
Muitas vezes o amor reflexivo
Fica sentado nos seus silêncios absolutos
E mesmo estando de luto
Ele ainda está vivo
A morte é líquida e certa
E isso a ninguém conforta
Está lá, nos esperando com a porta aberta
Por isso o amor é o assunto preferido
Afinal, quem sabe haja um amor desconhecido
Esperando atrás da porta
E se não tem, talvez aquele que foi
E quem sabe se ele não volta?

O Primeiro Homem

Cláudia se encontrava extasiada diante daquela serpente de olhar ciclópico rigorosamente ereta e ameaçadora. Súbito veio-lhe a sensação de um pássaro encurralado, paralisado pelo olhar magnético de uma víbora que se aproximava lentamente para o bote. Cláudia não conseguia afastar seu olhar enfeitiçado daquela visão ao mesmo tempo assustadora e cativante, aquele braço estendido lhe oferecendo uma rubra maçã brilhante e reluzente pedindo para ser mordida. Por um instante não conseguiu evitar a ideia de como o fruto do pecado era fascinante. Seus grandes lábios vermelhos se derramavam prevendo de forma ávida o sabor daquela iguaria suculenta e certamente já a teria provado se a lembrança de estar ultrapassando alguma coisa muito proibida, de estar cometendo alguma falta da qual seria severamente repreendida e castigada, não tivesse lhe assaltado, causando-lhe uma hesitação e um medo que sabia, mas se negava a aceitar, serem momentâneos. Pensamentos absurdos confundiam sua mente com ideias que depois lhe pareceriam risíveis e ridículas, afinal Eva não fora expulsa do paraíso assim? Branca de Neve não fora envenenada por um convite semelhante? Devia recusar, voltar atrás? Mas agora era tarde e na verdade, a quem ela estava querendo enganar. Carlos não precisou de muito tempo para convencê-la. A curiosidade nutrida pelos comentários das inúmeras colegas de trabalho a fizera chegar ali. Sim queria ser mais uma, queria também ser escolhida.

Não sabe bem se pelo choque da visão singular ou seu recato desajeitado diante da sensação de estar sendo observada pelo seu algoz (assim o imaginava), mas toda esta confusão de ideias absolutamente irrefreável tentando compreender a sucessão de acontecimentos, a entorpecia e retardava seus movimentos. Sem saber porque seus olhos marejaram, lágrimas começaram a rolar de forma arrastada pelos dois lados da face. Diante daquela visão, que Carlos considerou pervertidamente excitante demais para ser interrompida, com a mão direita sobre a os cabelos de Cláudia conduziu com meia pressão sua boca em direção àquela oferta lasciva. Cláudia, tentando expressar um pouco de culpa que sentia ou queria denotar que sentia, murmurava baixinho e repetidamente, querendo ser ouvida, quase num gemido de prazer algo como um ele não merece isto, não eu não posso fazer isto com ele, sussurros que avivaram Carlos muito mais ainda. Inicialmente respondendo àquela pressão da mão, criou uma resistência efêmera para em seguida abrir a boca e abocar o túmido regalo. Por noviça inabilidade, para não parecer tola e com o intuito de agradar seu capitão, teve a sensação de que deveria conter todo aquele volume no primeiro gole, para recuar logo em seguida em engulhos e ânsias de vômitos como um fumante na sua primeira tragada despertando em Carlos um riso contido e satisfeito. De soslaio Cláudia percebeu que o sorriso de Carlos se transformava gradativamente num rictus maliciosamente perverso, como se a subjugasse ou melhor, fazendo-a se sentir assim, e para sua surpresa, em vez de se sentir ultrajada, percebeu que aquela sensação lhe agradava e lhe excitava imensamente. Nunca fora de sua natureza ser submissa, mas naquela ocasião queria, precisava obedecer, ter a sensação de ser dominada como uma fêmea, da forma mais natural e primitiva a que reduz essa palavra. Alípio nunca a tinha feito se sentir assim, nem mesmo nos primeiros anos de namoro onde a juventude e o desejo ardiam mais e mais em seus corpos. Na verdade, toda aquela rudeza e impessoalidade com que aquele quase estranho lhe tratava, lhe propiciavam uma intimidade de corpos, suores, pelos, peles e humores nunca antes sentida. Queria ser dominada sim, e Carlos exerceu o domínio que ela há muito procurava de forma lasciva e obscena. Cláudia podia não ter certeza do que se tratava o Amor, mas naquele momento era apresentada na forma mais pura à luxúria, o desejo alienado e atropelado, o fogo que não consumia mas elevava a vida.

Seu Polifemo era incansável nas suas idas e vindas, porém Carlos podia ser sensualmente maligno, mas possuía a habilidade de conhecer um pouco da alma das mulheres (porque ninguém

conhece tudo sobre elas), a dualidade feminina do anseio pelo amor ou por uma cupidez consentida pelo acaso de uma tempestade perfeita (seja lá o que é perfeito para cada mulher), de maneira que deitou-se e a conduziu sobre ele. Assim que sentou sobre aquela serpente altiva, inicialmente sentiu um certo desfalecimento fugaz como se todo seu sangue de repente numa única pulsação tivesse se recolhido para em seguida voltar em um roldão, em uma enxurrada incontrolável, ao mesmo tempo que um rubor abrasado tomava todo seu corpo. Gradativamente foi se assenhorando da sua posição dominadora privilegiada, como uma alpinista curiosa subindo e descendo da raiz ao cume divertidamente, arriscando e descobrindo ao ápice um "pas de bourré piqué sur le pointes" que resvalava pelo seu dedo mínimo brincando ao cume e um passinho abaixo dançando um ballet visceral e próprio. Lembrou-se de Marjorie, sua colega de faculdade, sua melhor amiga, sua melhor má companhia, casada assim como ela, mas totalmente alheia às suas censuras e ao seu assombro quando descrevia suas indecentes aventuras com um sorriso instigante e provocador. Viu a sua imagem naquele momento fitando-a bem próxima, sentada ali ao lado da cama, toda a sua figura lhe aplaudindo de forma zombeteira e radiante, então, aí está nossa menina envergonhada! Cláudia sentiu-se orgulhosa um pouco antes de sentir um arrepio, um tremor convulsivo que até então nunca tinha experimentado com aquela intensidade absurda, seguida pela percepção de discretas pancadinhas do ciclope que ora lhe habitava que prenunciavam golfadas de satisfação de seu cortesão.

Achou-se ridícula em imaginar que aquilo era o amor, provavelmente todas as mulheres que estiveram com Carlos antes dela deviam ter pensado tolamente da mesma forma, mas Carlos era uma alma livre. Era melhor não começar a inventar algo em que queria e iria acreditar. Sim, Carlos a tivera completamente, mas ela também o carregava dentro dela como a prova da sua posse. Ele a colocou sobre o seu peito e se calaram por um bom tempo. Apressou-se, chegou em casa a tempo de deixar tudo pronto para o jantar e para a novela. Alípio chegou com um apetite maior que o habitual, comeu e algum tempo depois dormiu porque ainda não era sábado.

A Cor da Morte

A Senhora Morte
Carregando a sua foice platinada
Carpindo, se encobrindo
Em seu negro capote
Sua máscara preocupada
Vai vivendo na escuridão
Da sua alma solitária
Sentada em frente a um computador
Esquecida do amor, abandonada
Segue sua sina macabra
A sua contagem diária
Vai semeando o medo e o terror
A Moira que corta o fio
Vai contabilizando os mortos
Acumulando os corpos
Curtindo esse capricho vazio
Medéia sem heroísmo
Flerta com a tragédia
Empurra a humanidade para o abismo
Exibição de seu ossuário
Rosa de Tóquio em solilóquios
De aniversários de boneca
Com desinteresse fingido
Esgota a biblioteca
Transforma seu sono perdido
Em terrorismo solitário
Continua a matar gente
Sem interesse pelos vivos
Um assunto pouco atrativo
Seu tédio são os sobreviventes.
Vai declamando seu obituário...

Tardio

Tímido, feito uma avestruz,
Tremendo nas bases,
Caindo uma fase,
Lâmpadas à meia luz,
Pé no freio,
Com muito receio,
Sentindo calor,
Sentindo frio,
A Alma sentindo um arrepio,
Temendo a segurança,
Se encolhendo feito criança,
Em frente a um astro de intensa gravidade,
Transformando todo o mar,
Numa estranha maré,
Um oceano de dubiedades,
Ondas de mal me quer,
E bem me quer,
Temeridades,
Quer se chegar,
Mas como é que é?
Estranho comportamento,
Para quem já tinha perdido a inocência,
No final da adolescência,
Preparado pras armadilhas do tempo,
Controlado a impaciência,
Estranha situação,
Para quem namorava o furacão,
Bordejando, roçando a tormenta,
Querendo encontrar emoção,
Em meio a tempestades violentas,
Buscando a chuva de encontro ao rosto,
Chorando pingos com o maior gosto,
Quem sabe esta tardia timidez,

Possa ter alguma explicação,
Fazer do silêncio, comunicação,
A proteção de seu amor talvez,
Um guarda chuva por sobre ela,
Segredo que um amor nunca revela,
Talvez esteja querendo adiar o não,
Não para evitar o sofrimento,
Não, não por isso,
Já tem antídoto para este feitiço,
Mas por querer prolongar esse momento,
Choque de trezentos joules no coração,
Pois ele quer segurar a sua mão,
Quer transmitir seu sentimento,
Ele quer te ver bem lá dentro,
Misturar corpo, alma e tesão,
E se por acaso não for assim,
Deixa pra lá, não faz mal não,
O poema pode chegar ao fim,
Mas esse amor não acaba não...

Ter Filhos

Vamos ser breves
Não se pode ter filhos
E ao mesmo tempo ser leve
Ou é uma coisa ou outra
Outra coisa não serve
Ou calmaria ou vento
Placidez ou tempestade
Cubram os espelhos
Ignorem os cabelos
Cuidem pelos vidros da janela
Todo os fins de tarde
Quando olhos velam
Viver com qualidade
Sisifo se esmera
Dormir pela metade
Meio sonho, meio realidade
Com a angústia da espera
Pô-los no mundo
É carrega-los no colo
Até baterem asas
Construírem suas próprias casas
E iniciarem carreira solo..

Gueixa

Fora de si
Para não misturar água e óleo
Não se trair
Quem é quem
Quem lhe faz bem
Quem faz sentir
Aqui, é só vitrine
Pra poder ver e sorrir
Afinal, olhar não é crime
Sem poder arriscar
Sair pra passear
Mentir, fingir
Ir e voltar
Sem nódoas ou manchas
Não se entregar
Sim, pode sujar as mãos
O máximo da emoção
Que veja e não pegue
Basta que esqueça e lhe negue
Mas, chega de queixa
Vida que segue...

Um Encontro com a Felicidade

Foi em São Paulo que ele conheceu a Felicidade. Tudo bem ainda era jovem e francamente ele nem sabia que ela existia de verdade. Morava nesta época no 11o andar de um Edifício na Rua Frei Caneca a dois quarteirões onde ela toca na Paulista, em frente ou quase em frente a uma igrejinha minúscula responsável por insônias memoráveis. Forasteiro que era, solitário e melancólico, pela primeira vez afastado da família, a cada hora em que a noite avançava para a madrugada o sino badalava uma vez, iniciando e reiniciando uma corrida aflita de seus carneirinhos até a próxima badalada em busca da inconsciência proveitosa e necessária que deveria acontecer bem antes que a primeira luz o desesperasse pela noite perdida e pelo dia que lhe seria imposto. Deitado, numa ginástica previsível alternava os lados para atrair o sono, um conforto temporário e animador que logo se mostrava inútil, induzindo a nova e ineficaz mudança de posição. Fechava os olhos e aguardava ansiosamente a transição entre os pensamentos organizados até quando eles se desorganizam e perdendo o controle ganham vida própria em absurdos com ares de sonho, uma semiconsciência, prenunciando a entrada num mundo desconhecido, do qual pela manhã, satisfeito, lembraria muito pouco. De forma que ele sabia que o sono estava chegando em vez da tortura da noite marcada pela averbação horária de seu insucesso. E assim corriam os dias e se passavam as desafortunadas noites.

Foi quando foi apresentado à Felicidade, de forma meio casual se lhe acode a memória, amigos, uma amiga mais animada e até de certa forma com gostos requintados e dominadores, um vamos sair esta noite, para aonde, a gente vê, olha vamos comer uma paella, vocês vão gostar, ah você não gosta, mas você vai gostar, prefere pizza, hum, que coisa, tudo bem, tem essa pizzaria aí do lado, você vai, quem preferir vai com ele, hum preferir pizza a paella, só podia ser baiano, hehe, mas você é baiana também, eu baiana, nada disso, morei um tempo em Brasília, sou candanga, sai pra lá esse negócio de ser baiano pega, hehe...

De repente ele estava só e infeliz. Não que essa sensação fosse de toda ruim, talvez ele até mesmo tivesse inventado e alimentado esta impressão e quisesse muito acreditar nela, formalidades de um exilado, talvez. Estavam ali ao lado todos perfeitamente entrosados e entronizados e ele completamente só. Foi quando a Felicidade sentou na sua frente. Na verdade, ele não tinha notado, mas a Felicidade estivera lá o tempo todo no meio do grupo, meio tímida, furtiva, escondida entre tantos palpites sorrisos e desacordos. Mas, como ela mesmo lhe falaria mais tarde, Felicidade se apenou dele e resolveu lhe seguir. Felicidade e compaixão, naquele momento ele não sabia se era uma mistura com muito porvir, mas enfim, foi a Felicidade que lhe escolheu.

. Conversou a noite toda com a Felicidade, ela lhe contou coisas interessantes de como fora infeliz nas suas escolhas, ele nem sabia que a Felicidade escolhia, sempre soubera que o livre arbítrio era dele ou das pessoas, de modo que ao final da noite ele já tinha beijado a Felicidade. Um beijo imperioso, claro, ora ele tinha que beijá-la, o que ela pensaria dele, tudo bem foi um beijo ritual, inevitável naquele mundéu de cidade, que se dissesse de passagem possuía regras bem claras de comportamento social, afinal, ele já tinha conversado o suficiente e pareceria estranho que alguém conversasse tanto, durante uma noite inteira e nada mais. Ele acreditou que Felicidade também estava só e queria muito ser beijada. Não se pode deixar a Felicidade, ali, na mão, se oferecendo e ele cheio de dedos e luvas de pelica. Pois beijou e pronto. Estava namorando a Felicidade.

A Felicidade não era bonita, mas também não era feia. Sabe-se lá, ele nunca tinha encontrado a Felicidade antes, era a sua primeira experiência com ela. Não era alta nem era baixa, mas era mulher. Sim, se vocês não sabem a Felicidade era uma mulher, seu comportamento era

inteiramente feminino, imprevisível e sedutor, não obstante como se lhe apresentasse, ele a veria sempre atraente. Estranho descobrir isto, mas ele sempre achou que seria assim. Felicidade não tinha nascido em São Paulo. Tinha vindo bem de lá do interior do Nordeste. Pasmem. Definitivamente um lugar extravagante para o berço da Felicidade. Um lugar seco, esturricado, onde brotavam flores de onde vida não se esperava. Aí ele deu valor à Felicidade. Seu rosto não escondia a origem. Talvez a Felicidade não venha de forma igual para todos, mas a dele tinha sotaque e feições bem nordestinas.

Os dias passaram e ele pensou que a Felicidade o tinha esquecido, foi quando ele ouviu a campainha da porta tocar. Abriu a porta e pronto, o que viu, a Felicidade em carne e osso. Pintada, escovada, arrumada, pois quando ela quer a Felicidade sabe se arrumar para quem ela deseja. Imediatamente ele fechou a porta para a surpresa dela. Com a porta fechada ele pediu que ela batesse em vez de tocar a campainha. A princípio ela não entendeu nada, absolutamente nada, mas como ele repetisse o pedido, ela então deu três batidinhas com o nó dos dedos. Ele abriu a porta e ela entrou com um ar desconfiado, afinal por que ele tinha fechado a porta e aberto novamente somente depois que ela bateu na porta com as mãos? Ele franziu o cenho com uma seriedade imprópria e reclamou, ora, isto não se faz, ele havia esperado a vida toda que a Felicidade batesse na sua porta e enfim quando ela chega ela vem com estas modernidades tecnológicas de utilizar uma mera sirene, que falta de sensibilidade! Ela sorriu e deve ter pensado que ele não era lá muito certo. Tinham combinado passar o final de semana prolongado em Curitiba, isto é, primeiro visitar a caverna do Diabo (convite incomum para a Felicidade) e depois seguirem para Curitiba.

Pois bem seguiram ele e a Felicidade pelos meandros da Regis Bittencourt (um trajeto temerário onde muitas vezes a Felicidade teve um fim) assim como uma amiga com um maravilhoso sotaque mineiro. Deus lhe perdoasse, mas aquilo era uma ameaça a Felicidade. Mas enfim ele se resignou com a Felicidade que já estava ali com ele, e quem já está com a Felicidade nas mãos não pode abrir mão dela, por maiores que sejam as tentações.

Mais inda não tinha sido desta vez que conheceria a Felicidade profundamente. Voltaram a São Paulo. Frio, muito frio. Finalmente ele foi dormir com a Felicidade. Quem nunca sonhou com isto? Dormir agarradinho e de conchinha com a Felicidade? Mas estava frio e a Felicidade não tinha mexido com ele o suficiente. A Felicidade, no entanto, não desistiu dele. Ato contínuo, pôs as mãos à obra, a Felicidade com um olhar severo e esquecido, se fixava no preparo minucioso de sua fórmula. Do quarto com a porta aberta, ele podia perceber que a cozinha se tornara uma atmosfera pesada e sombria, sentiu que a caçarola fervia, acreditou ver porções de vinho tinto, açúcar, canela, gengibre e um copo de aguardente sendo atirados pela Felicidade dentro daquele recipiente borbulhante como se estivesse em transe. De vez em quando a Felicidade provava da sua beberagem e sorria de forma assustadora muitas vezes quase gargalhando. Era para servir quente e quente foi servido. Ele não sabe se foi uma ilusão, a ideia da magia sempre lhe deixou muito sugestionável, mas patas de aranha, asas de morcego e olhos de coruja muito bem poderiam ter feito parte daquela formula, dissimuladas e dissolvidas dentro daquele caldeirão, mas ele nunca saberia. Aliás, preferia nem saber. Mas de longe ele acompanhava curioso e visivelmente apreensivo as atribulações daquela pitonisa totalmente concentrada no preparo da sua poção. A poção da Felicidade.

Exultante, enfim ela retornou com um copo cheio daquela beberagem. E aproximando-se da boca da sua vítima com um rosto sinistro não lhe deu opção. Beba tudo, ordenou. Abalado, estagnado e sem esboçar reação, para não desagradar a Felicidade, naquele momento totalmente fora de si, inteiramente interessada no resultado de seu elixir, ele bebeu tudo. Alguns minutos de espera...e os ânimos começaram a se elevar, ele percebeu um sorriso de satisfação entreaberto nos lábios da Felicidade. Não foi à toa que a vida surgiu em meio à fervura da lava incandescente dos vulcões e sob intensas tempestades, raios, trovões e chuvas. Naquela noite ele aprendeu tudo que se pode

aprender sobre o Amor com a Felicidade. A Felicidade se transformou assustadoramente em Êxtase. Descobriu que a Felicidade usava inúmeros nomes para o Amor, nem sempre possíveis de se publicar. Ouviu coisas sagradas, coisas profanas. Línguas e dialetos já desaparecidos no tempo. É surpreendente quando a Felicidade perde contato com a realidade!

Bem, o tempo passou, e a Felicidade não largava do seu pé. Sinceramente, ninguém aguenta a Felicidade o tempo todo. Ele acabou. Acabaram. Ela acabou com ele. Tudo isto junto e misturado. Mas alguns dias depois a Felicidade voltou. Continuava não desistindo dele. Seria ele a última chance para a Felicidade? Entrou no apartamento, mas agora utilizando o Interfone. Subiu. Ele a recebeu de porta aberta, porém um pouco entediado. Ela não perdeu tempo. Foi direto ao assunto. A Felicidade contou que estava grávida. Que apreensão! Constrangimento! Ele todo ouvidos. Que nome ele daria ao filho com a Felicidade? Fortuna? Muitas horas de conversa depois a Felicidade em prantos (que paradoxo!), confessou que não era verdade, só queria ver a sua reação. Teria feito outra má escolha? Que bom disse ele. Não se acostumaria a casar com a Felicidade para sempre ou criar seu filho. Era tarde, madrugada, a Felicidade não queria voltar para casa aquela hora. Era perigoso, você sabe...Tudo bem, como ele só tinha uma cama de casal, convidou a Felicidade para dormir ao seu lado. A esta altura ele já estava desconfiado da Felicidade (alguém por acaso pode se sentir totalmente seguro com ela?). Dormiram. Felicidade acordou protestando pela manhã muito cedo. Era a primeira vez que isto tinha acontecido. Dormir e só, e mais nada? Ele retrucou um pouco friamente, sim, há uma primeira vez para tudo. Ele estava sem paciência para a Felicidade. Entendam. A porta se abriu e a Felicidade se foi. Ele ainda tocou suave e carinhosamente em seus cabelos. Deixou que a Felicidade escapasse silenciosamente por entre seus dedos. Parece que a Felicidade chorou, não ficou certo. Ele não viu com certeza. Seria estranho ver a Felicidade chorar.

Era cedo e frio, ainda embriagado pelo sono, voltou e dormiu. Quando acordou o sol estava alto e feroz, o instigando a se levantar. Tinha dormido bem, mas estava exausto, levantou-se e olhou pela janela e o movimento lhe trouxe uma leve sensação de culpa por acordar tão tarde. Olhou ao redor com súbito interesse em busca de vestígios da Felicidade, mas o tiquetaquear do relógio chamou sua atenção e logo percebeu que estava atrasado, tomou banho, se vestiu e saiu. Se misturou na multidão extremamente só e estrangeiro e desapareceu em meio àquela torrente infindável de gente sem mais lembrar da Felicidade.

Controle Remoto

Pois,
Se existe só um,
Dentro de vocês dois,
É bom se olhar no espelho,
E perguntar
Quem sois?
Vê se a imagem,
Repreende o seu vestido,
Se manda esconder o umbigo,
Ou prender os seus cabelos,
Revire o olhar,
Quando ele lhe perguntar,
Quem é aquele seu amigo,
Calma, você não corre perigo,
Só vai ter que se habituar,
A respirar o mesmo ar,
A dividir o mesmo oxigênio,
Se ele franzir o cenho,
Todo dia pedir permissão,
Pra sorrir sem nenhuma reprovação,
Ah sim ele te ama,
E sempre vai te amar,
É que pra ele a simples possibilidade,
De você dormir e sonhar,
Sem autorização,
Lhe traz angústia e ansiedade,
Não penetrar na sua imaginação,
Na natureza do seu sono,
E se nem em sonho,
Vai poder lhe controlar,
Talvez ele clone seu celular,
Vigie seus hábitos e costumes,
São essas coisas,

Que vêm com os ciúmes,
Você vai ter que se acostumar,
O amor é um remédio maravilhoso,
Mas tem efeitos colaterais,
Às vezes amargo às vezes gostoso,
Mas se lhe satisfaz,
Esse jeito de ele ser atencioso,
Então nada será demais,
Seu futuro será auspicioso.
Seja feliz
Se for capaz...

Nos Dedos

Em noites
De caça
As vezes ela joga
As vezes ela passa
Escolhe o que lhe agrada
Recusa o que lhe entedia
Tem até a madrugada
Para não voltar com as mãos vazias
Com olhar entretido e o semblante curioso
Escolhe sua presa, o seu predador
Pela beleza e pelo vigor
Pela intenção do gozo
Não quer correr perigo
Não quer que seja amor
A boca é vermelha
Perfeita a sobrancelha
Sinais verdes pro aceno
Como uma brasa, uma centelha
Um espelho obsceno
Onde a malícia se espelha
Vai ser o tímido ou o corajoso
O que lhe tirar pra dançar
Não tem que ser maravilhoso
Ela é quem quer aproveitar
Se ela quer, ele deseja
Agora animados
O beijo com gosto de cerveja
Ele apaga o cigarro
Paga a conta e liga o carro
Ela lhe beija, sabe que nada é seguro
A noite é um tiro no escuro
O galo que dorme cedo
O estranho que lhe dá medo

Rápidos e desapontadores narcisos
Que prometiam o paraíso
Os objetos, raros e inquietos
Os brinquedos ideais
Nem ele acabou, ela já se endireitou
E ainda quer mais
Obedece a sua alma feminina
Que escolhe e que determina
O que lhe satisfaz
De manhã bem cedo
Assim que o sol acordar
Já serão outros segredos
De todos que contou nos dedos
Até o amor cansar de contar...

Supremo

Se você acredita em tudo
E não duvida de nada
Parabéns, você já faz parte da manada
E se adora
Ou idolatra uma imagem
Ora, ora, desgraça pouca é bobagem
Você é uma mente subjugada e nem percebeu
E se Raul não lhe convenceu da metamorfose ambulante
Será inútil um flagrante de uma traição que você mereceu
Se para você a nudez de um Rei é linchamento
Sua negação já é um útil instrumento
E mesmo que a imagem já esteja nua
Há quem acredite que o homem não andou na lua
Sim, há quem acredite em uma verdade
Uma verdade que é só sua
Que nunca houve o Holocausto
Pois tem quem garanta que Sade era inocentemente casto
Acredita-se no que quiser
É crença, é metafisico, acreditar é vontade
Mesmo sem um nível de evidência
Acreditar é fé, e não ciência
E nada que se diga, ou se ponha de pé
Ou se mostre, ou se comprove
Nada demove ou fará diferença
Nada mudará a ignorância ou despirá a inocência
Há os que leem todos os pontos de vista
E refletem, despendem seu tempo
Mas há quem seja um idealista
Para quem o ideal é um irredutível sacramento
Flertam com o fanatismo nutridos por panfletagem
Zéfiros políticos nos seus catecismos de sacanagem
Podem ver o ato, testemunhar o fato
Mas encontrarão sempre uma explicação

Sublimação, conspiração, extrema unção do bom senso
Mas não importa o que eu penso
Pois há os que pensam o contrário
Cada um tem seu próprio gosto
O oposto e o sectário
Para muitos Stalin foi bom
Mao ainda é um talismã
Os que adoram Genghis Khan
Há os que acham Hitler um gênio
É bom nem contestar, eu mesmo me abstenho
A esta altura o mundo está uma loucura
Está tudo de pernas para o ar
Nem que mostrem as impressões digitais
Nem mesmo câmera oculta ou DNA
Nunca, never, jamais
Para tudo há uma desculpa
Se iludir é um dom, tão bom
Como um Sieg Heil!

Original

Nascera indiferente
Mas somente no Outono é que despertara
Será que estava doente
Apaixonara-se pelo sol poente
Ficara sem alternativa, estava viva
Agora podia escolher entre a coroa e a cara
Seu baralho não tinha reis, somente valetes e damas
No seu sono agora agitado
Rolava toda noite pela cama
Ora para um, ora para o outro lado
Casara-se com a oportunidade
A liberdade que sempre lhe faltara
Em fidelidades tão claras
Entre o vigoroso resplendor do sol
E o brilho diáfano da lua
Entre o ouro e a prata
Entre o cão e a gata
Sentia-se mais sorte e nua
Agora ia para rua e se fazia serenata
Agora era bastante e inconstante
Era crua...

Vésperas

Vésperas

À noite
Para dormir
Ele inventava sonhos
Para que pudesse se embalar
Para poder se distrair
No tempo em que o futuro ainda era um sentimento risonho
E o seu olhar ao horizonte era comum
Ainda muito vago
E que tudo iria continuar a se repetir
Pois então agora, um sonho era raro
Eram poucos ou quase nenhum
Fragmentos de um cotidiano avaro
De modo que agora dormia sem afago
E o sono custava a chegar
Ansioso, esperava seu pensamento noturno
Salto da razão para o insensato
Aguardava a transição anunciada pelo absurdo
Da consciência para a inconsciência
Até a sua ausência do imediato
Mas agora sua alma se quedava inquieta
E os seus pensamentos eram incompletos
Sua curva não era mais reta
Seu passaporte era a visão do teto...

Alisios

Ser paciente
Como semente
Que quer brotar
Se chove já vai passar
Se estia
Chove outro dia
Se é lágrima
Vai enxugar
Ela escondida
Vai parar de sangrar
Soprar a ferida
Cicatrizar
E passa brisa
E passa vento
Ela só precisa é do tempo
Vai germinar
Ervas daninhas e heras
Pragas de videira
Maculam as vinhas
Atrasam sua espera
Mas ela brota
De qualquer maneira
Sem eira nem beira
Não desespera
O vinho vale a quimera
Da essência verdadeira
Chegam pulgões
Invadem cupins
Mas agora
Ela já quase
Se espalha no jardim
Viceja em solo bruto
Quando morre a flor

Traje enganador
Pensam que é o fim
E aparece o fruto
Semente, novamente
Que vai engravidar o capim...

Caudal

Agora
Que chegam as chuvas de aluvião
Obrigando a represa do medo e da morbidez
A abrir suas comportas lentamente
Claro que não sem a aridez
Da gente a quem a luz incomoda
Dos que afagam a escuridão
Os que repetem tolamente as palavras da moda
Assim como a natureza sempre fez
Desde muito e muito antigamente
O rio vai voltar a seguir o seu curso
Em seu leito natural, naturalmente,
Na sua missão ancestral
Do instinto e do impulso
Murmurando vida por suas margens
Pintando de verde o que é vivo
E o que é livre, em sua viagem
Porque tudo o que esse rio beija, vive
Agora é urgente que a juventude transborde
E se derrame, e inunde e se espalhe
Tudo que a vida grita e tem pressa
E explode
Porque o tempo é curto
E não regressa...

Iceberg

Foi tudo muito dramático
Com a frieza de uma repartição sexta-feira à tarde
Um mero encontro burocrático
Uma chama que não arde
Como despachos automáticos e impessoais
A letra fria em folhas obsessivamente empilhadas
Sensações hermeticamente embaladas
Em um papel sem vida e nada mais
Largada em cima da mesa
Com uma incerteza desleixada
Deitava um embrulho furta-cor e impermeável
Um presente duvidoso
Dois estranhos e nus que se reencontravam
Tudo muito frio e adorável
Sem nunca antes terem se visto
A sensação do gosto de gosto algum
Sem fome mesmo em jejum
Diante daquele planejado imprevisto
A sensação do toque sem tato
Almas dormentes, anestesiadas
Labaredas geladas
Sim, isto era um fato
E foi assim que começou e já sendo fim
Uma deslumbrante beleza de manequim
Restou a lembrança da incerteza depois
Se sonharam os dois
Ou o sonho foi só meu
Ou será que nada disso aconteceu?

Rescaldo

Nas cinzas, no rescaldo,
Ele anda a esmo,
Autômato e embriagado,
Buscando lembranças,
Entre tudo desmoronado,
Aqui um brinquedo de criança,
Ali um porta retratos chamuscado,
Um carrinho, uma boneca,
Um quebra cabeças desmontado,
De uma antiga pinacoteca,
De sensações do passado,
Telas que já não têm mercado,
São cores agora sem colorido,
É tudo cinza,
Tudo fosco e acinzentado,
Vejo uma foto desfigurada,
Aperto a vista,
Procuro uma pista em meio ao nada,
Uma memória esbranquiçada,
Lembrando você dando risada,
Sigo caminhando em frente,
Buscando restos de um amor,
O entulho ainda está quente,
Fumegante e surpreendente,
Apontando restos que ela deixou,
Vigas que já foram mestras,
E sustentavam uma paixão,
Hoje são imagens funestas,
Monumentos pintados de carvão,
Vou passeando pelas ruínas,
Como um trabalhador de minas,
Buscando mais coisas de valor,
Mesmo coisas sem serventia,

Brasas que agora são nostalgia,
Cinzas que são restos de amor,
Souvenirs do dia a dia,
De onde eu vou tirar energia
Para agora criar e compor...

Amanhã

E assim que termina a novidade
O brinquedo se torna relíquia
Diminui a curiosidade
Enchem-se as mãos de dedos
Vestem-se de luvas de pelica
E intimida, e melindra Sade
A coisa vira cuidado
O instinto se esfria
Não cabe mais a fantasia
Fica justo e apertado
O amor diz com licença, por favor
Se preocupa com as aparências
Pede desculpas, diz obrigado
Já não é tão mal-educado
Uma mudez de reticências
Mesmo que todos os dias
Sejam iguais
Como é que pode se dizer
Não, não é como se faz
Aliás, é o estranho que se vê
O egoísmo compartilhado
O primeiro eu depois você
De sangue quente a sangue frio
É melhor deixar o relicário vazio
Para o antigamente amanhecer...

Desigual

Não obrigue
O Sol a se pôr pela sua vontade
Pois cedo ou tarde você vai compreender
De que de nada adiantou
Pois ao amanhecer
Vem a claridade
Entenda que não se aprisiona o dia
E nem se prende a liberdade
Não se controla o vento
Nem se escraviza o pensamento
O que é calmaria
Se torna tempestade
Ninguém pode roubar seu sonho
Ou invadir a sua mente
Ou mudar a realidade
Ninguém pode ser seu dono
E confiscar as suas sementes
Ou mudar a sua vontade
E se o amor corre perigo
Porque não separou bem joio de trigo
Quem confundiu colher com arrebatar
Amor que é amor, só precisa amar
O amor que quer controlar
É uma faca de dois gumes
Não se pode aprisionar o ar
Nem represar o perfume
Senão o que é amor vai sufocar
E só vão restar os ciúmes...

Águas de Cheiro

Abro a minha mão,
Com o peito fechado,
E num movimento pensado,
Eu deixo a flor seguir a correnteza,
Lágrimas caudalosas de beleza,
Escorrem em redemoinhos,
Fecundando o seu caminho.
Não tenho nenhum queixume,
A flor desceu o rio,
Mas deixou o seu perfume,
Nunca foi minha esta flor,
E nunca foi meu o seu amor,
Mergulho a mão na água,
As mãos tremendo de frio,
Lavando as mágoas perfumadas,
Um gesto inútil e vazio,
Em sentir as mãos lavadas,
Como um Pilatos moderno,
Adivinhando o próximo Inverno,
Frio, neve e solidão,
Futuro nublado sem adivinhação,
Sorrio de mim, esfregando as mãos
E me aqueço, lembrando do começo,
Anunciando o fim,
E nem que descesse esse rio um jardim,
Um canteiro inteiro de flores novamente,
Mesmo que eu me curvasse,
E me ajoelhasse, de repente,
E que todas as flores eu carregasse,
Nada mais seria igual,
Pois agora tudo seria diferente,
Pois a minha flor especial,
Agora já desapareceu,

E em alguma outra margem,
Ao fim da sua viagem,
Uma outra mão já a colheu...

E Depois?

Os que creem na vida eterna,
Por favor apontem a lanterna,
E me mostrem o caminho,
Eu não quero é ficar sozinho,
Sem companheiros de estrada,
Eu quero ter namoradas,
Do outro lado da vida,
Quero viver em seguida,
Todos os amores que não sofri,
Numa vida sossegada
E eu só quero partir,
Se eu puder amar eternamente,
Espalhando amor em sementes,
Por toda a eternidade,
Vocês vão sentir saudades,
Se eu não enviar mais notícias,
Contando todas as delícias,
De poder ser imortal?
Nada mais natural,
Se eu tiver sorte,
Ver de camarote,
A luta do bem contra o mal,
Claro vou torcer pelo bem,
Nesse clássico do além,
Mesmo sempre sendo rebaixado,
Pelo time dos malvados,
O triunfo um dia vem,
Enfim vou andar nu no Paraíso,
Lembrando do seu sorriso,
Conhecer Adão e Eva,
Jogando no time reserva,
Pois já foram titulares,
Mas foram expulsos,

E cederam seus lugares,
Por seguirem seus impulsos
Receberam cartão vermelho
Só por se olharem no espelho
E ficarem frente a frente
Então vou expulsar a serpente
Vou falar com Criador
Ele vai me contar a verdade
Pois quem acredita que sabe
Na verdade é amador
Então quem sabe a gente agora,
Possa salvar a humanidade,
Pois sem pecado e sem maldade,
Talvez até fique sem graça,
Quem sabe me apresentem uma louraça,
Talvez uma morena andaluz,
Passeando pela praça,
Pois quando todo mundo morrer,
Quando isso acontecer,
O último que sair
Por favor apague a luz...

Fair Play

O prêmio de consolação,
Fica lá,
No mesmo lugar,
No alto, no cume,
Na arrumação,
Fica na última prateleira,
A última opção,
O embrulho de menor volume,
No fundo da geladeira,
O fim da munição,
Uma decisão passageira,
Que vai repercutir,
Em uma vida inteira,
O último da lista,
A escolha imprevista,
Armadilha da solidão,
A regra três,
Manifestação da razão,
Sublimação da escassez,
A proximidade do fim do mês,
Joga a bola na área
Uma jogada necessária
Na tentativa de um gol de mão,
Ah, O cansaço da prorrogação,
O medo do fim do mundo,
Satisfação de ser o segundo,
E não o primeiro,
A obsessão da felicidade,
Desistindo da metade,
Desdenhando o inteiro,
A vontade e o desespero,
Janela ou corredor?
Se vale tudo no amor,

É o que todo mundo diz,
Seja lá como for,
Se o importante é ser feliz...

La Lune

La Lune Aujourd'hui la lune sera à moi Cette nuit elle me dira Tout les choses Qui parlent les amoureux Et pour cause Elle dormira dans mon coeur Et dans mes yeux La lune sera clair À minuit La lune bleu Des aventureux Maintenant et depuis Les formes de la lune Changerons chaque semaine Comme une personne différent Elle sera lá dans le firmament Elle sera ici à la prochaine La lune brillera dans mon ciel Elle sera Pleine Comme la Seine Nouvelle comme Une jolie mademoiselle Croissant comme Une lumière fluorescent Et Mourante comme La petite mort des amants La lune toujours sera à moi Jusqu'à le fin des temps Ou peut-être Quand la nuit se finiras

Guardiã

Era uma pura alma
Cega, muda e surda
Tentavam lhe explicar com calma
Explicaram tanto
Mas ela não queria, não precisava de ajuda
Foi assim e pronto
Como ela não lia
Pois quem lia era pedante
Acreditava em tudo que lhe diziam
O que ela acreditava era muito mais importante
Pois sua verdade era a sua crença
E se discordavam, era radical e dura
Enunciava fria a sua sentença
E lá se ia toda sua doçura
Falava com cristalina propriedade
Daquilo que nunca havia vivido
Seja por ainda não ter nascido
Ou por não ter idade
Se mostrava muito segura
Pois lhe contaram, e assim havia acontecido
Deram-lhe livros, mas não leu
Perda de tempo
Afinal sabia tudo por seu próprio pensamento
Exatamente como a teia se teceu
Os maus eram os outros
Os bons foram poucos
E foram os seus
Suas preces eram prazerosos bordões
Repetidos e decorados
A sua, nua e crua,
A mais perfeita das religiões...

Nós Outros

Quando A gente não era coisa alguma, Você era qualquer uma, E eu era qualquer um, Somente éramos uma imagem comum, Um passando pelo outro, Para um encontro, Em qualquer ponto, Faltando tão pouco, A gente nem alma era, Era só corpo, De almas a espera, Suas lágrimas corriam, Mas não me molhavam, Nem as minhas lágrimas te comoviam, Meus beijos não lhe chamavam, E o seu corpo só me atrairia, Meus olhos poderiam até te procurar, Pelo simples e cínico desejar, Mas seus olhos nem me veriam, Por não sofrerem o meu olhar, Nada me dizia como foi seu dia, E como seria o depois, E o que aconteceria a nós dois, Nao lhe preocupava, Se eu não lhe sorria, E o que um indiferentemente ignorava, O outro distraidamente desconhecia, E assim era como o destino tramava, E assim era como a gente vivia, Planos secretos do que aconteceria, Que ninguém me avisou, Nem você, não sabia, E agora que o amor chegou, Juntou o que estava separado, Trouxe você e me apresentou, Prazer, quem é você? E você, quem você é? Um homem, uma mulher, Vidas que vão se conhecer, O tempo nos juntou, E agora tudo aquilo mudou, Quando você não está, Seja onde você for, Eu estou do seu lado, E quando estou afastado, Pra variar, Você está onde eu estou, E se isso não for amor, O que será?

Flecha

É só por ver
E a corda já fica tensa,
A flecha do que deseja,
E pensa,
Vai desistir de arremessar?
Mas basta que veja,
E levanta o arco novamente,
Mirando cuidadosamente,
Sem saber se realmente
Quer acertar.
A quem quer enganar?
Rapidamente passa o filme,
Será que amar é crime?
Com um dedo no gatilho,
Com dolo e culpa,
Como a se punir
Mente pra si,
Como se mente para um filho,
Já não tem desculpa,
Para quebrar o regime,
De evitar o bolo,
Seguir bancando um tolo,
Ignorando o brilho,
Da estrela brilhante,
Daquele sinal distante,
Do desconhecido que o atrai,
Se com medo ele vai,
É porque o perigo o chama,
Puxa, belisca, insiste,
Há sempre o risco desta cama,
Se acaso nela esse amor existe...

Exato

Tudo tem um tempo
Tudo tem um tempo
Um tempo para os dois
E se deixar pra depois
Lá se foi com o vento
Justo aquele momento
Em que dois seria um
Para que o good morning
Não se tornasse afternoon
E não haverá mais jeito algum
Para voltar ao que já foi
Tudo tem um tempo
Tudo tem um tempo
Um tempo bom e outro ruim
O tempo que eu estava desatento
E o que eu estava afim
Tempo de você cheia de medo
Depois você afim de mim
Tempo que achei que era de brinquedo
Quando era pra ir não fui
E quando não era pra vir eu vim
Talvez já fosse tarde ou ainda muito cedo
Talvez tivesse mesmo que ser assim
O destino é um doce segredo
Não sei de todos os planos
Só sei de acertos e enganos
Hoje quando eu olho para trás
Aquele tempo não está lá mais
Olhando para frente
Tudo já está tão diferente
O que passou, passou.
Agora já vem um novo amor
O futuro virou presente

O presente virou passado
Não é você do meu lado
Nem sou eu do lado seu
Como já era esperado
O tempo passa e corre
O destino nunca é programado
Quando um amor morre
Outro amor já nasceu...

O Degredo da Ciência

" As convicções são inimigas mais perigosas da verdade do que as mentiras" (Friedrich Nietzsche)

Com a passagem da pandemia receio que duas sérias sequelas deixem marcadas indefinidamente a humanidade: o cardápio por QR code, uma perversão sádica para um cliente míope que chega faminto e o esfacelamento e a desmoralização da ciência, desapropriada para fins particulares pela mídia, juízes e políticos em geral com a conivência de médicos e cientistas defendendo seus conflitos interesses econômicos e ou ideológicos. Tenho fé que o cardápio por QR code não dure, porém quanto a outra situação a coisa é muito mais séria, de modo que o conhecimento científico agora que os curiosos aprenderam o caminho, esse nunca será o mesmo. Mas o que é o conhecimento científico? Como se constrói a verdade científica?

Nesse momento para validar um conhecimento científico está na moda o instrumento (primeira premissa: na ciência nada é definitivo) nível de evidência até o surgimento de um instrumento melhor. O nível de evidência 1 A é o que é considerado o mais próximo da verdade científica atual, trocando em miúdos, após a análise minuciosa de trabalhos bem elaborados que utilizaram uma boa metodologia científica aquela informação pode ser utilizada com relativa segurança na investigação ou tratamento de determinado paciente. Ora, em primeiro lugar, para se alcançar esse nível de evidência torna-se necessário acumular conhecimentos e isto exige um número considerável de artigos que sejam bem feitos por pessoas não patrocinadas por instituições, com o mínimo interesse de ser a favor ou contra e por cientistas que possuam o mínimo viés possível, ou seja, pesquisadores não tendenciosos para este ou aquele lado, que não estejam torcendo por sua própria convicção. Nada é mais evidente do que a dificuldade para se encontrar a evidência cientifica. Após tudo isto, para atenuar todas essas variáveis, seria uma conduta cientifica ideal que esses trabalhos fossem repetidos com a mesma metodologia em centros diferentes de modo a confirmar ou negar os achados anteriores. Ou seja, em dois ou pouco mais de dois anos de pandemia tirar uma conclusão definitiva é uma temeridade, pior ainda quebrar paradigmas, verdades até então incontestáveis, que exigem um rigor muito maior na confirmação dos achados.

Ora, todo profissional de saúde é um pequeno cientista. Um precursor do conhecimento científico através de suas observações diárias. A hidroxicloroquina por exemplo, é um paradigma no que se refere a sua segurança. Quanto a sua eficácia contra o covid-19, não acredito e nem nunca tive certeza que ela pudesse ter algum impacto positivo no tratamento do vírus, porém vejam que eu uso as expressões acredito e não ter certeza, o que para a Ciência per si não significam absolutamente nada. Sendo paradigma na segurança por já ser utilizada em doses maiores que as utilizadas na pandemia, universalmente, inclusive nos locais mais paupérrimos do mundo há mais de 70 anos, ela consta inclusive na lista da OMS (Organização Mundial de Saúde) entre as cem medicações mais seguras no mundo. Por isso causa estranheza o porquê de uma medicação de efeito discutível contra o covid, quiçá ineficaz, ter sido objeto da publicação de um trabalho reconhecidamente fraudulento (gerou uma retratação e um pedido de desculpas oficial) tentando demonstrar não sua ineficácia, mas sua inédita toxicidade. Mais estranho e inexplicável ainda foi o ressentimento daqueles que compreensivamente não encontraram justificativas para utilizar a droga (ou mesmo por convicções políticas, não importa) contra os que utilizaram seja por desespero, ou melhor, por esperança. Porque se não sabem, não é tarefa do médico espalhar pânico ou terror, sinistralidade, a tarefa do médico é tratar para curar, e quando isso não for possível, dar conforto ou mesmo esperança, desde que não venda caro uma esperança inútil ou duvidosa. Foi extremamente deplorável durante a pandemia encontrar médicos publicando obituário

diário numa rotina macabra, outros dissertando sobre efeitos colaterais incomuns da droga que na verdade as possui como toda droga de uso clinico seguro. Muitas pessoas continuam mantendo argumentos inflexivelmente surdos e inexplicavelmente exaltados (o que traduz falta de argumentos), confundindo tendenciosidades políticas com retalhos oportunos de ciência, querendo fazer sua vontade prevalecer e não digo nem que sejam convicções porque para se estar convicto de alguma coisa é necessário se basear em informações categóricas e elas simplesmente ainda não existem. Algumas chegam até absurdamente querer convencer (ou se convencer) que foram pressionadas a usar a droga sem citar nenhum fato que justificasse essa ideia, mesmo porque o Governo Federal não emitiu nenhuma proibição ou obrigação durante a pandemia ao contrário dos governos municipais e estaduais que abusaram da tirania e violência prendendo cidadãos inocentes e soltando criminosos perigosos.

Paradoxalmente a lógica da conveniência mudou no caso das vacinas. A ideia obtusa que o não vacinado representa perigo para o vacinado vingou no mesmo terreno onde a desconfiança da hidroxicloroquina se desenvolveu. A lógica do excesso se transformou na dialética da falta. Por essa mesma lógica todas as pessoas sem exceção deveriam ser vacinadas para influenza, varicela, meningites em geral já que ser vacinado não garante a imunidade se o vizinho não se vacinar ou não responder aos apelos da mídia de se submeter a outras incontáveis e infinitas doses elevando consideravelmente o valor das ações na bolsa de valores dos laboratórios fabricantes de vacina, ganho das comissões e propinas dos políticos e mais grave, paralelamente a probabilidade de efeitos colaterais. Por acaso todos são obrigado a se vacinar contra tudo? Na verdade, ninguém, nem mesmo a ciência, possui alguma certeza sobre o efeito das vacinas em plena pandemia já que isto é um fato inédito na humanidade, o desenvolvimento de uma vacina contra um vírus no auge de uma epidemia. A Ciência neste momento está aprendendo. De modo que mais uma vez a combinação do desespero e da esperança encaminhou nossas almas e corpos para se tornarem cobaias humanas. Isso se justificava no pico da pandemia, do salve-se quem puder, onde o benefício parecia ser infinitamente maior que o risco dos efeitos colaterais de uma vacina ainda pouco testada, mas agora o fiel da balança risco versus benefício se inverteu diante do esvaziamento dos hospitais e redução de casos de covid, principalmente de casos fatais. Aumentando o número de doses de um fármaco ainda pouco estudado (dois anos não significa absolutamente nada na ciência) numa população submetida a um risco menor e menos grave de infecção a tendência penderá forçosamente para maior risco dos efeitos colaterais sobre o risco de contrair ou morrer de covid. Ainda mais, o conceito de que a vacina poderia ter reduzido o número de mortes é mais lógico do que o de ter encurtado o tempo de pandemia, que é muito tentador porém impossível de ser considerada verdadeiro, porque o tempo de pandemia foi extremamente semelhante ao tempo das pandemias historicamente conhecidas. Através da história da humanidade todas as pandemias cessaram abruptamente seja pelo microrganismo responsável perder a sua virulência através das suas mutações que costumam ser menos mortais seja pelo esgotamento dos hospedeiros imunizados naturalmente (viés de sobrevivência: todos que eram suscetíveis a morrer pelo vírus morreram). Abra-se um parêntesis para o termo mutação que é utilizado pela mídia de forma aterrorizadora, quando na verdade é só um mecanismo de adaptação dos seres vivos durante a evolução natural. Se considerarmos que o ser humano é o resultado de inúmeras mutações desde o primeiro antropoide, considerando o que os seus descendentes estão fazendo com o planeta, a pandemia tem demonstrado que o uso depreciativo da palavra mutação está sendo bem aplicado.

Fico admirado com as certezas incontestáveis que muitos demonstram sobre a pandemia como se fosse uma competição esportiva entre rivais, quando o tempo ainda não foi suficiente para que qualquer verdade fosse estabelecida. A única forma de encontrar as respostas significativas (para quem realmente quer encontra-las) é deixando que as dúvidas persistam e se multipliquem para que gerem hipóteses e que através do empirismo e da curiosidade gerem investigações com o mínimo de tendenciosidade (o viés), o que só será possível se as instituições sobreviverem à

pandemia se mantendo livres de propósitos tirânicos alheios a liberdade de expressão e pensamento.

Quanto ao nível de evidencia, nunca foi nem será uma verdade absoluta. Enquanto esse instrumento cientifico depender de tantas variáveis (a maioria delas incontroláveis), de tantos outros instrumentos entre os quais a título de exemplo emblemático, a razão de chances (odds ratio), uma medida intuitivamente cientifica do acaso (isso mesmo da sorte e do azar), o nível de evidencia nunca será um instrumento definitivo porque que fique claro, o conhecimento cientifico é cumulativo e por isso transitório. Provavelmente somente as futuras gerações saberão a verdade sobre a pandemia e se no futuro a sociedade ainda for livre ou num cenário mais pessimista, voltar a ser livre, porque ninguém poderá comprar ou controlar as informações por tempo ilimitado, na improvável possibilidade de que a hidroxicloroquina pudesse ter reduzido a mortalidade (já que as outras probabilidades seriam ter se mantido igual ou não aumentado) como é que a posteridade nos julgará pelas nossas paixões?

Pesadelo

Existe nos meus sonhos
E tenho certeza que sou eu
Uma noite muito escura
E estranha
Onde a visão é turva
Tamanha a cegueira do denso breu
Vejo espectros sem faces
A fuga o tempo todo
De tantas coisas absurdas
Como se fugir não adiantasse
E não se consegue chegar
A lugar algum
Sente se o peso e a pressão
Por todo o corpo
O desespero do coração
Sentindo se vivo
Como se estivesse morto
E só se olha e não se vê
E só se ouve e não se fala
E a alma o tempo todo corre
Mas não se morre
Mas desperta-se
Com o nítido medo de viver

Sobre o Amor

Eu não lembro mais o que vem depois
Engana-se quem acha que o mais difícil é o primeiro passo
Sendo impulsivo e irracional basta um átimo de coragem
Impensada e irresponsável e pronto
O caudaloso rio da paixão deságua aliviado
Em se desfazer do peso do que está represado
No plácido e imenso mar oceano do futuro incerto
Onde todos os próximos passos, inseguros e preguiçosos
São opressivos e assustadores
A ideia que se transformou em gesto
O gesto que se materializou em palavras
As palavras que se converteram em toque
E já estamos na superfície calma e atraente
Desse mar transparente que logo abaixo oculta
Correntezas perigosas e traiçoeiras
Cedo se percebe que aquela expedição divertida
Como fora concebida no nascedouro
Com festivo retorno
Torna-se tensa e arriscada
Pelo mar que lhe submerge e lhe sufoca
Arrasta-o para profundeza
Não o mata, pelo contrário, pior
Torna-se seu elemento, necessário e imprescindível
Habitante e prisioneiro da sua submersão
Nunca mais voltará para o porto...

Leitura

Não há vestígios
Fragmentos
Ou uma fração qualquer
Uma previsão do tempo dessa mulher
Que traga brisa ou calmaria
É tempestade que não avisa
Em furor e intensidade
Nem meia noite
Nem meio dia
Confronto e antagonismo
Uma novidade
Ambíguo catecismo
Do vício e da santidade
E quanto mais fere
Mas ela dá prazer
Em sismos e cataclismos
De milhões de ampéres
Flertando com o abismo
Não há leitura que espere
Pois quanto mais se desconhece
A curiosidade cresce
E muito mais
Se tem pra ler...

Sépia

Com sépia naquele olhar
Uma luz veio clarear
Uma imperfeita sintonia
Foi o parto do anacrônico
Não foi mais trágico
Porque foi cômico
A sensação do desdém
Como se não visse ninguém
Um sorriso espontâneo
Olhar para cima
Ah, a alma é feminina...
Nem foi percebido por alguém
Um flash, um *insite* instantâneo
Abrindo a porta da prisão
Fazendo mal, trazendo o bem
Tirando o peso do coração
Soltando as cordas do refém
De súbito veio a história inteira
Versos, poemas e personagens
A tela borrou todas as imagens
Tudo foi só uma brincadeira
A constatação de que se o amor havia
Era natural haver a assimetria
Mas o ser deixou de ser
A criatura sentiu e se transformou
Se desligando do criador
O espelho começou a derreter
E toda a maquiagem lhe borrou
E mesmo que não fosse acontecer
O dissabor não é bom ator
Um novo sentimento floresceu
O que era vivo já viveu
E se alguma coisa não morreu

O que sobreviveu não foi amor...

Abismo

Tenho medo, muito medo
De viver sozinho no meio de tanta gente
Medo que você não venha
De viver no degredo
De não lembrar da senha de abrir sua alma
Medo que você não tente
Medo que você desista
E me deixe só e que eu perca a calma
Medo que eu não resista sua hibernação
Medo que sua paixão só tenha sido um encanto
Algo tão passageiro e que o tempo esfrie o ano inteiro
Que você não me queira tanto como eu te quero
Medo que o teu medo se torne desencanto
Que seu veredito seja severo
Medo tanto medo
Que não enxergo meu futuro
Medo que me deixa cego
E me deixa mudo medo do escuro,
Medo de tudo
Tenho medo de dormir, medo de acordar
E descobrir que você já não está lá
Tampouco aqui e em nenhum lugar
Medo que minha poesia não mais te surpreenda
Que você não me entenda
Medo de arrastar correntes na eternidade
Medo de sentir saudades
Medo do fogo eterno
Medo do inferno de viver sem ti
Medo do Paraiso, medo que o teu sorriso
Não vai mais sorrir
Medo que nosso começo tão bonito em cada momento
Tão divino e divertido
Com o tempo seja esquecido

Levado pelo vento...

Nós

Então a agonia
A sensação de um peito vazio
Mas o coração quer explodir
Quando bate noite e dia
A cabeça pensa horas a fio
É uma armadilha
Está só em uma ilha vazia
Não tem como fugir
Não tem como ir adiante
Nem voltar para o que já foi antes
O alinhamento dos astros
Olhos que começaram
Com o brilho de um eclipse
Mágicos amores sem lastro
Agora o desejo e o medo do apocalipse
Querer estar e não estar
Sair desse quarto sem portas
Nenhuma idéia lhe conforta
A não ser a idéia que vai passar
E quem pode viver sem esse toque?
Beijos e mãos arrepios e choques
O amor que reclama a posse
Tudo sangra sem solução
Prevalece a mente e a razão
Mas tudo que é corpo se retorce
A decisão já está tomada
Entre o inferno e o paraíso
Tudo é a mesma coisa misturada
Sua lágrima e seu sorriso
E mais nada..

Risco

Exceto o amor
São suas regras de sobrevivência
Escolhas e conveniências
Basta uma cicatriz
Risco que não foi de giz
Indolor
E assim flutua
Toda nua
Por onde não tem laço
Foge do abraço
Cobrindo sua nudez
Se despe
Mais uma vez
Só para ser admirada
Nunca viu nada tão belo assim
Olhe, olhe
Olhe para desejar
Olhe pra mim
Olhe pra você
Olhe o que vai ganhar
Olhe o que vai perder...

Colisão

Aconteceu tão rapidamente que ninguém viu,
Como um raio, um clarão,
Uma luz súbita, uma colisão,
Uma timidez servil, uma revelação atraente,
Aquele bicho dentro da gente,
Um sobressalto no coração,
Uma arritmia, seria? Uma palpitação
Uma extra-sístole diferente,
Quem poderia ver ao encontrar você,
Estrelas em pleno dia
E nada mais seria igual,
Nada mais era o que era,
Tudo se tornou angelical,
Aquilo que sempre esteve a espera,
Chegou subitamente,
O bem e o mal deixando o Outono
Com jeito de Primavera,
Sobrenatural
Um chamado da natureza,
Aquela beleza com certeza deve ter uma razão,
Quem dera, quem dera...

Invento

Assim que acaba
Recomeça
O sabor da insatisfação
Esfria o ardor
Tem pressa
Os humores se aquecem
Se revolvem, se agitam
A vasilha ferve
Imperfeito
Depois de feito
Não importa o que digam
Encobre-se a tela
Rasga-se o papel
O cinzel põe-se a destruir
Fecha-se a janela
E volta a se descobrir
De volta ao começo
É preciso filtrar
Separar a tentação da sensação
A verdade da vontade
O suor do perfume
Tudo tem um preço
Feito isso
Pintam-se as palavras
Dá-se cor, ritmo e movimento
Sopros da criação
Dizer o mesmo
De uma outra forma
Ser original é a norma
Não ser banal com o coração
Não lançar palavras ao vento
Não ser igual
Enfeitar o pensamento...

Crepúsculo

Ainda não é tão tarde assim
Mas já sente que a vida vai lhe deixando em gotas
A cada sono e despertar difíceis e vagarosos
Cada minuto em que se dá pressa mais lhe aproxima do fim
Á visão próxima da muralha
Porém por impaciência ou curiosidade
Não lhe veste a convicção que de fato irá acontecer
Mas não com ele
A transitoriedade, a ideia de destino que lhe era vago e alheio na infância
Por prodigalidade de vida e de tempo
Era um desperdício feliz
Mas agora não,
Mais e mais o pensamento do limite e do absurdo
Tornaram-se visitantes regulares
Indesejáveis mas irreprimíveis
Esquece e lembra
Lembra e tenta esquecer com um meneio
Negaceio conveniente
Não acredita que tudo lido e vivido
Em breve não serão nada
Talvez o escrito, registro da sua passagem
Tudo um bafejo de lembrança que breve irá se evaporar
Uma névoa efêmera
Para onde se derrama esse caldo de vida?
Para onde escorre tudo que foi experimentado
Sentido e observado
Tudo que nos traz essa certeza férrea
Eu vivi?
É cedo, mas a noite já vem
Calma ainda não
Espera, foi tudo muito rápido
Ainda que fosse imortal
Quero ficar mais um pouco...

Chá das 5

É falsa
A sua pele verdadeira
Descama camada após camada
Falsificada uma vida inteira
Camadas de seda suaves e aprazíveis
Interessadas, desinteressantes e interesseiras
Sutilezas combustíveis
Ao chá das cinco reúne convidadas
Serve chávenas de peçonha como se fosse mel
E sonha entrar no céu
Não tem vergonha
Bebam, bebam o chá
Sutil anfitriã ensolarada
Mas uma vez contrariada, chove aborrecida
Chora como se fosse descoberta
Molha-se para sentir frio, humilhada
Para que a vejam sofrida e molhada
Sutileza esperta
Isola a convidada em lágrimas
Em uma ilha
Suas comadres a cercam solidárias
Satisfeita com a execução sumária
Entrega o resto à matilha...

Adeus Pasárgada

Foi embora de Pasárgada
Súdito tolerante
Cansou de ser amigo do Rei
De sua régia vontade e de suas idiossincrasias
Planejando ser fora da lei
E importante
Foi em busca de um espelho mais generoso
Onde pudesse se ver como ele lhe via
E como queria ser visto
Novo e maior
E o espelho lhe convencia
Envernizou a alma
Comprou roupa nova
Botou gravatas de seda reluzentes
Armadura impecável donde não se visse ranhura
E ninguém visse cicatriz
Se viu, para tirar a prova
Mudou a assinatura
Abriu o caderno e rasgou o que tinha escrito
Era outro, mas esquisito
Mas quem sabe assim fosse feliz
E mais bonito...

Dèjà vu

Contorna o déjà vu
Em tormentosos embates
Desde o primeiro homem tudo já foi escrito
Desde o primeiro sonho de um Neanderthal
É preciso seguir e ir mais além
Encontrar palavras comuns
Para sensações comuns e iguais
Convergindo nas descobertas
Já não há mais esperança da colheita
Semeia, semeia, semeia sempre
Espera deixar frondosas sombras
E o sabor adocicado dos frutos
Os versos permanecerão pelos campos insepultos
Espalhados pela terra
Bons soldados e maus soldados
Misturados e irmanados no esquecimento
Carcaças de soldados desconhecidos
Um ou outro será lembrado
Um ou outro será lido
Rasas covas entre mausoléus bem enfeitados
O joio misturado com o trigo...

Vigília

Ele sempre volta,
Por isso ela deixa sempre aberta,
Aquela porta,
Nunca duvidou desta certeza,
Esteve sempre certa,
Que deixando a luz acesa,
Ele sempre vai voltar,
Porque ele não consegue respirar,
Longe da sua atmosfera,
Por isso que ela nem espera,
Vai dormir muito leve,
Com a alma à vontade,
Ela sabe, ele vai voltar,
Logo e muito breve,
Mais cedo ou mais tarde,
Ela vai fingir indiferença,
Que nem notou sua presença,
Ou sua ausência,
Mais ainda,
Para que passar recibo,
Para que lhe dar boas vindas,
Para que dizer que se importa,
Se ele vai entrar sempre,
Por aquela porta,
Volta, fingindo fazer tricô,
Á noite vai fazer amor,
Ele vai se entregar novamente,
Como um garoto traquina,
Como um menino levado,
E se esta é a sua sina,
A porta já fechou,
Ele vem deitar do seu lado,
Meio inocente, meio culpado,

Que bom, ele já chegou!

Breve

Aplausos
São pássaros nervosos
Que voam por coisa nenhuma
E de repente se quedam desinteressados
E silenciosos
Porque não há noite estrelada
Que não se torne cotidiana
Tão mais comum uma estrela
Tanto mais próxima
E acostumada
Tão mais distante
E mais desejada
Ah! Essa certeza humana
Porque toda surpresa
Um dia entedia
O desejo de desejos
Porque não há Paraiso completo
A quem não falte uma maçã
Vendo a serpente como uma amiga
Uma saída, um amanhã
Vivendo de festejo em festejo
Almas kareninas
Entre o brilho e o breu
Uma história antiga
Uma vida dividida
Entre o eu e o eu...

Encontro

Porque não existe
Um pensamento original sequer
Uma vez escritos
Como aves de arribação
Eles se lançam no ar
E se espalham pelo mundo
Dispersos pelo universo
Casualmente pela arte
Eles se encontram e se reconhecem
Aqui e ali
Em determinados momentos propícios
Da alma e do coração
E se confraternizam repercutindo
Num Ahh silencioso
De descoberta ou de identidade
Alguns nem sabem
Para os que passam batidos
Sem se aperceber
Até o dia do encontro
Será muito triste passar pela vida
Sem a constatação
Da igualdade pela diferença
Em se deixar sentir...

Sal da Terra

O mundo não se molda
A vontade do escultor
Não basta esculpir palavras
Belas, singelas, cores pastéis
Rosas vermelhas
Telas, molduras, pincéis
Se lhe falta a centelha
Para querer falar de amor
Imóvel e frio
Esfriou o calor
Embalou a naturalidade
Pacificado pela exaustão
De se aventurar por tortuosos labirintos
Para chegar sempre ao mesmo mar
Náufrago de alma curtida
Com o gosto salgado
Das lágrimas das marés
As ondas trazem a saudades
Salgam as feridas
Lavam os pés

Baú

Guarda
Seu passado num baú
Diz que não sabe
A chave não abre
O seu norte aponta
Para o Sul
Veste roupas novas
Esconde as antigas
São provas
Usadas, manchadas
Para não serem mais vestidas
Esquecidas
Vida que foi tabu
Ao ser perguntada
Anda com pressa
Troca o passo
Muda o caminho
Com medo de ser condenada
Foge para floresta
E se protege nos seus espinhos
Nas sombras de seu silêncio
Tudo normal, nada sério
Deixa no ar suspenso
O que é intenso
Dorme com o seu mistério...

Selva

O paraíso dói
Por isso o homem destrói
Mas o verde é sedutor
Na candura da inocência do ator
De crédulos de causas obvias
Sonoramente agradáveis
Do interesse de ser bom
E ser visto como
Nos letreiros de neon
Eles querem parecer tão originais
Mas são tão repetitivos e monótonos
Em expressões replicadas de autossatisfação
Abstratos pela intenção à distância
Sempre secos de suor
Esquecem que não são mais crianças
Não se lembram de que são homens
E dos outros iguais
E do que há de pior
Somos o rei dos animais
Onde existem homens
Essa variável incontrolável
De instinto com nomes
E de ser mais

Silencioso

Há em você
Uma inocência que me comove
A minha prova dos nove da quintessência
Um doce e leve afago
Os poemas imperfeitos que eu escrevo
E que depois apago
Insatisfeito, busco uma palavra inexistente
Um verso nunca escrito
Uma alma transparente
Um silêncio nunca dito
Pois não há grito que se ouça
Aos ouvidos dessa moça
Que não me vê, quando lhe vejo
A materialização do meu desejo
Amor que não ousa ser descrito
Amor tão bonito que cria tanta coisa
E que é todo o amor
Que eu necessito...

Reverso

Tinha saudades do que já foi
Do que era exatamente justo naquele momento
Passado eternamente presente quando ele acreditava
A lembrança da voz terna do cuidado
O encantamento exalava
Eternizando o tempo
As confidências repletas de pecados
De tudo que parecia comum
Tudo dizia, venha comigo
E ele ouvia
Agora pensa, eu nada digo
Imóvel, ouve o som metálico da chuva
De encontro a sua pele impermeável
Não queria ser assim
De novo o chamado
Mas é uma voz tão distante
Um mar sem agitação
O alto falante anunciando a partida
De mais um trem na estação...

Raio de Sol

Ela entrou
Com tudo paralisado ao redor
Era estrela
Estava Sol
Como se um diretor invisível
Tivesse criado um mundo
Se isso fosse possível
Para ela só
Caminhou impassível
Ignorando o ambiente
Leve e determinada
Pairando suavemente
Gravidade nenhuma
Flutuando plena
Como pluma, como pena
Em meio a uma imaginária bruma
Roubando a cena
Mais bela que o luar
Mais toda que o lugar
A beleza que encanta
Sedução que envenena
Um coração que quis chorar
Ferido por aquele olhar
Frêmitos em gotas
A sensação mais louca
Um sonho em movimento
Lentificando os batimentos
Soluçando por dentro
Olhares elementais
Tudo parado no tempo
Ébrio de seu aroma
Toda a razão em coma
Linda, linda, demais

Tudo em mim paralisado
Bobo e apaixonado
Tudo agitado, e em paz
A coisa mais bonita que já vi
E talvez não veja nunca mais
Então meu corpo todo
Agora ironicamente ri
Pranteando o beijo que não sofri
Ah, os amores desiguais!

Abstrato

Longe,
Se sente mais,
É isso que a distância faz,
Aos amores sem esperança,
Lembra quando tentamos esquecer,
Aumenta o que deveria reduzir,
Faz-se sentir mais e mais,
Sonhar, acordar e dormir,
Deixando para amanhã acontecer,
Aumenta a sensibilidade,
Será que é o que chamam "saudade"
E quem consegue esconder,
Mas quem poderia ter adivinhado
E do que disso seria criado
Parece que não está aqui,
E que aqui ela vai aparecer,
Ah se alguém soubesse que seria assim,
Já no começo escreveria fim
Mas não teria poema algum para escrever...

Sétimo dia

No princípio havia o verbo
Pelo verbo
E também pelo adjetivo
As vezes exagerado e sem motivo
E fez muito mais
E fez o dia, e fez a noite
E fez o céu, e fez o mar
E fez os peixes, e todos os animais
E toda ideia nascia
Como uma chuva de açoite
Quase sem respirar
Então fez o homem e a mulher
E com eles fez o pensamento
E com o pensamento o sonho
E com o sonho o sentimento
Tudo que para criar a alma requer
Entre uma e outra aridez
Em si e para si
Um verde do que vivi brotava
O que sentia e o que sonhava
Uma cor na sua palidez...

Vão

Tudo que seus olhos fundos queriam falar
Eu poderia ouvir amanhã
Amanhã ele estaria ali e seria o mesmo
Por isso não ouvi o que ele não disse
Porque eu achava que poderia adiar o tempo
E ser filho eternamente
Se eu não o ouvisse
Tudo seria para sempre
E quando eu senti já era tarde
O que no início me parecera uma ideia natural
Da efemeridade
Agora era um vazio irreal
Chorei um arrependimento sem sentido
Ele poderia ter ouvido
Poderia ter até falado
Mas ficou calado
O momento foi perdido
O que ele foi, agora sou
A sua parte ele me deu
A minha outra parte
Ele levou...

Superstição

Há muito
Deixei de acreditar em mágicas
Em noites de lua cheia
Em bruxas, fadas, sereias,
Ah, era sempre o mesmo truque
Do não tenho nada em minha mão
Olhe o que vai aparecer
Preste muita atenção
Expectativa e pronto
A mão aparecia vazia
Eu levantava procurando meio tonto
Onde está a magia
Por que não volta amanhã
Quem sabe tenha sorte outro dia
Durante a noite, em plena madrugada
Minha bruxa guardiã
Desperta confessando ser fada
Fada madrinha, uma hora dessas acordada
Transformando o conto
Fazendo adivinhas e derramando encanto
A bruxa quer morder a maçã
Branca de Neve é a malvada
E Wendy é quem vem acordar Peter Pan...

Fama

E quem merecerá o nome
Se tantos se chamam assim
Um eu sou e basta
Vaidade sem pejo
Espelho generoso e benfazejo
Todos da mesma casta
Encobertos pela nevoa da frivolidade
Das obviedades e dos lugares comuns
Trafegam misturados como silhuetas indistinguíveis
Rostos ocultos iguais sendo imperceptíveis
Propositadamente pois é melhor assim
Protegidos pela celebridade kitsch
Enfim são imortais
E quem dirá que não
E quem dirá que sim
O tempo é de fartura e fama
Do que é prosaico
O mosaico de uma parte
Que deitou na cama
Se denominando arte...

Absurdo

Mudam os atores
Repetem-se os papéis
Vão-se os dedos
Ficam os medos e os anéis
Camada após camada
Uma camada sobre a outra
Pensa ser a última
Até a próxima lhe sobrepor
Esquecida e substituída
Pela posterior
Os guardas controlam a fila
Que segue tranquila e obediente
Eternamente
Até que os guardas tenham sua vez
Caminhando indiferentes
Para o destino da estupidez
Carrascos executam suas vítimas
De forma legitima
Até que sejam as próprias vítimas
De seus algozes
Os mesmos gritos, os mesmos ritos
Agora calam suas vozes
É da gravidade a lei
Que o velho já fora novidade
Caindo súditos tão súbitos quanto o rei
Á terra os corpos coveiros diligentes
Até também estarem mortos
Ah, bem
Esse constrangido prazer passageiro
O eu amanhã serei você
Os últimos um dia serão os primeiros
A todo dia chega uma noite
A toda noite um amanhecer

A vida pode fazer prisioneiros
Mas não deixará sobreviventes...

A Carta

Traiçoeiros vidros verdes
Vede, sede noviço, viço
Arte e manha
Claros castanhos
Claros cabelos
Tudo muito claro
Num sorriso laço, lasso
Ô Glória!
Ponha tudo num papel e dobre
Sem deixar que nada sobre
De noite escreve melhor
De manhã é o sol, eu só
Tudo esfria e se dissolve
Segredo e medo, é cedo?
Sê-lo tímido, selo intimo
Quão barato custa um segredo
Secreto não será mais amanhã
Um sim ou não
São só medos diferentes
Um não uma decepção
Um sim um acidente
É moço e idade
Ah, tempo tempestade
Ar vento! Ah mar!

Recato

Perto
Não é certo
O que não fraqueja
Não beija
Certamente
Se decerto
Certa não seja
Fosse como fosse
Bafeja seu hálito doce
Tão doce como ainda
Não sei o doce
Que brota linda
Do seu seio
Seja como
Ou como seja sua vontade
E o meio
Vontade a minha
Caminha covarde
Com receio

Gala

Alguns amores exigem cuidados
Outros não
Há que se vestir para ocasião
Segunda a etiqueta dos encontros
Ler o convite soletrado
Para que possa entrar no salão
Favor vestir traje de gala
Vai esperar sentado na sala
Enquanto chegam outros convidados
Veja, aquele entrou de bermuda
Em mangas de camisa
Ah! Mas ele não precisa
Só os amores são obrigados
A aparatos e enfeites
Mas sem ter direito a deleites
Melhor ficar conformado
O amor impõe exigências
Para manter as aparências
É bom que se conforme
E aceite...

Ser

Pra que Mais um entre tantos infinito Vida hábito entre vícios Ungido pelo dever Aqui e ali extraindo um prazer Ulisses que somos Até o domo Odisseia para o nada Lembranças dissipadas Brumas, névoas, penumbra Sonhando nuvens ovelhadas Memórias, vultos, espectros Imagens que não se firmam Pra que Quem vai lembrar Como um suspiro o doce sabor Se dissolve rápido demais Substituído pelo insosso cotidiano O vento murmura Mais, um pouco mais Um passo adiante Eremita itinerante Pra que E nem adianta perguntar...

Já

Não sei se eu sonho
Ou se ocasionalmente subitamente
Vem à tona
Mas já?
Não era para ter sido
Tão rápido assim
Tudo estava previsto
Quando eu pensava no amanhã
Nos sonhos em preto e branco
Eu me imaginava moço
Ainda quando os outonos
Encolhessem as primaveras
Mas isso era ontem
E hoje já está terminando
E agora o que ainda se pode esperar?
Um dia depois de outra noite
O hábito de acordar
Sigo, porque sim
E não tenho explicação...

Roteiro

Sem o agridoce sabor da culpa
A passageira lágrima do arrependimento
Sem a tensão do pecado
Que se agasalha em sofismas de absolvição
A aparente alma dividida se desvanece
À primeira brisa da malicia
Que mal há? Que bem faz?
Que delicia?
Qual compensação se oferece?
Sem o enredo de uma novela
A bela paisagem é só um afago
Uma tempestade que se torna vento
Um mar agitado que se torna lago
A imaginação é uma sevícia
Sem uma história contada
E outra criada
A intensidade é uma carícia
É uma fervura em fogo lento...

A Queda

Guru aborrecido
Entre o simples e o simplório
Há o sabor amargo do que rumina
Amargor indigesto
A frente do auditório
Apesar do gosto gosta
Gosto de ruína
O que não gosta é do rosto
Por isso mastiga, mastiga
E cospe
Por repelir o outro
Que é quem seria senão
Ah não de si
Porque não cresce
Por se ver maior
Então o melhor é destruir
E só, manis demolidas
E o que constrói
Sua alma ressentida
Exige ter ruínas ao redor...

No dia seguinte

Há felicidades que passam
Felicidades que chegam
Em causalidades de planos bem sucedidos
Em acasos bem recebidos
Entremeados por extensos períodos
Sem felicidade
Períodos que o tempo consome
No azafama do cotidiano do não viver
Cada ato é inacabado
Cada passo insuficiente
Muito que nunca basta
Apetite que nos arrasta
Tolo orgulho de pedras
Que pretendem ser conscientes
A felicidade é uma insatisfação
Pouco exigente

Tempos Modernos

Quem venera ídolos caídos
Precisa rastejar
Para lhes prestar homenagens
São casos perdidos
Em meio ao saque dos hunos
É indiferente,
Pensar é inoportuno
Nem liga para a pilhagem
Mesmo vendo tudo destruído
Se comporta como um bom aluno
Tiros para alto
Parvo olhar para o céu sem vida
Ri sem sobressalto
As estrelas jazem caídas
Reverencia o maestro
Então pensa,
Se penso não existo
Aplaude os sinistros
Apontando para os corpos
Foram eles, foram os destros
Os culpados são os mortos

Ad Verso

Se eu crio
Não desejo a segunda pessoa para ninguém
Vestido de fraque e cartola
Arranhando a superfície
Não vendo além da minha própria imagem
No espelho da água
Mágoa seria se eu não caísse
Quebro o espelho, mergulho
Revolto as águas
Vejo o que tem no fundo
Não faço arte para seu agrado
No presépio, sou a ovelha afrodescendente
E não a cabeça da vaca do lado
Sou reto como a curva
Sonho para me me apartar do rebanho
Nado na água turva
Eu sou uma ovelha diferente
Júpiter, Terra, Lua
Vênus e Marte
Sou tanta gente
Sou tantas partes
Mas sempre na primeira pessoa nua
Eu nado contra a corrente
E se faço arte
Não é para licença sua
Se eu faço arte
É somente para desagradar-te...

Estranho mundo novo

"Penso que não cegamos, penso que estamos cegos, cegos que veem, cego que vendo, não veem." (José Saramago)

Cegos saramagos
Mentes polianas
Alheios a repetição da história
Vagos alunos sem memória
Cantam, dançam borboletas
Enquanto penhoram suas asas
A abstrações obsoletas
A renascidos torquemadas

Sobre a cidade adormecida
Gradativamente a noite e a neblina
Deitam uma cortina pesada
Sufocando, amordaçando
Controlando entradas e saídas
De multidões alienadas

Suavemente
Acorrentando-os um a um
A raridade da cidadania ofendida
Agora é uma coisa comum
Saqueadores recompensam
Abastados saltimbancos saltitantes
Para que ajudem a apagar as luzes
E entretenham o povo
Assustados avestruzes
Submissos escravos ignorantes

É um estranho mundo novo
Pelo não ou pelo sim
Eu acuso

Novas bruxas de Salem serão queimadas
Dreyfus será condenado enfim
A liberdade lhes será tomada
E assim
Todo o direito será intruso

Marveja

Por entre espinhos
De mandacarus e juazeiros
Ali debaixo do umbuzeiro
Entre bilros e rendas
Foi ali que surgiu a lenda
Da caboclinha esperançosa
Bonitinha e caprichosa
Cheirosa
Se enfeitando como prenda.

Esperando silenciosa
E por toda a vida
Esperou debaixo do pé de flor
Com uma paciência avexada
Em uma quimera distraída
Que surgisse na encruzilhada
Um amor, um grande amor
Surgindo naquela terra maltratada
Desfolhando margaridas

Com o olhar miúdo e apertado
Um buscar longo
Inalcançado
Vasculhando a paisagem
Ouvia histórias e contos de forasteiros
E suas viagens
Desejava tanto e tanto
Ali sentada
Agoniada por visagens
De um amor verdadeiro
Que não havia homem solteiro
Viajante ou vaqueiro
Que não soubesse da sua lenda

Ou visitasse sua tenda.

E toda vez que o mandacaru butava flor
E a chuva chegava
Vinha a esperança da floração do seu amor
Sonhando que ele chegasse
De noite, como uma chuva de açoite
Ou aparição de um beija-flor.

Tantas secas sucedidas
Estiagens prolongadas
E nada mudando em sua vida
Até que naquela manhã inesperada
Um vaqueiro numa montaria vistosa
Chapéu de coro, perneira e gibão
Apeou, e se achegou
Puxando prosa.

Ela, um baticum no coração
Tímida com a súbita aparição
Vermelha viva como uma rosa
De forma carinhosa estendeu a sua mão
E debaixo daquela árvore frondosa
Se abriu a flor do sertão...

Luto

Lembranças vêm
Em sucessão
Como ondas no mar
Batidas de meu coração
Lembranças que não quero lembrar
Insetos que batem no vidro
Eu luto
Porque luto
Pensamentos repetidos
Mais lembranças vêm
Marés de lagrimas sucessivas
Vagas de lembranças vivas
Que o viço dos olhos
Contém
Esquece e lembra de si
Breve distração
Mas o que não está mais aqui
Traz consigo
Lágrimas de aluvião

Teorema

Penso, penso
Ser franco
Tudo me parece banal
E eu escrevo e reescrevo
Leva tanto tempo
Para buscar o original
Ainda assim parece exagerado
Mas está assim
Além da consciência
Há uma sólida parede
O fim do infinito
Um símbolo inventado
Uma equação sem solução
Uma ilusão inalcançável
Não há nada mais exagerado do que isso

Semi Àrido

Assim
Escolhi o deserto
Sem esperar miragens de novidades
No deserto ouço o silêncio
Ouço a mim mesmo o tempo todo
Sinto o mormaço da calmaria
O exaustivo cotidiano constante
Eu que fora romântico um dia
Como um estrangeiro vestido de bermudas
E pele festivamente tostada
Até o dia que chegando ao portal da caverna
Tive meus olhos ofuscados
Pela claridade da luz do sol do mundo
Então as cores ficaram mais claras
De tonalidades mais escuras
E vi melhor
Pelo menos eu quis ver assim
Deixei que a pele sôfrega e impermeabilizada,
Envolvesse o coração
E foi tão bom
Um surto ou outro de febre
Parecia trazer de volta a enfermidade
Mas agora só me restam reminiscências felizes
A vastidão do deserto e o resto do meu tempo
Em silêncio e sem curiosidades...

Abissal

Pioneiro,
Sendo o primeiro,
A rasgar o tabu,
Abrindo o mundo inteiro,
O que nunca fora explorado,
Para o óbvio céu azul,
Convencida pela insistência,
Vai sofrer a experiência,
Com fadada curiosidade,
Fria e tensa,
Judiação e perversidade,
Enterrando a última castidade,
O que é o melhor?
Ou o que é pior?
Qual a dor eleita?
Aquela intensa e fugaz,
Ou a intermitente e maleita?
Serão sensações iguais?
Que se rompa de vez,
A resistência de uma vida,
Ou a aproximação amortecida,
Com resoluta polidez?
Devorada a prenda,
O assaltante acomodado,
Soluça em espasmos ritmados,
Alagando, inundando a fenda,
Num choro emocionado,
Lágrimas pelo fim de uma lenda,
O guerreiro agora descansado,
Recolhe-se tímido e lasso,
Lhe derruba num abraço,
E agora repousam de lado,
O bandeirante sentindo-se orgulhoso,

Arrisca palmadinhas e mordiscadas,
Recompensa por sua empreitada,
Alegria relaxada depois do gozo,
E ela, meio que envergonhada,
Sorri para seu amor guloso,
Agora já suspira aliviada,
E mente entusiasmada,
Que tudo foi maravilhoso...

Alquimia

Perdi a esperança
Nos belos pensamentos
Eles não se sustentam em versos
Em textos prosaicos ou dramáticas poesias
Sensibilizam-se desde que distante
E depois se esquecem
Ou talvez o ator não transmita a sensação
Vive-se de emblemas
Ecos de uma vulgaridade que triunfa
Por essa repetição mecânica
De causas simuladas
Com ingênua sinceridade
Sofismas convenientes
São soldados obedientes
Que lutam para serem escravos
A justiça do mundo novo
É a que a suprime, e oprime
Anunciando-se libertadora
Ah, liberdade,
Por que a palavra generosa me entedia?
Em um tempo de ideais distorcidos por oficio
Convicções úteis
Enfim foi revelada a pedra filosofal
Onde tudo é ouro
E portanto, nada tem mais valor...

Anfitriã

"À ruptura dos limites, atribuímos, se preciso, a forma de um objeto. Esforçamo-nos por tomá-la como um objeto." (Georges Bataille)

Anfitriã

Quanta mais ácida
A maçã
Em cesta proibida
Brilhosa, atraente
Muito mais apetitosa
Boca bonita
Gentil e voraz anfitriã
Ela se oferece interdita
Para encantar a serpente
Separo, deixo o amor guardado
Objeto que tudo se torna
Carne nua, carne crua
Carne sua
Naquilo que se transforma
Adjetivo em substantivo
Escravo e senhor
Criada e senhora
Morro enquanto vivo
Grota que me devora
Quero viver, quero morrer
Assim, assim, agora...

Encoberta

Sórdidos pensamentos
Que a clara luz da consciência
Sufoca no berço
De modo que se ocultam
No lado obscuro da mente
Na presença ou na solidão
Subitamente
Eles brotam com insistência
Malgrado ela os afaste
Com um mudo não
Que quase se ouve
É tudo secreto, é proibido
Um desejo bem escondido
Que não admite seu coração
Pulsa a sua calma
Enrubesce sua alma
Seu beijo quer violência
Com a impaciência de um vulcão
Pouco a pouco
O calor arrefece
Lança nas sombras da inconsciência
Cada vestigio de sua paixão
Pelo medo
Segredos fingem dormir
Acende-se a noite, dorme
Encobre-se com o manto da razão

Passageiro

"Logo se deu conta de que a realização de seus desejos lhe proporcionava apenas um grão de areia da montanha de felicidade que havia esperado...em sua alma se erguiam os desejos de desejos: o tédio" (Liév Tolstoi-Ana Karenina)

Não importa
Que se veja o mundo
Da montanha mais alta
Ou a mais bela paisagem
Nada disso lhe conforta
Logo a tudo se acostuma
A tudo se entedia
De que lado do trem
A viagem é mais bela
Essa vista
Ou a vista da outra janela?
Desse ou o do outro lado?
A beleza das montanhas
Ou a vista do oceano?
Tudo aqui é passageiro
Um dia depois da vitória
Mudou a história
E já é cotidiano
Ontem é um dia que já passou
Enquanto hoje se apressa para passar
Já nos apressamos para outro ano
Enquanto nada satisfaz
Nunca terá paz
Até cair o pano...

O Acaso

"Sentiu-se triste como uma casa sem móveis" (Gustave Flaubert-Mme Bovary) Um sonho de arribação Como muitos versos este foi condenado A ser esquecido em uma anotação Costumava ser assim Um paradoxo como são as mulheres Ora era uma desconhecida Ora se pensava conhecer Sua pele se fazia impermeável Seu gosto era insípido Embora sentisse sabor No que era deleite Porque tudo lhe tinha A importância do acaso Folhas que passavam na correnteza Ao alcance da mão Só possuíam graça ou beleza Se merecessem o esforço da inclinação Mas ela queria O porque, qual a razão Um paradoxo como são as mulheres Mesa posta para tantos talheres Tudo arrumado Somente para exposição Sentou-se pelo convite Por apetite ou por obrigação...

Dionisiacas

"E teu corpo se alonga e se inclina, tal fino navio que oscila e seus mastros declina, no mar correntio" (Charles Baudelaire/ Flores do mal)

Dionisíacas

Deve estar no céu
Firma com a mão meu telescópio
Lentamente retira o véu da frente da lente
E vê um caleidoscópio
Em meio a Lua e a estrela
Escolhe ambas para vê-las
Brincam na escuridão prateada
Descem ao oceano
Para afogar a nudez desvelada
Sonho profano
Rotações, translações
Vértices invertidos, vórtices divertidos
Abluções
Brincam até a madrugada
O dia vem e interrompe a fantasia
Cego de luz
Veste o capuz
E termina a poesia...

Cinzas

"Se não podes entender, crê para que entendas. A fé precede, o intelecto segue." (Santo Agostinho)

Não se pode
Reduzir a vida à razão
Viver é viver o tempo
Sem procurar solução ou exemplo
Não há certeza, nem futuro
É preciso admitir e ser honesto
Que aqui não há esperança
E para além, estamos reféns
Somente para a fé existe um salto
Mas francamente
Quem não é incompleto
Quem de vontade sã
Fecharia os olhos completamente
E do alto, confiança plena
No abismo se lançaria amanhã
Provavelmente apenas,
Quando e onde a estrada termina
Por iluminação divina ou por aflição
À razão a vida não se reduz
Talvez Paixão e Cruz
Sejam a explicação...

Dialética

"O pão é indiscutível: o homem se inclina a quem lhe dá o pão". (Fiódor Dostoievski)

Se o Mal lhe favorece
Ele agradece
Então lhe parece bom
É justo, lhe cabe
É do seu talhe
Merece pelo seu dom
Afinal, ficou tão elegante
Sua consciência silencia
A coerência é irrelevante
Se convence da sua inocência
Paciência, qualquer um faria
Pecado e virtude acabam na mesma sepultura
Por que não uma sinecura?
Qual o mal da simonia?
Se Deus existe
Adia a discussão para outro dia
Sua fé resiste
Confia em ser absolvido no final
Senão, tudo então será igual
Lá fora, a vida não demora
Tudo lhe parece normal...

Minha Mãe

MINHA MÃE

Minha mãe morreu pela segunda vez e definitivamente nos meus braços. Acho que ela planejou isto. Ou Alguém planejou. Havia sofrido a primeira morte quando meu pai se foi após cinquenta e dois anos unidos em um casamento feliz. Depois disso se entregou ao envelhecimento e ás doenças. Primeiro um tumor de retroperitônio que decidimos sabiamente não operar. Não deu em nada. Graças a Deus. Depois um tumor altamente agressivo de mama que foi resolvido mais uma vez com a Graça de Deus e dos médicos que a trataram. Por fim uma doença neurológica degenerativa foi tirando suas forças. Não conseguia mais andar sem que não caísse. Caiu de todas as formas que alguém pode cair, mas assim como na vida dela, malgrado arranhões, equimoses e hematomas levantava sofrente e gemente, mas incólume. Passou a ter dificuldade em falar, com isso perdeu o comando da família o que sempre fez com uma certa tirania maternal com prazer e desinibição. Passou a ter dificuldade em engolir. Gulosa, autora da frase que me definiu para sempre a razão do fadado insucesso de qualquer sonho de socialismo, "quem é que não gosta de comer gostoso", ou seja, ninguém quer comer só pela fome, também quer e merece o prazer do sabor e da sofreguidão, entre acessos de tosse por leves aspirações, seus bocados ingeridos passaram a ser tormentos, grandes esforços. Até mesmo sorvetes, que sempre lhe deram grande prazer necessitavam de nossa ajuda, pois nunca comeu nada lentamente. Nem fez nada lentamente na vida. Tinha pressa de viver. Não por prazer de ser assim. Era apressada de berço.

Sempre foi dura. Muito, mas muito mesmo, desconfiada. Não me recordo na infância ter me abraçado ou me beijado o que ela fez muito quando eu já estava adulto. Tinha uma visão de mundo muito realista para mim que era homem. Não me deixava entrar na cozinha. Não era lugar para homem. Na sua visão pragmática de mundo, não havia refresco para quem era homem no mundo. Tinha que ser responsável, trabalhador, resiliente, acima de tudo forte, não confiar em ninguém, "ninguém vai te dar nada de graça", era muito enfática nesse ponto, com todos os filhos e mais exigente comigo, o filho homem. Criava um provedor como meu pai o fora.

Eu queria fazer jornalismo, gostava das letras e das palavras. Foi definitiva: "Vai morrer de fome, emprego é dificil. A vida é dura, você é pobre, é inteligente, tem que aproveitar o dom". Fiz Medicina porque gostava muito de Biologia. Hoje não conseguiria fazer mais nada diferente do que faço. Assim que entrei na Faculdade passei a ensinar química em Alagoinhas. Recebi meu primeiro salário contentíssimo aos 19 anos. Rito de passagem. Numa Segunda Feira depois disso fui pedir a ela dinheiro para o transporte e merenda na Faculdade. Tranquilamente, friamente, enfaticamente, inapelavelmente, assim como uma mamãe passarinho empurra seus filhotes do ninho para que voem e ganhem o mundo com todas suas dificuldades e armadilhas, ela olhou pra mim e disse: "tem mais dinheiro para você não, você já está trabalhando, já tem salário". Agora era eu e o mundo. Cheio de brios não reclamei. Nunca mais me deu um tostão, pelo contrário passei a emprestar quando me pedia raramente. Mas não me lembro de guardar rancor disso. Pelo contrário, sua atitude me fortaleceu extraordinariamente para vida. Assim era minha mãe.

Assim, como disse, numa tarde de Domingo, ela morreu nos meus braços. Digo que foi planejado porque na semana anterior fui na casa dela programar o próximo final de semana que passaria comigo e enquanto a esperava sentado no sofá, ela apareceu propositadamente solta andando sem auxilio e penteando seu próprio cabelo e falando com menos dificuldade, o que me levou a exclamar silenciosamente "minha mãe está curada, Graças a Deus!". Mas não estava. Apanhei-a na Sexta. Ela se despediu de uma forma diferente de minha tia que iria viajar com minhas primas. As duas irmãs que ligaram seu destino numa mesma família durante mais de meio século, uma

como Mãe e outra como Tia, vitalina, prestimosa, e dedicada aos filhos de sua irmã, se despediam sem perceber que era a última vez. Talvez minha mãe soubesse. Não sei.

Passou o final de semana cansada, com uma leve dor no peito. Ansiosa por ver meu pai, mas ao mesmo tempo temerosa do futuro: "eu quero viver", como se a nostalgia prenunciasse a morte, ela me disse como se fosse uma súplica ou uma constatação.

O fato é que na noite de Sábado, nos dois sozinhos em casa, sentei ao lado dela na cama onde estava e de repente nos deu vontade de conversar sobre tudo, com uma nostalgia alegre. Rimos. Nos divertimos. Falamos com tristeza também. Revivemos tudo que foi lembrado. E foi muita coisa. Para sua satisfação ressaltei a importância dela na formação de seus filhos. Ela fez de tudo para que todos estudassem, mas nem todos cumpriram o destino que ela traçou para cada um de nós e sonhou. Assim a vida faz com as mães. Malgrado a luta de cada uma delas nem sempre são bem sucedidas. Mas tentam até o fim. No outro dia algum tempo após o almoço, ouvimos um gemido. Nos levantamos de um salto e encontramos ela com o terço na mão e rezando alto. Ela me olhou de uma maneira preocupada que nunca vou esquecer e perguntou: "acordei você meu filho?". Não, não tinha acordado minha mãe, estava lendo, não tem problema nenhum, me chame qualquer coisa, e voltei para o quarto. Alguns minutos depois faleceu. Eu e minha esposa, a nora que ela aprendeu a gostar admirar tanto como uma filha dedicada, com ajuda de vizinhos, descemos o corpo, sentadinha numa cadeira como se estivesse descansando. Morreu com um ar tranquilo que todos comentavam que nem parecia estar morta. Estava dormindo. Se me visse chorando feito uma criança no sepultamento talvez me censurasse: "homem não chora". Fui deliberadamente desobediente. Desculpa Mãe.

Superficial

"Ao reconhecer um de seus sintomas, relembramos e fazemos nascer os outros." (Marcel Proust)

Á noite
Procuro pensamentos de vida curta
Desses sem sentido
Que secam na nascente
Dos que morrem no berço
Nada que mergulhe além da superfície
Histórias sem história
Sem trajetórias ou roteiros
Sem personagens
Planícies sem planaltos
Avesso a sobressaltos
Labirintos que precedem o sono
Torvelinhos de ideias secas
O nada consecutivamente
Um abandono imposto
Exilio do inconsciente
Porque se chega sua imagem
Chantagem da consciência
Abre-se uma passagem
Sufoco o pensamento
Antes mesmo que respire
E conspire
Nascendo como sonho
E como consequência...

Humanidade

"Nós buscamos o proibido."(Ovídio) A pele, Não repele É preferível planejar a viagem Do que admirar a paisagem Novidade passageira Besteira Um corpo sem torto A emoção sem imaginação Veja de olhos cerrados O inferno incandescente O tempero É soltar o prisioneiro Serrar suas correntes Para que queime Tem que ser quente Espinho de flor inacessível Fruto venenoso, dizem De sabor indescritível É certo, é errado Pecado Necessário o medo Para aproveitar o brinquedo...

A Maldição do Neandertal

"Sei que para o Poeta guardais um lugar nas fileiras felizes das santas legiões, e a uma eterna festa o vais convidar, a dos Tronos, Virtudes e Dominações" (Charles Baudelaire)

Os escritores contemporâneos e os do futuro carregam o ônus pelo bônus, presenteados que foram pelos escritores que os antecederam, por isso não existe saída, ao artista é mandatório, é preciso ser original. E quão difícil isso é, acredite.

Há uns setenta mil anos atrás um Neandertal rude, um troglodita sensível e inspirado exatamente naquela manhã de primavera (ele ainda não sabia que havia uma estação, apenas já desconfiava, e que ela seria batizada assim, primavera), ao abrir a janela pétrea e maciça da sua confortável caverna rolando a rocha, subitamente se deparou com o rebento de uma rosa vermelha e sobre ela drapejando uma borboleta colorida, o raio de sol como pano de fundo a iluminar esse cenário bucólico. Não se sabe porque, aquela imagem naquele dia lhe pareceu diferente causando-lhe um lampejo, dardejou-lhe uma epifania, fazendo com que voltasse rapidamente para o interior da gruta em busca de suas ferramentas para moldar, pintar, gravar, quem sabe qual ideia lhe veio primeiro, nas paredes da fria rocha, fria não, glacial, lembrou nosso homem das cavernas imaginando corrigir mentalmente um narrador do futuro, com um sorriso também glacial para combinar com seu aconchegante refúgio, e inscreveu com traços rupestres (assim chamaram os arqueólogos setenta mil anos depois), marcas até hoje só decifradas por nossa imaginação: "hoje acordei e ao abrir a janela me deparei com uma linda rosa vermelha sendo visitada por uma borboleta colorida e iluminada por um raio de sol", recuou e admirou o que tinha "escrito" manchando as paredes com suas mãos pintadas diante de algumas testemunhas perplexas com aquele comportamento estranho, boquiabertas, que juraram ter visto (embora não existam registros confiáveis do fato) uma lágrima rolando do rosto daquele macho alfa reprodutor que sem saber se encaminhava para a extinção, deixando no entanto uma memória de sua sensibilidade. Assim nascia a poesia.

A partir de então as primitivas professorinhas neandertais passaram a ler e ensinar o texto para os neandertaizinhos como ditado, dever de casa, assunto de prova etc., etc. e, detalhe importante, as subsequentes gerações de neandertais, cro-magnons, homo sapiens, homem moderno, em se deparando com uma mesma tela deslumbrante dessas que teria sensibilizado o nosso herói dos primórdios da evolução, se inspirados por ela, passaram a ter a obrigação, o encargo, a incumbência de descrever a mesma cena ancestral só que agora de uma maneira nova, criativa, diferente, original, evitando enfadar seus leitores repetindo tudo do mesmo modo que o primeiro poeta, e quando não conseguindo, inauguraram o pieguismo, o estilo mais corriqueiro e repetitivo utilizado pelos artistas que não sofreram a mesma epifania de nosso sensível ancestral, ou pensaram que sim.

Daqui a outros 70.000 anos, nossa época primitiva (para os homens futuros) será lembrada como o tempo em que o ser foi substituído pelo parecer, o tempo das aparências e da trivialidade da arte. Não tem tanto tempo que quando um filme ou um livro não despertava o dom da unanimidade da maioria, pleonasmo proposital já que a unanimidade na arte é impossível, suscitava o comentário, não vi ou não li e não gostei, um juízo mal humorado que adaptado aos novos tempos se modificaria facilmente hoje em dia para não vi e não li, mas adorei. Não tem muito tempo também uma artista conhecida, representante da fina flor da arte baiana, interrogada sobre a obra do extraordinário João Ubaldo comentou surpresa com a pergunta do repórter que nunca tinha lido nada dele, mas uma irmã tinha lido e gostado.

O fato é que com o advento das redes sociais (ao menos no Brasil), no que se refere a arte literária, aflorou visivelmente uma disparidade na proporção inversa entre autodenominados leitores e escritores na estimativa do dobro ou o triplo. Explico. Metade da população brasileira não lê, um terço dela nunca comprou um livro, e dos que leem uma parcela significativa não consegue concluir a leitura, comprar um livro, uma extravagância, ou seja, ler é uma exceção, não uma regra, mas escrever se tornou uma facilidade ao alcance de todos. Todos esses escritores carregam consigo a responsabilidade, a maldição do primeiro artista neandertal.

Atração

"Talvez esse nada é que seja verdadeiro, e todo nosso sonho é inexistente" (Marcel Proust)

Enquanto foge
É atraído
Gravidade irresistível
Astro ferido
Colisão fatal anunciada
Embora não saiba
Segue atrás
Com a alma hipnotizada
Imantado na superfície
Trêmulos domos
Cativantes pomos
Entre planaltos os vales
No vale, a planície
Sem dono
Ela atrai
O que ele não trai
E ninguém sabe
Astro cadente
Cai de repente
Impacto profundo
O mundo que se acabe...

Medieval

"A razão pública estava perturbada, como depois das grandes revoluções da natureza. Gente de espírito ficou idiotizada para o resto da vida" (Gustave Flaubert)

Não conseguem pensar
Além da velha receita de bolo
Tolos, pensam
Não ganharão recompensa
Vênus se deforma
Para entrar em forma
Tempos estranhos
Onde menos é mais
E pesadelos são sonhos
Estranhamente iguais
Diatribes para os mansos
Palminhas para o inventor da roda
Quadrada, é o que está na moda
O credo da manada
Ajudam a puxar o carro
Alimárias dóceis
Conduzindo ídolos de barro
Fósseis já enterrados
Zumbis ressuscitados
Cinzas que se derramaram apodrecidas
Quando quebraram o jarro
E se quedaram a desfolhar a margarida
Em um bem me quer bizarro...

Gourmet

Se há coisas que exigem véus, são os véus que despertam a curiosidade e a perdição. Quais coisas não se pode saber pois estão rigorosa e hermeticamente ocultas em cada cabeça, cada consciência, cada forma de pensar. Que espécie de pensamentos proibidos são guardados, confinados, escondidos e não revelados ao mundo por constrangimento e pela vergonha (pelo simples fato de estarem lá), valores morais, convenções sociais, mantos, amarras, correntes, tantos ardis dissimulados esforçadamente tentam conter um prisioneiro perigoso, que, de quando em vez aflora feliz com a súbita liberdade, escapa, sai para passear, mexe e incomoda o arcabouço da virtude, desencadeando a liberação de torvelinhos de hormônios conhecidos e outros tantos misteriosos, ainda desconhecidos, atribulando o espírito causando imenso prazer e culpa, num grau maior ou menor a depender do substrato humano, da arrumação ao acaso de cadeias de aminoácidos, de um alfabeto biológico acidental ou predeterminado (mistério indecifrável), nomes que lhe atribuem, o instinto, o inconsciente, um caleidoscópio de atitudes associado a crenças do que foi ensinado ou do que se aprendeu, um caldo denso e abundante de fatores e circunstâncias que tornam o comportamento humano único e imprevisível, se resumem a um intervalo de tempo infinito entre duas sentenças, do fazer e do não fazer. Subitamente ressurge a mesma sensação de uma criança ávida de curiosidade e aventura que salta um muro, interdito desafiador, subindo em galhos altos quebradiços e traiçoeiros, na busca do sabor de uma fruta que não lhe pertence em um terreno perigoso e proibido, meramente uma mesma fruta, igualzinha sem tirar nem pôr, que pode comer sem sobressaltos oferecida pelas mãos confortáveis e seguras do cotidiano doméstico, mas cuja empreitada sinistra e eletrizante cria essa sensação para tornar na sua mente a missão possível em impossível, aumentando assim o prazer da conquista, lhe faz atribuir àquela iguaria um sabor exótico e original. Eis o sabor da vida. O erotismo que os outros animais ignoram (assim parece), se revela na natureza humana, se descobre, a gastronomia da luxúria, o homem gourmet da profanação.

César

"Se nada é verdadeiro nem falso, bom ou mau, a regra será mostrar-se o mais eficaz, quer dizer, o mais forte...o mundo estará dividido em senhores e escravos." (Albert Camus)

César após César
Khan após Khan
Mesmo uma noite
Que aparente ser infinita
Um dia será amanhã
Mas o sol não nasce para todos
Muitos se alimentarão da escuridão
Nem todos verão a alvorada
Pobres judeus, pobres cristãos
Todos os homens que viveram a hora errada
É uma longa espera
Ah, essa manhã demorada
Enquanto uns aplaudem as feras
Para outros não haverá salvação
E mesmo que venha a madrugada
A história será sempre igual
Sendo o Bem ou sendo o Mal
O tempo desdenha a opinião...

Gourmet (continuação)

De modo que como dizia o saudoso cego Faustino em Cabrobó, a verdade nunca ninguém vai saber, porque a quem interessa a verdade? E de fato ninguém sabe, nem saberia, se não fosse o desprendimento dos personagens da literatura. Somente eles cuja existência assoma e se eterniza em um enredo, em uma trama, exceto em textos de realismo fantástico, são os únicos seres verdadeiramente autênticos, reais, já que por não existirem em carne e osso estão livres da censura social, do policiamento moral, da culpa e da vergonha, do julgamento. Adorados ou odiados, porém sem pecado. Para eles sempre haverá salvação e imortalidade. No entanto alguém terá que levar a culpa disso tudo, alguém terá que pagar pelas transgressões desses seres imortais e irresponsáveis que vagueiam impunes por páginas e mais páginas, todo esse fardo será transferido para aquele que os cria, seja de histórias contadas, ouvidas ou lidas que alimentam a imaginação, nada sendo original, tudo sendo digerido e transformado. O autor lhes fornece livre arbítrio, mas assume suas penas. Os personagens que falam e pensam, são infinitamente mais reais que os personagens que interagem em sociedade, estes escondem a imensa maioria dos seus juízos, da sua verdadeira essência. É nos romances, nos contos, nas novelas, que fulanos e beltranos ganham voz e contam suas histórias com a segurança de permanecerem anônimos, sempre espectador, nunca autor, é do outro que se está falando, e assim leitor e autor podem viver e sentir tudo, personagem real anônimo e resguardado. Só assim é possível conhecer através dos relatos e confissões os segredos de nossos protagonistas, de outra forma eles não nos contariam, provavelmente não contariam nem ao seu confessor mais íntimo. Óbvio que não se trata de um comportamento exclusivo dos atores da trama. Para assegurar seu recato e compromisso com a decência, para que saibam que se importam, ritos sociais foram criados, encontros de casais, círculos religiosos, ordens, fraternidades, vetustos cidadãos, casais indissociáveis, senhoras resvalando a meia idade expondo peitos exuberantes de natureza semelhante ao seu comportamento social, todos ciosos do seu papel social, descendentes decadentes do Faubourg de Saint Germain, reúnem-se regularmente em uma salada de fragmentos de inveja, ressentimento, perfídia, ambição, desonestidade, competição, dissimulados por sorrisos cordiais que sonegam as verdadeiras impressões, ácidas e críticas, contra as quais ninguém (nem os próprios observadores) estará imune. Óbvio que seria leviano atribuir simulação a tudo que se passa nessas reuniões, pelo contrário, mas a virtude é sempre pública e a maledicência é furtiva, assídua frequentadora do chá das cinco. Á noite todos os gatos são pardos porém á luz do dia as cores são mais evidentes. Por sorte a mente e seus pensamentos são impenetráveis senão todos os círculos do Inferno de Dante seriam insuficientes para abarcar a humanidade.

Da Arte de Escrever

"Duas almas habitam no meu peito, uma da outra separar-se anseiam: uma com órgãos materiais se aferra... outra quer a força elevar-se às alturas de sua excelsa origem." (Fausto-Goethe)

Já vai longe o tempo em que a poesia se curvava ao rigor da matemática, versos alexandrinos, pacotes perfeitos de pensamentos, sílabas na ponta dos dedos. De repente a escrita rompeu os grilhões dos senhores da técnica e se tornou a arte mais simples de todas, sendo suficiente uma caneta ou editor de textos, um pensamento e nada mais. Regras? Perguntem a Saramago como conseguiu ganhar um Nobel escrevendo um livro praticamente sem respirar, inimigo visceral das vírgulas, fôlego da língua portuguesa. Em todas as outras artes, noções de técnicas específicas são de extremo valor no auxílio da criação e improvisação no ato de pintar, esculpir, cantar, fotografar, representar. No ato de escrever conta o talento de se expressar e seduzir com sua expressão. Manter o leitor no texto e convence-lo que vale a pena conhecer o final. A fluência com que as palavras se derramam e a singularidade de como se arrumam como um cubo mágico de letras para que ideias e sensações comuns a todos os seres humanos possam surpreender, o mesmo visto de forma diferente, simples, verdadeiro, natural e original. Proust foi um bom exemplo disso, um arquétipo na criação de metáforas, Bulgákov, e o seu lirismo autêntico, sem um traço sequer de pieguismo, a náusea da literatura.

Por ser fácil e de forma literal estar a mão, a arte de escrever atrai um número incontável de candidatos a escritores, processo alavancado pelo surgimento das redes sociais, e eis que emerge nesse século um fenômeno surreal, único na história da humanidade: de repente o número de escritores parece imensamente maior do que o de leitores. De que forma então um escritor/poeta poderá saber se seus escritos de fato possuem os adjetivos daquilo que se costuma chamar de arte? A opinião dele próprio se caracterizaria como sério conflito de interesses. Seria então o julgamento atencioso dos colegas escritores/poetas e amigos, aqueles que comparecem ao lançamento de seus livros ou que deixam gentilmente palminhas entusiasmadas nas redes sociais? O artista seria um ingrato se não se sensibilizasse com esses sinais de estima, mas se assim não fosse certamente não seriam colegas nem amigos. Quem sabe as editoras, pena que já não vivemos nos tempos áureos da Galimard. Um amigo meu conheceu certa feita o corpo editorial de uma dessas famosas editoras, e surpresa, a idade aparente das componentes do grupo sinalizava ao menos que Saint-Exupéry haviam lido, mas não Terra dos Homens ou Piloto de Guerra, provavelmente e exclusivamente o Pequeno Príncipe. Numa Feira do Livro dessas, no estande da editora, esse mesmo escritor fez par no seu horário com uma autora de um manual para cuidados de pets. Mais tarde desistiu de publicar quando foi chamado de "cliente" pela editora-chefe, ato falho imperdoável, indelicadeza para alguém que se alimenta de sonhos. Desse modo as editoras também não são uma boa referência para um julgamento confiável.

Kafka, considerado por muitos o maior autor da literatura ocidental só se tornou conhecido dois anos após sua morte. Bulgákov somente trinta anos depois. Joyce cansou de ter seus escritos recusados (perfeitamente compreensível para quem já tentou ler Ulisses), Proust teve o primeiro volume de sua obra-prima (Em Busca do Tempo Perdido) recusado pela própria Galimard. Anos depois ganharia o Nobel. O artista, portanto, não deve desanimar, quem gosta de escrever não vai parar de escrever pelo dilema se é joio ou se é trigo, mas terá que se resignar com o fato de que o único juiz infalível para sua obra será a eternidade.

Voraz

"De repente é a alegria dos corações de ceder ao excesso dessa tempestade" (Georges Bataille)

Abandonada ao altruísmo
Distante e obstinada
Em um exílio proposital
Venerável canibalismo
Indulgência animal
Drenava emoções
Num sismo crescente
Em cadenciados sezões
Repetindo o que sente
Uma onomatopeia cadenciada
Magma, magma, magma
Magma quente, magma fervente
Tendo em resposta o silêncio tenso
Mártir condescendente
Alma angustiada
Prestes a explodir
A lava quase na superfície
E logo toda a terra treme
A alma estremecida
Erupção cumprida
Tudo quer sorrir
Mas a natureza geme

Suspiros

"É uma longa história e no entanto parece que mal começou" (Friedrich Nietzsche)

Mesmo que seja certo
Quem acredita
Se está longe ou perto
Imprevista desdita
O hábito traz o esquecimento
A estrada parece tão longa
E interminável
Que não se pensa no destino
Nem o alcança o pensamento
Quer dizer
Sabe-se por ouvir falar
E fala-se tanto
Tocam-se os sinos
Que afora alguns poucos
Impacientes pela espera
Esquecidos do cotidiano
Esmagados por essa atmosfera
Todos os outros nele estão imersos
Vivos, cegos e desmemoriados
Com os pés sujos de terra
Crédulos de esperança e firmamento
Seguem determinados
Nos sorrisos e nos lamentos
Certos de sobreviverem à guerra...

Em sucessão

"A noite é também um sol" (Friedrich Nietzsche)

Retira da gaveta
Lembrança guardada
Numa memória metálica
Réplica de sua estatueta,
Sulcada, lavrada
Na substância cinzenta
O que ocasionalmente aflora
E que aos poucos aumenta
Como a ferramenta de uma ilusão
Ganha a luz do dia
Agitação arredia
Na sombra, na penumbra,
A companhia da solidão
O silêncio desculpa a culpa
Concentra e alimenta
A ousadia, a orexia da transgressão
Os movimentos se movem
Se seguem os pensamentos
Imagens ditas e interditas
Se mostram em sucessão
O que vejo é só desejo
De que ele visse e descobrisse
Sua travessura e satisfação
Seu riso é um presente
É uma cura, uma escultura
Um rochedo adolescente
Que se quebra em vidro
Em sua mão

Férias

"...pensamento secreto que não se há de traduzir por palavras,mas que poderá subir das profundezas por nós remexidas à superfície um instante alterada do olhar" (Marcel Proust)

Incompleto pensamento
Ainda nem acabei o que comecei
E nem sei se vou acabar
Ou as ideias se sucedem
Em camadas desarrumadas
A seguinte atrapalhando a precedente
Sem que signifique nada
Só por querer estar na frente
E se desvanece no ar
Empurrada pela que vem atrás
Como se pode pensar
Como se pode ter paz
De súbito uma muralha
Nada se pensa, nada se cria
A inteligência vazia
A consciência falha
A coisa ficou mais séria
Esse não sou eu
Ou o não sou eu
É o que restou
Então, onde está Romeu?
Teria tirado férias?
Dele, ainda se vê a matéria
Mas a chama se apagou...

Ítaca

"O sentimento se contentou a fremir dentro dele sem que se pusesse em marcha" (Prost- Em busca do tempo perdido)

O mar convida

Ondinas beijam seus pés

Atraídos pela areia

Passeiam pela água cristalina

Vitrinas translúcidas, transparentes

Que lhe dizem: venha

Ulisses ouve o chamado de Circe

Adivinha o canto das Sereias

Uma inefável claridade

De um amarelo radiante e comovente

Invade sua vontade

Com a esperança do sol poente

Tudo lhe promete felicidade

Como uma senha

Vai acontecer, mas não acontece

Então a noite cai

A maré que veio, vai

Ulisses esquece

Algo lhe distrai

Ao longe a tempestade brama

Turva as águas da arrebentação

Ulisses se volta, Ítaca lhe reclama

Calendário

"E depois, e depois?" (Charles Baudelaire)

Insípidos
São todos os dias necessários
Em conferir o calendário
Para ver o sol surgir
Fúlgido, tépido, rápido
Contentando-se com o calor
O sabor da proximidade
Sem a necessidade de possuir
E ainda é bom assim
Contam-se os dias
Em estações regulares
De frio e abandono sem fim
Atrás das nuvens
Esconde seu cotidiano e rosto
Véu fosco
Sente-lhe o gosto
Diáfano à luz da imaginação
Pois está lá, mas aonde?
A gravidade é a atração
O ruído do vento responde
Verão ou não verão...